

“(…) Com essas publicações, busca-se conceder voz a esses estudantes e ampliar sua visibilidade nas universidades públicas e em outros espaços sociais. Esses livros trazem os relatos sobre as alegrias e lutas de centenas de jovens, rapazes e moças, que contrariaram a forte estrutura desigual que ainda impede o pleno acesso dos estudantes mais pobres às universidades de excelência do país ou só o permite para os cursos com menor prestígio social.”

Ricardo Henriques

Secretaria de Educação Continuada,
Alfabetização e Diversidade - SECAD

Ministério
da Educação



Caminhadas de universitários de origem popular

UFAM Universidade Federal
do Amazonas

UFAM

Caminhadas

de universitários de origem popular

ISBN 85-89669-12-2



9 788589 669122

Caminhadas

de universitários de origem popular

UFAM

Copyright © 2006 by Universidade Federal do Rio de Janeiro / Pró-Reitoria de Extensão.
O conteúdo dos textos desta publicação é de inteira responsabilidade de seus autores.

Organização da Coleção Jailson de Souza e Silva
 Ana Inês Sousa

Coordenação Editorial Jorge Luiz Barbosa

Programação Visual Seção de Produção Editorial da Extensão / PR-5 / UFRJ
 Coordenação: Claudio Bastos
 Anna Paula Felix Iannini
 Thiago Maioli Azevedo

Revisão de Textos: Simone Maria de Paiva Martins

Imagem da Capa: www.visipix.com

C183 Caminhadas de universitários de origem popular : UFAM / Érica Lúcia Félix de Araújo... [et al.]. – Rio de Janeiro : Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pró-Reitoria de Extensão, 2006.

120 p. ; il. ; 24 cm. – (Coleção Caminhadas de universitários de origem popular)

Ao alto do título: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Programa Conexão de Saberes : Diálogos entre a Universidade e as comunidades Populares.

Parceria: Observatório de Favelas do Rio de Janeiro.

ISBN: 85-89669-12-2

1. Estudantes universitários – Programas de desenvolvimento – Brasil. 2. Integração universitária – Brasil. 3. Extensão universitária. 4. Comunidade e universidade – Brasil. I. Araújo, Érica Lúcia Félix de. II. Programa Conexões de Saberes : Diálogos entre a Universidade e as comunidades Populares. III. Universidade Federal do Amazonas. IV. Universidade Federal do Rio de Janeiro. V. Observatório de Favelas do Rio de Janeiro.

CDD: 378.81

Ministério da Educação
Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade
Programa Conexões de Saberes: diálogos entre a universidade e as comunidades populares

Caminhadas

de universitários de origem popular

Rio de Janeiro - 2006



Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministério da Educação

Fernando Haddad
Ministro

José Henrique Paim Fernandes
Secretário Executivo

André Luiz de Figueiredo Lázaro
Secretário Executivo Adjunto

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - SECAD

Ricardo Henriques
Secretário

Departamento de Desenvolvimento e Articulação Institucional

Francisco Potiguar Cavalcante Junior
Diretor



Programa Conexões de Saberes: Diálogos entre a Universidade e as Comunidades Populares

Lidia Rochedo Ferraz
Coordenação Geral na Universidade Federal do Amazonas

Selma de Jesus Cobra
Coordenação Adjunta na Universidade Federal do Amazonas



UFAM

Universidade Federal do Amazonas

Hidembergue Ordozgoith da Frota
Reitor

Gerson Suguiyama Nakagima
Vice-Reitor

Marcia Perales Mendes Silva
Pró-Reitora de Extensão e Interiorização

Instituição Parceira:



Observatório de Favelas do Rio de Janeiro

Dalcio Marinho Gonçalves
Coordenação Técnica da Coleção
"Caminhadas de Universitários de Origem Popular"

Coleção

Caminhadas

de universitários de origem popular

Autores

Ana Cláudia Ferreira da Costa
Anna Suellen Salazar Pedrosa
Anderson Clayton da Silva Wolff
Ceiza Regina Ribeiro da Silveira
Érica Lúcia Félix de Araújo
Glória Alegria dos Santos Coelho
Herbert Santana Garcia Oliveira
José Iderclei Barriga de Souza
Joselma Vanessa da Silva
Jubison Ferreira Menezes
Lediane Sales da Silva
Leiriane Souza Leal
Luciana Conceição de Oliveira Matos
Maria Auxiliadora dos Santos Reis
Mariele Mota Brito
Susianne Gomes da Conceição
Tânia Maria Barroso Ferreira
Verenice Silva de Souza

Prefácio

A sociedade brasileira tem como seu maior desafio a construção de mecanismos que permitam, sem abrir mão da democracia, o enfrentamento da secular desigualdade social e econômica que caracteriza o país. E, para isso, a educação é um elemento fundamental.

A possibilidade da educação contribuir de forma sistemática para esse processo implica uma educação de qualidade para todos, portanto, uma educação que necessita ser efetivamente democratizada, em todos os níveis de ensino, e orientada, de forma continuada, pela melhoria de sua qualidade. No atual governo, o Ministério da Educação persegue de forma intensa e sistemática esses objetivos.

Conexões de Saberes é um dos programas do MEC que expressa de forma nítida a luta contra a desigualdade, em particular no âmbito educacional. O Programa procura, por um lado, estreitar os vínculos entre as instituições acadêmicas e as comunidades populares e, por outro, melhorar as condições objetivas que contribuem para os estudantes universitários de origem popular permanecerem e concluírem com êxito a graduação e pós-graduação nas universidades públicas.

Criado pelo MEC em dezembro de 2004, o Programa é desenvolvido a partir da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD-MEC) e representa a evolução e expansão, para o cenário nacional, de uma iniciativa elaborada, na cidade do Rio de Janeiro no ano de 2002, pela Organização da Sociedade Civil de Interesse Público Observatório de Favelas do Rio de Janeiro. Na ocasião constitui-se uma Rede de Universitários de Espaços Populares com núcleos de formação e produção de conhecimento em várias comunidades populares da cidade. O Programa Conexões de Saberes criou, inicialmente, uma rede de estudantes de graduação em cinco universidades federais, distribuídas pelo país: UFF, UFMG, UFPA, UFPE e UFRJ. A partir de maio de 2005, ampliamos o Programa para mais nove universidades federais: UFAM, UFBA, UFC, UFES, UFMS, UFPB, UFPR, UFRGS e UnB. Em 2006, o Ministério da Educação já assegurou, em todos os estados do país, 32 universidades federais integrantes do Programa, sendo incluídas: UFAC, UFAL, UFG, UFMA, UFMT, UFPI, UFRN, UFRR, UFRPE, UFRRJ, UFS, UFSC, UFSCar, UFT, UNIFAP, UNIR, UNIRIO e UNIVASF.

Essas universidades, a partir do Conexões de Saberes, passam a ter, cada uma, ao menos 25 universitários que participam de um processo contínuo de qualificação como pesquisadores; construindo diagnósticos em suas instituições sobre as condições pedagógicas dos alunos de origem popular e desenvolvendo diagnósticos e ações sociais em comunidades populares. Dessa forma, busca-se a formulação de ações voltadas para a melhoria das condições de permanência dos alunos de origem popular na universidade pública e, também, aproximar os setores populares da instituição, ampliando as possibilidades de encontro dos saberes destas duas instâncias sociais.

Nesse sentido, o livro que tem nas mãos, caro(a) leitor(a), é um marco dos objetivos do Programa: a coleção “Caminhadas” chega a 14 livros publicados em 2006, reunindo as contribuições das universidades integrantes do Conexões de Saberes em 2005. Em 2007, teremos 18 novas obras, que reunirão os relatos dos estudantes das universidades que ingressaram no Programa em 2006. Com essas publicações, busca-se conceder voz a esses estudantes e ampliar sua visibilidade nas universidades públicas e em outros espaços sociais. Esses livros trazem os relatos sobre as alegrias e lutas de centenas de jovens, rapazes e moças, que contrariaram a forte estrutura desigual que ainda impede o pleno acesso dos estudantes mais pobres às universidades de excelência do país ou só o permite para os cursos com menor prestígio social.

Que este livro contribua para sensibilizar, fazer pensar e estimular a luta pela construção de uma universidade pública efetivamente democrática, uma sociedade brasileira mais justa e fraterna e uma humanidade a cada dia mais plena.

Ricardo Henriques
Secretário de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade
Ministério da Educação

Sumário

Apresentação	9
Parte 1 – Só se for agora!	
Um pouquinho exagerada, mas normal	
<i>Érica Lúcia Félix de Araújo</i>	15
História de pescador	
<i>José Iderclei Barriga de Souza</i>	23
O desejo de ingressar numa universidade pública	
<i>Herbert Santana Garcia Oliveira</i>	30
Parte 2 – Água viva de banzeiro, água calma de remanso	
No caminho sempre há cravos e espinhos	
<i>Anderson Clayton da Silva Wolff</i>	43
Travessias de uma jovem acadêmica	
<i>Mariele Mota Brito</i>	53
História comum	
<i>Leiriane Souza Leal</i>	58
De Alto Alegre ao Médio Rio Negro	
<i>Anna Suellen Salazar Pedrosa</i>	61
Parte 3 – Travessias...	
Minha história, minha conquista	
<i>Susianne Gomes da Conceição</i>	75
Um memorial	
<i>Tânia Maria Barroso Ferreira</i>	81
Mestre, aquele que aprende	
<i>Lediane Sales da Silva</i>	86
Minhas mal traçadas linhas	
<i>Luciana Conceição de Oliveira Matos</i>	90
Meu caminho	
<i>Ana Cláudia Ferreira da Costa</i>	97
Parte 4 – Germinação	
Em poucas palavras	
<i>Verenice Silva de Souza</i>	104
Ninguém sabe ao certo como tudo começou...	
<i>Ceição Regina Ribeiro da Silveira, Glória Alegria dos Santos Coelho,</i> <i>Joselma Vanessa da Silva e Jubison Ferreira Menezes</i>	108
Educação popular: uma jornada de esperança	
<i>Maria Auxiliadora dos Santos Reis</i>	114

Apresentação

A trajetória dos alunos na região Norte está marcada pela presença do rio, por esta geografia desafiadora, pela precariedade de recursos tecnológicos nos seus interiores, pela imensa diversidade etnográfica, limbo de tradições e culturas legitimadas em suas essências, e de tantas populações ágrafas. Onde a possibilidade do ingresso na universidade se dá como um sonho, quase inatingível, lugar para poucos, na “Primeira Universidade Brasileira”.

Isso mesmo! Nos livros de história do Brasil, pouco se fala da história do Amazonas, pouco se sabe daqui por esses Brasis. A história da Universidade Federal do Amazonas inicia em 17 de janeiro de 1909, quando um grupo de homens, idealistas e ousados, irmanados de um forte espírito de construção coletiva, fundou a primeira universidade brasileira, a Escola Universitária Livre de Manáos, mais tarde denominada Universidade de Manáos, no coração da Amazônia, enfrentando todas as hostilidades que o amazônida aprendeu a vencer.

Hoje, seu *Campus* Universitário tem 6,7 milhões de metros quadrados, o que a torna uma das maiores áreas verdes urbanas do País. Nela são encontradas várias espécies da fauna – como preguiças, pacas, sagüis-de-coleira – e da flora, em meio a uma grande porção de mata virgem.

Tal fato nos remete ao valor histórico dessa instituição, como aquela intimamente responsável pela construção do saber local. Seu Selo tem, no centro, a confluência dos rios Negro e Solimões, com a cercadura dos ramos de café e tabaco, uma estrela e, no arco superior, os dizeres “Escola Universitária Livre de Manáos”, e, no inferior, a frase “*In universa scientia veritas*” (“A ciência como verdade universal”). É marcada, então, a presença do encontro das águas, onde as águas ácidas do Negro não se misturam às barrentas do Solimões, encontro volumoso de poderes que se respeitam nos saberes dos rios e juntos vão compor o Amazonas.

Com essa marca, o lugar do saber está centralizado historicamente na instituição, o que pode significar uma necessidade, de seus ingressantes, de se abortarem de suas localidades e tradições para entender sobre as verdades do saber científico. Portanto, ser um estudante da UFAM pode representar um desenraizamento geográfico e social, pautado na ascensão intelectual, social e econômica. Esse trajeto, muitas vezes, se dá não como um deslocamento para uma volta (geográfica ou social), mas sim como uma mudança de rota e uma desapropriação de saberes culturais, não legitimados e uma negação de suas identidades até então, em nome da ciência. O que torna ainda mais difícil e dolorosa a reflexão sobre a condição de universitários oriundos de grupos populares, ou mais exatamente sobre a reflexão dos obstáculos do famoso gargalo que dificulta e muitas vezes impede o acesso ao ensino superior da enorme maioria desses jovens.

Mas há, também, a persistência do desejo de aprender e de buscar, com garra e ousadia, mesmo quando outros dizem que não se vai conseguir. São oriundos de territórios ricos em idéias e valores, tendo recursos para lidar com as adversidades.

Fazer parte do Programa Conexões de Saberes tem feito com que nossos bolsistas possam regressar a esses lugares já distanciados, que são os lugares de sua história, de seu pertencimento.

Temos como resultado, portanto, dezoito memoriais, de alunos pertencentes a diferentes áreas do conhecimento, das ciências exatas às sociais.

Escrever sobre essa trajetória remete, algumas vezes, a momentos de muita angústia e, portanto, a se deparar com resistências emocionais para transformar a conquista em palavra. É uma viagem árida, sem a certeza de uma chegada segura como nas aventuras rio acima, rio baixo, nas cidades ribeirinhas de onde muitos partiram. Cidades que nos remetem a uma outra temporalidade, o tempo do Rio, da chegada do barco, o tempo da cheia, o tempo da seca, um ritmo de vida diferenciado, que faz a compreensão das coisas e causas se caracterizar com distinção, e o aprendizado do viver, outro.

Os mais ousados conseguiram expor vergonhas com uma desenvoltura humana original. Alguns, mais afinados com sua história, tinham mais condições de colocá-la em palavras. Outros, mais “sequelados”, fizeram da escrita uma possibilidade divina (buscaram no seu ideal, a identidade possível a ser apresentada, e tentaram sustentá-las com suas palavras, caindo em um endeusamento [messiânico] como um personagem).

Talvez, trazendo a idéia de que para que possam ocupar esse lugar de universitário, tivessem que ser super-heróis ou divinamente privilegiados; o que nos remete a um abismo entre o espaço popular e o cotidiano universitário. Para estes, estar na UFAM pode significar ser o eleito, o que justifica a resistência na construção do memorial, à construção da reflexão.

Pudemos perceber, no desenvolver da proposta do memorial, que esta se desenvolveu em três momentos, com o grupo:

- O primeiro momento, **o descritivo**, onde se pode escrever tudo o que vinha da memória, o registro era a ordem do dia, deixando fluir os bons e maus momentos, suas ordenações dentro de opção de alguns fatos que envolviam trabalho, cultura, lazer. Começam então a se desenhar pontos de bifurcação, na memória do sujeito, em que ele precisou optar se trabalhava ou estudava, representações do dinheiro, de mais valia e outras tantas importâncias dos seus viveres.
- O segundo momento, **o seletivo**, acontece na escrita, o pensar sobre aquilo que escrevem, instantes de censura, nossos estudantes passam a escolher o que colocar ou não, e a interpretar a própria escrita, as possíveis percepções do outro (o leitor), e do que eu quero que o outro leia sobre mim.
- E, finalmente, **o reflexivo**, em que se busca saber mais sobre aquilo que penso sobre mim. E esse saber me obriga a despir de meu ideal. Esse ideal que está ancorado nos mártires, nas exemplaridades, nos modelos pré-construídos pela sociedade em cada um de nós.

Quando se consegue chegar com o bolsista dilapidando, até esta reflexão, então se consegue dizer do seu real, e, neste real, a possibilidade de compartilhar por outros iguais e diferentes, na comunidade universitária, esse momento fértil para a construção de fóruns, debates, portanto identidades possíveis no âmbito universitário.

Para nós, coordenadores, ficou a certeza do apoio, buscando sempre ser continente de suas indagações, o incentivo e a garantia de estar com eles nesse retorno à sua história, durante a elaboração do memorial. Buscando, então, a possibilidade de trabalhar por um espaço efetivo e afetivo na universidade.

Conhecendo mais de perto suas trajetórias, sabemos que a palavra aqui registrada contém apenas um espectro do vivenciado por esses alunos. Suas dificuldades na língua portuguesa só vêm enfatizar a precariedade da educação e o descaso até agora existente no desenvolvimento das crianças do nosso país.

Podemos considerar, também, que ainda temos uma quase inexistente participação de alunos oriundos de salas indígenas na nossa universidade. Essa identidade ainda é negada, assim como suas vergonhas de suas existências carentes. Há que se trabalhar muito no espaço universitário para que novas conquistas de representações de diferenças étnicas possam compor com o pensar universitário e enriquecer a academia e a cultura local.

É importante vencer a necessidade da identidade de heróis, pois, quando são os únicos da família ou o primeiro a ingressar na universidade, passam a ser vistos como heróis nesses lugares, o que não é compatível com seu ambiente acadêmico, onde, na verdade, eles têm várias defasagens na leitura, na escrita, nas reflexões, causando, muitas vezes, conflito de identidade e incoerência existencial. Sem essa necessidade de se posicionar como verdadeiros salvadores da pátria, uma necessidade de se afirmar no social, pelo oposto ou pelo exagero, do seu real.

Convidamos você a mergulhar nestas águas.

Selma de Jesus Cobra
Lidia Rochedo Ferraz





Parte 1

Só se for agora!

*Nesse lugar, não há lugar para você
Siga em frente, procure sua gente
Não seja atrevida, fique em seu lugar
Ninguém vai aqui lhe ver, ninguém vai perceber
De onde você vem você não é ninguém.*

*Quando eu passar, não deixarei apenas pegadas.
Tenho as minhas marcas, tenho as minhas praças.
Que são tantas, quanto outras de tantos outros.
Temos muito a contar, e também o que partilhar.*

*Então é essa a hora. Não podemos esperar.
Conectar?
Só se for agora.*

(Frases colhidas no percurso, transformadas em poesia)



Um pouquinho exagerada, mas normal

Eu sempre estudei bastante, sem ninguém pegar no meu pé. Sempre dei a devida importância ao estudo. Porém, quando passei da oitava série do ensino fundamental, me desgostei dos estudos e decidi parar. Concluí a oitava e depois desisti. Eu nunca tinha pensado mesmo em fazer faculdade, desisti. Achei que não iria fazer diferença pra mim. Nessa época, pensava apenas em conseguir um bom emprego. O meu conceito de ter um bom emprego era trabalhar no distrito industrial¹. Eu achava que isso, sim, era *status*. Todo professor que eu conhecia reclamava da vida, mas todo funcionário do distrito que eu conhecia falava maravilhas de seu emprego.

Quando eu era criança, meu grande sonho era aprender a ler e a escrever. Achava bonito e, além do mais, todo mundo sempre me enganava quando eu pedia que lessem alguma coisa pra mim. Eu ia para a creche e ficava zangada por perceber que não aprendia, apesar de os dias estarem se passando. Aquele negócio de aprender letra por letra me irritava. Eu queria saber, e o fato de não ser “da noite para o dia” me incomodava muito. Quando passei para a alfabetização e comecei a ler minhas primeiras palavras, fiquei extasiada. Eu amava ler e queria que todo mundo soubesse que eu sabia. Tinha vontade de sair gritando pela rua: “Eu aprendi a ler! Eu aprendi a ler!”. Não fiz isso. Usei uma tática mais interessante, ficava lendo tudo o que via na minha frente: cartazes, placas, bulas de remédio, anúncios, tudo. Algumas vezes, todos os meus amigos iam merendar e eu ficava sozinha lendo todos os anúncios de todos os murais da escola. Na maioria das vezes, nem entendia o que estava escrito, mesmo assim eu gostava de ler. Assim fui pegando gosto pela leitura e cada dia mais “me viciando”.

Na escola, os alunos quase não tinham o hábito de visitar a biblioteca. Quem ia para lá eram os alunos mandados pelas professoras, como forma de castigo por se comportarem mal ou por terem notas baixas. Era como um reformatório, se alguém fosse visto lá, logo ouvia a pergunta: “O que você fez?”. E, geralmente, a pessoa em questão tinha uma boa e grande história para contar.

Eu não era uma aluna exemplar, como não o sou até hoje. Não ficava sempre quietinha e obediente, mas gostava muito de ler. Isso fazia com que os professores gostassem muito de mim. Coisa que até me trazia alguns problemas de vez em quando.

Por ir sempre à biblioteca, fiquei com uma fama insuportável de sonsa. Era a “queridinha da professora”, mas só vivia na detenção. Eu não era muito popular. A princípio eu não ligava muito para isso, mas, com o tempo, começou a me chatear.

Como os livros não eram disponibilizados para empréstimo, tínhamos que ler na própria biblioteca. Para não ser vista, às vezes eu “roubava” os livros para ler (eu os devolvia depois!). Isso só foi segredo por um tempo, até que fui descoberta. Fiquei de castigo e conversaram

¹ Pólo Industrial onde se concentra a maioria das empresas que compõem a Zona Franca de Manaus.

muito comigo. Fiquei um bom tempo traumatizada, com tamanha vergonha, sem nem aparecer na biblioteca. Fui perdendo aos poucos o hábito. Lá em casa não tínhamos livros, pelo menos nenhum que me interessasse. Mas eu superei.

Passei três anos sem estudar. No primeiro, não estudei nem trabalhei. Minha vida social se resumia à minha família e a vida sentimental era completamente deprimente. Se alguém me olhasse com “cara feia”, era motivo para uma semana de choro.

No segundo ano, havia me tornado mais firme na igreja evangélica Assembléia de Deus, onde fui convidada para trabalhar no evangelismo infantil. Devido a esse trabalho, me ofereceram um emprego numa escolinha perto de casa. Era uma escola de educação infantil filiada à igreja onde passei a lecionar para o Jardim I. Lá conheci pessoas que realmente valorizavam a educação. Após dois anos trabalhando, quando a filha da dona da escolinha passou no vestibular para pedagogia, ela acabou ficando no meu lugar e eu decidi que iria voltar a estudar e fazer um vestibular também.

No início do ano seguinte, me matriculei no projeto “Tempo de Acelerar”, uma espécie de supletivo que o governo implantou e que, na verdade (e posso afirmar por experiência própria!), visa distribuir diplomas de ensino médio a quem quiser ter um.

Um só professor era responsável por todas as matérias. O meu era um caso sério. Formada em educação física e filosofia, era excelente em biologia. Já nas outras matérias... Houve uma vez em que ele bateu o pé afirmando que o objeto só era indireto se o sujeito estivesse oculto na oração, ou seja, nada a ver. Não faço aqui uma crítica direcionada ao professor, pois sei que ninguém tem a obrigação (e nem a capacidade) de estar a par de todos os assuntos, mas a um sistema que coloca 40 alunos em uma sala de aula com uma televisão e não oferece a menor estrutura para que haja apreensão de conhecimento, apenas para que, no fim do mandato, o presidente fulano possa dizer que, durante o seu governo, não sei quantos mil jovens concluíram o ensino médio.

Minha primeira dificuldade, na verdade, não foi nem essa. Foi a demora para o início das aulas, que estava previsto para o dia 10 de fevereiro (que, aliás, é o dia do meu aniversário) e só começou de fato no dia 30 de abril. Uma noite, ficamos mais de uma hora em frente à escola para conseguir falar com a diretora.

Finalmente as aulas começaram, naquele sistema que já citei. Eu e uma grande amiga, vizinha e xará, iniciamos uma longa caminhada em direção à universidade pública. Nosso primeiro passo foi batalhar a isenção da taxa do vestibular. Estava sendo um ano muito difícil para ambas. Meu namorado havia me deixado esperando por mais de três meses, com juras de amor eterno, aparecendo depois com uma outra garota com quem decidira morar, e ela havia perdido a irmã fazia pouco tempo. Escondemo-nos de nossas frustrações atrás das expectativas de conseguirmos a isenção. Eu estava passando por um momento financeiro especialmente difícil. Minha mãe deixara o emprego por motivo de doença, colocara meu pai na justiça por uma pensão, e meus irmãos, assim como eu, estavam desempregados. A notícia de que a taxa daquele ano seria de R\$ 90,00 quase me matou do coração.

Fomos à Universidade Federal do Amazonas (UFAM) no período indicado, preenchemos um questionário gigantesco e levamos todas as cópias de documentos que nos foram solicitadas. Entregamos as fichas e ficamos aguardando a resposta.

Numa terça-feira, alguém comunicou à minha amiga de que deveria estar na faculdade no dia seguinte para fazer uma entrevista seletiva. Fomos informadas de que as entrevistas seriam realizadas em ordem alfabética. Assim sendo, imaginei que meu nome sairia na lista

de convocação logo após o dela, mas não foi o que aconteceu. Ao procurar meu nome, tive uma grande decepção. Minha entrevista havia sido marcada para a quinta-feira da semana anterior. Eu estava seis dias atrasada. A isenção tinha se tornado impossível para mim. Tão impossível quanto fazer R\$ 90,00 surgirem, assim, do nada.

Eu devo ter passado cerca de uma semana chorando por causa disso. Num desses dias o telefone tocou. Era a minha amiga dizendo que conseguiu a isenção.

– Puxa! Eu fico muito feliz por você – foi o que respondi, mas eu estava tão triste por mim mesma que nem parecia verdade. – Eu não vou mais fazer a prova – conclui
– Eu não tenho de onde tirar esse dinheiro.

– A gente dá um jeito.

– Mas como?

– Sei lá! Mas a gente vai pensar em alguma coisa.

Nesse mesmo dia, minha mãe comprou uma caixa de chocolates e me deu. A idéia era fazer uma rifa da caixa. Foi o que nós fizemos. Minha amiga me ajudou, vendendo-a a conhecidos seus.

Apesar de nossos esforços, quando chegou o dia do sorteio ainda faltava bem mais que a metade do dinheiro. Mesmo assim, ele foi realizado. Comunicamos por telefone ao contemplado do prêmio. Como ele nunca foi buscar, fizemos outra rifa, que tinha como prêmio a mesma caixa do sorteio anterior.

Como já tínhamos vendido a rifa para alguns vizinhos e na igreja, tive a idéia de vender na escola. Para isso, no entanto, eu precisava da autorização da supervisora. Fui até ela e expliquei minha situação.

– É melhor você poupar seus esforços para o ano que vem. Se eu deixar você vender essas rifas, você vai criar expectativas em torno de uma coisa que, sabemos, não vai acontecer. Você não está preparada. Fazer um cursinho pré-vestibular no ano que vem é a melhor decisão que você pode tomar.

A frase teria passado despercebida se não fosse o tom 100% arrogante com que ela falou. Eu fiquei com tanto ódio que poderia matá-la só com meu olhar. “Vaca!”, pensei, “deveria me estimular ao invés de ficar me jogando pra baixo”. Mas eu apenas pensei. O que eu disse foi muito mais anti-social.

– Eu vou conseguir esse dinheiro nem que eu tenha que vender picolé na rua; vou fazer a prova e vou passar. Eu vou voltar aqui e vou fazer você comer o jornal com o meu nome na lista de aprovados.

Fui embora muito chateada, sentei-me na escada e derramei todas as minhas lágrimas. A pedagoga da escola sentou-se ao meu lado e começou a me dizer palavras de ânimo. Contou-me histórias de conhecidos seus que tiveram um preparo mínimo e, mesmo assim, conseguiram entrar na universidade e concluir com êxito suas graduações. Aquela conversa foi muito importante para mim. Daquele momento em diante, passei a me dedicar mais ainda.

Como estava sem trabalhar desde o início daquele ano, passava o dia inteiro estudando: acordava bem cedo e, quando não ia à biblioteca da Escola Estadual Antônio Encarnação, perto de casa, ia caminhando com os meus livros em mãos até a praia da Ponta Negra, que fica cerca de quarenta e cinco minutos de minha casa, supondo que se vá a pé. À tarde, ficava na biblioteca até o fim do expediente; à noite, ia para a aula e, depois, à casa da minha

amiga. Discutíamos a respeito do que havíamos lido durante o dia, até duas horas da manhã. Lá mesmo eu dormia. Só ia à minha casa para almoçar. Aos domingos, estudávamos o dia inteiro também.

Uma noite, na escola, notei que havia sido pregado um cartaz, com o prazo e o preço da taxa de inscrição para o vestibular. Boa notícia: a taxa era de sessenta reais. Trinta reais mais barato do que achei que seria. Má notícia: o prazo terminava na terça-feira e já era noite de sexta. Eu só tinha mais dois dias para fazer minha inscrição e no máximo quatro para conseguir o resto do dinheiro, pois eu só tinha a metade. A questão era: “Como posso conseguir trinta reais em dois dias se eu nem sequer trabalho?”.

A questão era simples, não a resposta. Pensamos em muitas coisas. Minha mãe resolveu tomar uma medida drástica: ligou para o meu pai e pediu que ele me “emprestasse” o dinheiro. Foi uma situação bastante constrangedora, para dizer a verdade. Não pelo meu pai, pois ele deu o dinheiro sem nenhum problema. A mulher dele que não gostou muito da idéia. Bem madrasta, mesmo!!! Ficou inclusive falando mal da minha mãe. Que ódio que tive dela! Mas já passou; não de todo...

Terça-feira, último dia de inscrição. Fomos ao banco: meu pai e eu. Ele retirou o dinheiro e me deu. Eu paguei a inscrição. Pronto! Agora era só entregar no Pronto Atendimento ao Cidadão (PAC)², sem mais complicações. Pelo menos foi o que eu pensei. Meu pai me acompanhou até a parada, eu tinha a impressão de que ele não estava colocando muita fé em mim, mas o agradei e abracei, com lágrimas nos olhos. Ele nunca foi de muito carinho, mas naquele momento foi tão importante para mim, porque eu senti que ele estava me desejando algo de bom. Ao chegar no PAC, descobri que só podia entregar mediante uma declaração da escola que atestasse que eu estava concluindo o ensino médio naquele ano. Peguei o ônibus e fui direto para a escola.

– Infelizmente esse tipo de documento tem que ser pedido com antecedência de pelo menos um dia - a moça da secretaria me disse. Fiz o que costumo fazer nestas situações: esculhambei, ameacei processá-la, depois chorei. Minha sorte foi que o secretário da escola (secretário, mesmo!) estava lá. Acho que ele ficou com pena de mim e, dentro de uma meia hora, eu estava com o documento em mãos.

Voltei ao PAC e, após uns quarenta e cinco minutos na fila, descobri que não tinha recebido o comprovante de pagamento do banco. Tive de voltar ao banco. Eu estava só com dois “passes”³. Um eu usaria para ir ao banco e outro para voltar ao PAC.

Quando cheguei ao banco, já eram mais de três horas da tarde, o expediente já havia encerrado. Dá para imaginar o quanto eu fiquei desesperada, não dá? Precisava ir à casa de meu pai. Na melhor das hipóteses, o comprovante teria ficado com ele. Foi o que aconteceu: o papelzinho estava no bolso dele. Ele me deu mais dinheiro para pagar o ônibus. Eu comprei passe e tomei um lanche, o que foi ótimo, pois ainda não tinha almoçado. Quando cheguei ao PAC (de novo!), faltavam cinco minutos para fechar. Consegui, finalmente, entregar aquele abençoado formulário.

E, dia após dia, minha preparação se tornava mais intensa. Estávamos estudando tanto, que não conseguíamos falar em outra coisa. Chegamos até a sonhar com os assuntos de história e literatura.

² Serviço do governo estadual para expedição de documentos e pagamento de taxas públicas.

³ Passe estudantil, que corresponde à metade do valor da passagem de ônibus.

Sei que vai parecer exagero se eu disser que enfrentei mais problemas que os citados acima, mas é verdade. Meu “queridíssimo professor”, que outrora foi amigo quase confidente, começou a me assediar. Não era exclusividade minha, por ser inteligente, linda e irresistível (que eu sou também!), ele já tinha passado por todas as alunas (com exceção de uma que estava grávida) e eu era a bola da vez. Só que a situação cresceu de tal forma que o clima ficou insustentável. Após uma crise de falta de ar (ah, eu também tenho falta de ar!), ele me ofereceu uma “carona inocente” até minha casa. Sem muita opção, aceitei. Já relativamente próximo de minha casa, ele parou o carro num posto de gasolina e deu início a uma conversa pra lá de desagradável. Em poucos minutos, ele estava perguntando coisas a respeito de minha vida sexual e passando a mão na minha perna, na minha coxa, para ser mais específica.

Obviamente brigamos e eu acabei chegando em casa sozinha. Decidi esquecer toda aquela história. Ele sempre falava muito da mulher e do filho pequeno, eu não queria prejudicá-los, o que sem dúvida aconteceria se aquela história se tornasse pública. Não comentei com ninguém por um tempo, que durou bem menos do que eu gostaria. A sala inteira ficou sabendo que ele estava tendo um caso com uma das alunas (que não era eu). A garota em questão me odiava, me ameaçava, me chamava de louca e outras coisas que não vale a pena citar. Para dizer a verdade, ela não era a única que me achava louca, era apenas a única que tinha coragem de expressar isso na minha presença. Eu sempre soube que nenhum dos meus colegas de classe acreditava na minha capacidade de alcançar meu objetivo.

Eu e meus amigos passávamos maus bocados naquela sala. O professor não acreditava na existência de Deus e não aceitava qualquer pessoa que O amasse. Sempre que estávamos conversando a esse respeito, ele dava um jeitinho de se enfiar na nossa conversa e nos ridicularizar por causa de nossa crença. Com o tempo, todos começaram a perceber que não era só por causa de religião que agia daquela forma. Ele pegou todas as situações, fez um pacote bem grande e levou para o lado pessoal.

Minha raiva por ele foi crescendo tanto que eu não conseguia mais disfarçar. Tudo o que ele fazia me irritava. Sua hipocrisia me corroía por dentro como se fosse ácido. Tudo o que ele dizia, mesmo que se tratasse da menor bobagem, desencadeava uma discussão terrível, com direito a gritos e ofensas mútuas. Não demorou muito tempo para que ele começasse a explicar a situação. Porém, a explicação que ele dava era a de que eu era apaixonada por ele e que ele teria me rejeitado por estar apaixonado pela minha colega de classe. Em pouco tempo todos estavam comentando e eu me sentia cada vez mais humilhada.

Aconteceu que, durante uma dessas discussões, ele usou seus falsos argumentos aos gritos, diante de toda a classe. Eu fiquei furiosa! Gritei com ele, saí ofegante de dentro da sala. Tranquei-me no banheiro aos prantos. Foi ali, dentro do banheiro, que tomei a decisão mais certa que poderia ser tomada diante daquela situação. Não perdi tempo. No dia seguinte, fui à diretoria da escola. Pedi para ser remanejada, simplesmente, sem dar muitas explicações.

- Eu não posso remanejar um aluno no final do ano, simplesmente porque ele quer. Há toda uma burocracia para que isso seja feito e eu só vou expor meus professores a isso se você me der um bom motivo.

Eu acredito que, comigo contando, possa parecer que ela foi um pouco arrogante, mas não. Ela foi bastante solícita, a tal ponto que senti que podia confiar-lhe meus sentimentos. Contei-lhe tudo, com riqueza de detalhes.

- Você não é a primeira pessoa que fala a respeito da conduta desse professor. Ele é muito meu amigo, mas, apesar de ter grande consideração por ele, não posso deixar

que isso interfira no meu lado profissional. Não precisa ter medo de contar essas coisas, pois meu trabalho é garantir o bem estar dos alunos e não encobrir as falhas dos professores.

– E eu vou ser remanejada?

– Eu vou te passar para outra sala, mas o teu nome vai continuar na lista de frequência dele, tudo bem?

Eu balancei a cabeça afirmativamente. Quando já ia me levantar, satisfeita por ter conseguido me livrar daquele patife, recebi uma proposta da senhora diretora.

– Muitas alunas já se queixaram, como eu lhe disse. Mas, para que eu possa tomar as devidas providências nesse tipo de caso, eu preciso de um documento. Nenhuma das estudantes que vieram aqui teve a coragem de assumir a denúncia.

– O que preciso fazer?

– Eu preciso de um documento por escrito para encaminhar à secretaria estadual de educação. Você se dispõe?

– Claro.

– Então, eu preciso que você escreva tudo o que me disse, exatamente como aconteceu, date e assine.

Eu fiz exatamente o que ela falou que devia fazer. Fiz o documento, coloquei a data e assinei. Entreguei nas mãos da diretora e, a partir da semana seguinte (já que isso foi na sexta-feira), passei a assistir as aulas na sala de uma outra professora. Desde tal acontecimento, não fiquei mais sabendo o que aconteceu.

Minha nova professora era completamente o oposto dele: era um sonho. Com ela, eu consegui muito mais que simplesmente meu certificado. Consegui apoio de uma pessoa que tinha confiança em mim (coisa que era, aliás, bastante escassa naquela escola!). Ela me ajudou muito. Era professora de língua portuguesa e literatura, porém, nos assuntos que não dominava, sempre pedia ajuda de algum amigo para esclarecer nossas dúvidas.

Chegou, então, o dia mais esperado daquele ano. Abracei minha mãe e meus irmãos, que me desejaram boa sorte. Mamãe disse que Deus me abençoasse. Eu me apeguei naquele desejo de benção como nunca. Fui dormir na casa da minha amiga. Na verdade, passei a noite lá, porque dormir mesmo foi quase nada. Quatro e meia da manhã já estávamos de pé. Ela foi muito gentil, como sempre. Como eu ia fazer a prova na própria universidade e ela ia fazer no centro, que era bem mais rápido para chegar de ônibus, preparou-me um excelente café da manhã. Comemos e saí. Cheguei ao local da prova meia hora antes. Consegui fazer a prova, apesar do nervosismo.

Voltei para casa e me deitei, sem sequer almoçar. Estava agora ansiosa pelo resultado. Teria eu passado para a segunda fase ou não? A angústia aumentava mais ainda quando eu pensava que eu e minha amiga estávamos concorrendo à mesma vaga. Quantas vezes eu a tinha ouvido dizer a Deus que se uma tivesse de passar e outra não, ela preferia que fosse eu a passar.

O resultado saiu dois dias antes do que fora previsto. Nós recebemos um telefonema de uma amiga que nos disse que estavam anunciando no rádio os aprovados na primeira fase do vestibular. Corri à casa de minha amiga imediatamente. Quando lá cheguei, ela já estava ouvindo o rádio. Sentamos e esperamos anunciarem os aprovados ao curso que concorriamos.

Parece que, só para nos angustiar mais ainda, deixaram para anunciar o que nos interessava por último. Sentamos e ficamos escutando impacientes. A cada lista que terminava, os corações disparavam. Quando começaram a ler os aprovados para o Curso de Pedagogia no horário matutino, nos desesperamos pelo locutor ter pulado a letra “E”. Depois percebemos o erro. Quando ele disse meu nome, gritei, pulei, abracei minha amiga e corri para casa. Só então percebi que, se ela tivesse sido aprovada, o nome dela viria antes do meu, pois o seu nome é Érika da Silva, e o meu Érika Lúcia. Eu não sabia se sorria ou se chorava. Fiquei com medo de parecer egoísta depois de tudo o que ela fez por mim. As atitudes posteriores dela fizeram com que eu logo me despreocupasse.

Depois que soubemos que eu tinha sido aprovada na primeira fase, começou a maratona para conseguir passar na segunda. Minha amiga pediu a uma professora de português da escola onde estudara para me dar uma ajuda com a redação.

Estavam acontecendo cursinhos preparatórios exclusivamente para isso, mas eu não tinha dinheiro para pagar. Ela foi bem legal comigo: ajudou-me tanto e nem me conhecia. Para que eu pudesse ter aula com ela, eu precisava chegar atrasada na escola. Minha professora foi muito compreensiva. Do contrário, não teria cumprido carga horária para me formar. Os módulos tinham sua divisão por matérias. Em cada matéria, o aluno precisava ter no mínimo 75% de presença. Como eram muitos conteúdos a serem passados num tempo corrido, dependendo do módulo, a pessoa podia ser reprovada com duas faltas e, como o professor devia fazer a chamada no início da aula, precisei muitíssimo dessa ajuda e da confiança dela.

A professora de Érika me ajudou demais. Eu nem sei se teria passado sem o auxílio dela. Eu fazia as redações e ela as corrigia. Depois, me dava dicas de como melhorar. Nós não tivemos muito tempo para um maior aperfeiçoamento, mas, graças a Deus, foi o bastante.

Eu tinha três opções para fazer a redação. A primeira, eu não lembro; a segunda era um texto sobre a importância do livro e a terceira era uma figura. Eu fiquei entre a figura e o texto. Como não consegui distinguir a figura, mesmo depois de muito analisá-la, fiz com base no texto que, aliás, era do Jefferson Péres⁴. Eu fiquei sabendo, recentemente, que a figura era a foto de alguns peixes-bois mortos, mas não dava para ver, talvez porque fosse uma xerox da xerox da xerox.

Fiquei bastante insegura e continuei chorando muito, diariamente. O resultado estava previsto para o dia 31 de dezembro. Porém, no dia 23, estava conversando com minha amiguinha um milhão de vezes já citada e recebemos uma mensagem no celular perguntando se eu tinha sido aprovada. Deduzimos que o resultado já devia ter saído. Corri para minha casa. Meu irmão me deu dinheiro e eu corri para a banca de jornal: não estava nos jornais. Quando cheguei em casa, fiquei sabendo que havia sido divulgado no rádio, meu irmão ouviu: PASSEI!!!

Daí em diante, as coisas começaram a melhorar para o meu lado. Eu estava confiante e exultante por ter conseguido alcançar o meu objetivo. Agora era só fazer a matrícula. Meu natal foi fabuloso e a passagem de ano também.

No primeiro dia após o recesso de fim de ano, fui à escola para solicitar o meu certificado. Eu sabia que isso não era fácil e quis evitar problemas. É lastimável, mas, na maioria das vezes, os problemas são inevitáveis. O tempo passou, a matrícula chegou e nada do meu

⁴ Senador da República pelo Estado do Amazonas.

certificado. Faltavam três dias para encerrar a matrícula (o prazo é de uma semana) e eu recebi da escola uma declaração atestando que concluí o ensino médio. Fui à universidade, mas o documento não foi aceito. Tive de voltar à escola.

– O certificado só pode ser liberado, no mínimo, depois de três meses do pedido. Eles são obrigados por lei a aceitar esse documento.

Retornei à universidade com a declaração e descobri que essa lei não existia. No penúltimo dia de matrícula, passei o dia inteiro na escola tentando conseguir o certificado. Meus esforços foram vãos. Voltei para casa desestimulada, pensando que tudo estava perdido. Minha mãe e meus irmãos me convenceram a retornar à escola no dia seguinte. Cheguei lá bem cedo. O secretário (aquele secretário bacana!) tinha conseguido fazer meu certificado e estava esperando apenas que a diretora chegasse para assinar. Ela demorou muito, muito mesmo (não sei se cinco minutos ou horas, mas para mim foi uma eternidade!). Eu estava nervosa até demais. Começou a chover. Só após quase uma hora de chuva, a diretora resolveu ligar dizendo que não iria à escola naquele dia. Fiquei desesperada. O secretário, então, sugeriu que eu fosse até a casa da diretora para que ela assinasse: fui. Depois de andar bastante à procura, encontrei. Mesmo após fazer algumas objeções, já que o professor ainda não tinha entregado a pagela⁵, ela assinou o documento. Levei o documento para a faculdade e efetuei minha matrícula.

Hoje estou aqui. Curso o quarto período de Pedagogia. Meus sonhos são bem diferentes do que seriam se por acaso eu não tivesse ousado ou se eu tivesse desistido. Há quatro anos, eu nem mesmo imaginava que isso seria possível e hoje tudo é tão diferente. Tenho a impressão de que posso conseguir qualquer coisa, se lutar muito. Não digo isso para me engrandecer, pois sei que não estaria aqui se tivesse lutado sozinha. Minha família, principalmente minha mãe e meus irmãos, meu pai (que não participou o quanto eu gostaria, mas que certamente deve ter torcido por mim!), minha amiga Érika, a professora Patrícia (aquela professora da minha amiga), a professora Fátima (a professora da turma para a qual fui remanejada), o Glauco (secretário da escola), meus amigos da igreja (não posso citar um por um, pois foram muitos e tenho medo de ser injusta esquecendo de alguém), mas em particular a Idaiana, que, enquanto eu dizia aos prantos que não iria conseguir, me dizia que acreditava em mim independente de eu mesma acreditar. Até as pessoas que caçoaram de mim e me julgaram louca, eu só tenho a agradecer, pois me instigaram a mostrar que podia ser melhor do que eu era.

Hoje eu me sinto feliz por poder caminhar de cabeça erguida e dizer que consegui. Sei, contudo, que nada disso seria possível se não fosse a fidelidade do meu Deus de Amor. Por isso que eu amo esse Deus, não por ele ter me feito passar no vestibular, mas porque Ele honrou os meus esforços e me pôs num lugar alto.

Se você tem um sonho, faça amigos que lutem com você e persista sempre, pois essa é chave do sucesso. Lembre que, sem luta, ninguém pode se tornar um vencedor.

Érica Lúcia Félix de Araújo – Pedagogia

⁵ Boletim escolar de notas e frequências.

História de pescador

Pode até parecer gozada a maneira com que esse tema é mencionado, porque parece se tratar de uma daquelas estórias que o povo conta que se referem a fábulas, como aquela da “mula-sem-cabeça” ou talvez a “mulher de branco”. No entanto, essa ocorreu comigo, e no desenrolar dos fatos poder-se-á então entender o tema citado.

Minha família tem procedência bastante humilde, do interior do Estado do Amazonas. Somos da cidade de Itacoatiara, localizada a mais de duzentos quilômetros de Manaus. Durante o período em que moramos em Itacoatiara, como toda família, tivemos nossos altos e baixos, dificuldades e vitórias, vivendo e, às vezes, sobrevivendo, na maioria das vezes, alienados aos problemas que enfrentávamos e sem muita perspectiva de melhora. Só para ter idéia dessa alienação por parte da maioria da cidade na época (agora já estão mais desenvolvidos), a universidade se fazia presente na cidade de Itacoatiara e funcionava numa quadra poliesportiva, em que as salas de aula localizavam-se sob as arquibancadas, e os departamentos acadêmicos também embaixo das mesmas. Essa universidade situava-se ao lado do colégio José Carlos Martins Mestrinho, onde estudei por quatro anos, desde a terceira série.

Durante esse tempo entre colegas, às vezes tínhamos curiosidade de entrar naquela quadra, digo, naquela universidade, que para nós significava um prédio onde trabalhavam (não estudavam) advogados, professores. Bem, era quase impossível entrar lá, pois tínhamos receio de sermos presos por invadir determinado “local de trabalho”. Então nos contentávamos em ficar do lado de fora, na praça em frente, que também fazia parte da universidade.

Por algum tempo, nossa família conseguiu sobreviver na vida com muito esforço, aproveitando as oportunidades de emprego oferecidas nessa pequena cidade. E é com bastante alegria que dedico a vitória dessa caminhada à minha mãe e ao meu pai, pois sempre deram bastante força para que cada um de seus filhos tivesse um futuro em que pudessem se sustentar, sem muito esforço braçal, como foi o caso dos dois.

Surge, então, a oportunidade de nos deslocarmos da cidade de Itacoatiara para o grande centro urbano que é Manaus. Meu pai havia estado por um longo período nessa cidade, à procura de emprego, até que conseguiu. Como mandar dinheiro, através de amigos, todos os meses, era um perigo, ele achou melhor que a família toda viesse para perto e, assim, viemos morar aqui. Mudamos e recomeçamos uma vida nessa cidade, onde, depois de muito esforço, consegui me matricular, no meio do ano, em uma das escolas perto de casa. Nela cursei a oitava série (a sétima já havia cursado em Itacoatiara).

Havia uma escola em Manaus, perto de casa (cinquenta minutos a pé de casa), que se parecia com o Carlos Mestrinho, colégio do qual tinha muitas recordações. Então, mesmo tendo feito muitas amizades na escola que me acolhera, e tendo ainda passado momentos inesquecíveis no Lenina Ferraro, persuadi minha mãe a ir comigo à central de matrículas da Secretaria de Educação, localizada na Avenida Djalma Batista (uma das vias mais importantes da cidade de Manaus), para tentar uma vaga para estudar no José Bernardino Lindoso;

inclusive aqui peço licença para o amigo leitor, e aproveite essa oportunidade para fazer o que não tive coragem de fazer na época, que era pedir desculpas à minha mãe, porque depois que ela conseguiu a vaga, rapidamente nos dirigimos para me matricular no colégio e, quando chegamos ao local, me virei pra ela e disse:

– Mãe é legal aqui, mas eu acho que quero ficar no “Lenina” mesmo.

Foi então que percebi no momento em que ela virou pra mim e deu um suspiro. Aquele suspiro foi lá na minha alma, como se estivesse dizendo para mim com o olhar: “Eu não acredito que tu me fizeste ir lá onde Judas perdeu as botas para nada”. Agora, aqui peço desculpa, aproveitando esse pedaço de papel, pela minha falta de consideração em relação a seu esforço e empenho para que eu pudesse continuar estudando. Mas depois desse suspiro entendi a mensagem e disse a ela, para disfarçar minha mancada:

– Pensando melhor, acho que vai ser bom estudar aqui.

Muito bem! Voltando ao assunto, com a ajuda financeira que meu pai oferecia, e enquanto ainda estava no primeiro ano do ensino médio no José Lindoso, tive o privilégio de ficar sabendo de uma forma para continuar progredindo na vida (mas, na verdade, eu sequer sabia do que se tratava), que era realizar umas três provas e passar pra algo muito maior. Era um programa de acesso à universidade pública, denominado PSC – Processo Seletivo Contínuo, no qual você pode entrar em uma universidade realizando uma prova a cada final de ano durante os três anos em que cursar o ensino médio.

Pois bem! Meio que empurrado, me inscrevi e fiz as provas, porque na verdade, sem muita instrução, eu não sabia muito bem por que eu estava fazendo aquilo. Isso nos dois primeiros anos do ensino médio, pois no terceiro ano eu já estava mais esclarecido e já tinha até dúvidas se iria fazer Direito, Administração ou Engenharia. Então, já meio desanimado, pois havia pouco tempo que eu tinha descoberto que fora mal na segunda prova do PSC, realizei a última prova, quase sem nenhuma expectativa.

Pude me animar um pouco quando recebi um informativo, indicando que ainda poderia concorrer a uma vaga (talvez, ao final, eu pudesse passar pelo menos perto do último colocado). Bom! Aí é que a responsabilidade aumenta, pois junto com o informativo eu deveria preencher um formulário e escolher o que cursar na universidade. Lembro que busquei num livro de profissões o que realmente queria fazer, decidindo por Administração. Coloquei no documento oficial e guardei. Acontece que o período para encaminhar o tal formulário com o curso escolhido foi embora. (Cabe aqui um parêntese, para explicar que minha família morava em uma área recente de ocupação, as famosas áreas chamadas “invasão”, e tínhamos dificuldade de tudo no local, inclusive energia elétrica. O único meio de se informar em relação ao restante da cidade, muitas vezes não funcionava; daí o período do encaminhamento ter passado despercebido e, com ele, minhas esperanças).

Na semana seguinte, o carteiro apareceu entregando cartas. Parou lá em casa e entregou um bilhete com destino à minha pessoa e adivinhem o que era? Minhas esperanças de volta, porque no envelope haviam mandado para eu decidir se realmente queria o curso de Administração. Caso contrário, poderia mandar uma outra opção, num prazo de uma semana. Que maravilha! Mais maravilha ainda é que o curso sugerido fora Engenharia. Pronto! Era tudo que eu queria (porque, além de tudo, era bonita a idéia de ser chamado de engenheiro).

Aconteceu que fiz a última prova (do tal PSC) e fiquei na expectativa de receber outro postal, dizendo que eu tinha passado e que seria um universitário engenheiro. No entanto, passou-se o primeiro mês e nada. O carteiro passava para lá e para cá e não parava lá em casa.

Eu dizia comigo mesmo: “Eles devem estar fazendo a contagem dos meus pontos e do país inteiro, por isso a demora. É! É compreensível”. Então veio o segundo mês. Na primeira semana, ainda um pouco de esperança. Poderia chegar uma correspondência, ou então na próxima semana, ou quem sabe na terceira... E não veio nada. Perdi as esperanças pela segunda vez. Passei a trabalhar à noite como ajudante de frentista. Afinal, já havia terminado os estudos e ninguém quer um marmanjo em casa sem fazer nada. Trabalhava dois dias e folgava um, no horário de oito da noite às seis da manhã, junto com meu cunhado, e fiquei nisso durante uns... Nem sei mais quanto tempo...

Num dado dia, fiquei curioso para saber qual tinha sido minha colocação no PSC, mas “não! Vou deixar pra lá, afinal só vou gastar dinheiro em passagem para nada”, pensava eu. Pensei nisso umas três vezes, até que, um dia, pois essa idéia não saía de minha cabeça, comentei com minha mãe e ela me deu a maior força. Resolvi tirar essa dúvida. Cheguei à CONVEST (órgão da universidade responsável pelo processo seletivo). Peço novamente licença ao leitor para apresentar, a seguir, um breve relato do que aconteceu, nesse dia, entre mim e um funcionário da CONVEST:

- Bom dia! Eu gostaria de saber minha colocação no resultado do PSC, por favor.
- Pois não, acontece que já foi divulgado nos jornais.
- Desculpe-me, é que onde eu moro temos dificuldade de informações.
- Tudo bem! Qual seu nome?

Após eu ter fornecido os dados:

- Pronto, aqui está. Você foi o décimo oitavo.
- Só mais uma coisa, quantas vagas estavam disponíveis?
- Como assim? Não eram vinte vagas?

Nesse momento, eu fiquei pasmo, feliz, confuso, radiante e triste. Então, fiquei bravo comigo mesmo e pensei: “Não acredito que eu passei e não sabia, meus pais vão me matar”. Já meio que preocupado em inventar uma desculpa para eles, para a bronca ser o mais amenizada possível, após alguns segundos parado em frente ao funcionário, perguntei:

- Você pode me dizer quando foi o dia da matrícula?

Neste momento senti que ele ficou meio confuso e indagou o seguinte:

- Como assim? Você ainda não se inscreveu?

E eu, mais atônito ainda, não entendi nada por alguma fração de segundos. Aí caiu a ficha e perguntei:

- Até quando posso fazer minha inscrição?
- Como assim?

Passaram-se algumas frações de segundos e ele comenta:

- Estavam disponíveis vinte vagas, mas infelizmente já houve uma pré-seleção.

“Mas que coisa, pensei. Primeiro ele mostra o doce e depois diz que eu não posso comer”.

- Olha quem sabe você não consegue alguma coisa falando com o diretor de Divisão de Matrículas da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (PROEG), pois as inscrições irão até hoje e ele está lá nesse momento.
- E o local? (perguntei).

- Bom, as inscrições estão sendo feitas no ICHL (Instituto de Ciências Humanas e Letras), até as dezoito horas. Não sei se vai adiantar muito, mas vá lá e tente falar com ele.

Aqui, neste ponto, interrompo rapidamente esse relato dos fatos ocorridos, pois, para melhor compreensão do que segue, será necessário conhecer um pouco da estrutura física do *campus* da universidade, desde o local onde me encontrava no momento desse diálogo até meu destino. O *campus* da Universidade Federal do Amazonas é dividido em dois setores, norte e sul, interligados por uma estrada de aproximadamente quatro quilômetros, em uma área de seiscentos hectares de floresta primária. O Setor Sul abriga os cursos de ciências exatas, ciências biológicas e ciências agrárias, além de parte da estrutura administrativa da Universidade. Fica na entrada do *campus*, e é a primeira parada de ônibus. Após cortar parte da mata virgem, chega-se ao Setor Norte, onde estão situados os terminais de ônibus e os cursos da área de ciências humanas, letras, tecnologias, direito e estudos sociais. Para o deslocamento de um setor a outro, os acadêmicos, funcionários e visitantes podem dispor do meio de transporte da universidade, gratuito, chamado integração, que circula internamente, e finaliza sua rota, indo até a via principal, externa ao *campus*. Agora que já temos essas informações, continuemos com o relato.

No momento daquele diálogo, eu me encontrava na CONVEST (Setor Sul), mas, considerando o impacto obtido pela resposta do funcionário, rapidamente e aflito fui até o ponto de ônibus para esperar o Integração com aquela ansiedade. Fiquei esperando uns cinco minutos e durei mais cinco na viagem já dentro do ônibus (o que corresponde ao tempo que se leva para percorrer de um setor a outro). O tempo voava mesmo dentro do veículo, mas enfim cheguei ao destino. Nesse momento, parece até que me vejo novamente no local da inscrição, entro no auditório e vejo aquele movimento, pessoas se inscrevendo, os funcionários trabalhando bastante. Então me dirijo a alguém e pergunto:

- Quem é o diretor da Divisão de Matrículas?
- É aquele senhor que está em pé, ao lado daquele moço.
- Obrigado.

Vou a sua direção, ainda sem poder acreditar que tudo estava se resolvendo, o abordo e tento explicar a situação, mas com receio de errar na fala:

- Com licença eu gostaria de me inscrever.
- Pois bem, fale com um de nossos funcionários e pegue seu material.

Na hora, pensei assim: “Nossa! Que bom!” Não foi preciso muitos detalhes. “Que benção! Daqui a pouco me torno um universitário”. Mas, em meio a essa alegria, me dou conta de um pequeno detalhe. Aproximei-me novamente dele e questionei o seguinte:

- Quais os documentos necessários para essa inscrição?

Então, ele me olhou dos pés a cabeça (talvez pensando que eu teria participado da pré-seleção, talvez até pensasse “já esqueceu”) e, com um pouco mais de frieza, disse o que eu não gostaria de ter ouvido naquele momento (pois na época possuía poucos documentos em mãos). E a cada documento que ele pronunciava, me dava um frio no estômago, porque sem muito esperar pela minha procura apenas pela minha colocação, eu só tinha levado comigo minha carteirinha de estudante local (talvez a identidade) e alguns passes estudantis. Para

meu desespero maior, talvez o único documento oficial que eu havia tirado era a carteira de identidade, e até esse documento eu duvido muito se tinha tirado realmente. Isso expressava para mim um lado positivo e um negativo, pois, em meio a tudo isso, uma das coisas boas que aconteceu, só de saber que tinha passado nas provas que me levariam para dentro da universidade (na época, também motivo de aflição, já explico por que), é que eu tinha a responsabilidade de tirar todos os meus documentos, para apresentar no ato da inscrição. Pois bem, dentre os documentos, eu teria que entregar certificado de conclusão do ensino médio, que a escola onde o concluí só expediria no ano seguinte.

Com a informação de que todos os documentos (exceto carteira de trabalho, acho eu) seriam necessários, fiquei mais atordoado ainda. Então, num momento de ingenuidade ou de desespero, pensei: se eu entregar o certificado hoje, eu consigo segurar minha vaga.

Rapidamente, fui para o ponto do ônibus, peguei a condução e fui até em casa (uma hora e meia de viagem), para explicar o caso aos meus pais (esperando alguma luz por parte deles), porém no momento eles apenas ficaram um pouco bravos, com a oportunidade que estava escapando entre meus dedos, e também com o desleixo de não ter procurado me informar antes, mas eles não sabiam o que eu deveria fazer.

Foi aí que me ocorreu a idéia de solicitar, na escola, o certificado (buscando algum tipo de agilidade e amparo por parte da instituição citada, na confecção desse bendito certificado), e pedi para meu pai me acompanhar, depois que eu voltasse com o certificado em mãos (estava realmente decidido ou apenas desesperado) ou não.

Em busca de resultados, fui à escola a cinquenta minutos de casa. Subi, na metade do caminho, uma escada com mais de dez metros de altura, fui correndo, correndo mesmo, e cheguei bastante cansado no colégio, em 30 minutos. Ao entrar, fiquei ainda esperando uns cinco minutos pela pedagoga que fora indicada na secretaria para cuidar do meu caso que era bastante complicado. Ao ser bem atendido por ela, esperei ainda mais alguns minutos para ter alguma resposta. Pois é, a danada rebolou de todos os lados, pra lá e pra cá, fez tudo o que pôde, mas, resultado, o que consegui foi apenas uma declaração da diretoria na época, confirmando minha conclusão de ensino médio.

Mesmo assim, não perdi as esperanças (quem não tem cão, caça com gato) cheguei às pressas em casa, porém não mais em trinta, mas em quarenta e cinco minutos (isso, porque era descendo, imagine se fosse subindo) e meu pai ainda não estava arrumado, pois nesse dia ele ainda iria trabalhar à noite. Saímos de casa umas quatro horas da tarde, e eu angustiado pela demora no trânsito, demora dos ônibus, por tudo. Chegamos à universidade entre dezoito e dez e dezoito e trinta (horário em que as pessoas estão saindo do trabalho e lotando os ônibus). Estava chovendo quando descemos do ônibus. Rapidamente nos dirigimos à porta do auditório (onde estavam sendo efetuadas as inscrições, pois dessa vez eu já conhecia o caminho). Meu pai e eu, com apenas aquela declaração em mãos. Fui girando a maçaneta... Para minha decepção, a porta estava trancada, todas as luzes permaneciam acesas, mas, assim como a porta trancada, as esperanças também se tornaram inúteis. Com tristeza estampada no rosto de meu pai e muito mais no meu, fomos à parada (ponto de ônibus) para voltarmos às nossas vidas.

Passada aquela noite não muito favorável para se ingressar na Universidade, pela manhã, comentando esse bendito caso em família, alguém (que não me recordo no momento) teve a brilhante idéia de voltarmos ao local e tentarmos novamente, só para ter certeza de que tudo acabou realmente.

Atendendo a pedidos, fomos até lá, minha mãe e eu, novamente na CONVEST, agora para saber como ficaria meu caso, se restava ainda alguma oportunidade. A seguir, mais um breve relato:

- Oi! Com licença, sou eu de novo! Queríamos saber se as vagas que não foram confirmadas ontem foram canceladas?
- Bom dia! Olha, só com o diretor de novo.
- Onde poderíamos encontrá-lo?
- Ele fica na PROEG (órgão também responsável pelos dados acadêmicos), tudo em relação a isso somente ele pode resolver.
- Isso fica muito distante?
- Não, fica aqui perto, é só pegar o primeiro corredor lá na frente e ir até o fim do mesmo.
- Obrigado.

Ao chegar à sala do diretor, rapidamente fomos atendidos e explicamos a situação:

- Bom dia! Gostaríamos de saber se não tem mais jeito de meu filho se inscrever na vaga destinada a ele pelo PSC, porque ele veio duas vezes ontem aqui, e na segunda vez que ele esteve aqui já estava tudo fechado.
- Ele já entregou os documentos?
- Não, porque ele não tem todos.
- E quando você pode trazer esses documentos?

Acho que agora eu não preciso explicar, caro leitor, que tudo estava voltando a trazer aquele sentimento de renascimento de esperança.

- Daqui a uma semana pode ser?
- Sim, vocês precisam assinar esse documento e definir o dia em que voltarão.

Agora dá para todos perceberem que a alegria foi geral, não é? Pois bem, uma fase do desafio havia sido vencida, agora o outro desafio era: “Como tirar certificado de alistamento militar (CAM), certificado de conclusão de ensino médio, dentre outros, em apenas uma semana?”.

“Bom! Já que nadamos até o meio do rio, por que voltar, se podemos ir em frente?”.

Pois é muito bom, quando se tem disponibilidade, interesse e força de vontade para correr atrás de seus objetivos. Corremos em busca dessa façanha e conseguimos todos os documentos necessários, agora já sem tanto esforço, e aqui estou eu, contando esta história, que até parece história de pescador.

Hoje, estou no sexto período do curso de Engenharia de Pesca e ainda pretendo outros objetivos na academia. Quando se tem disponibilidade, tempo, interesse e força de vontade para tentar alcançar seus objetivos, você um dia acaba conseguindo, da maneira mais fácil ou mais difícil. Foi da maneira mais difícil que conseguimos tirar todos os documentos pendentes, porque tivemos que correr contra o tempo e depender bastante da boa vontade de pessoas que nem sequer conhecíamos. Com relação a esses documentos, o mais “importante” dentre os mesmos, para minha pessoa, fora o Certificado de Alistamento Militar (CAM), porque eu também desejava servir o exército, mas isso não foi possível devido a uma série de fatores que não cabe citar aqui.

Como “tudo” tem o seu lado positivo e negativo, pude ingressar na universidade pública e, assim, um leque de oportunidades vai surgindo a cada período. Algumas não puderam ser aproveitadas por mim (e pela maioria dos estudantes oriundos de escolas públicas), devido às muitas políticas utilizadas dentro desse enorme sistema e que muitas vezes desvalorizam a classe popular e favorecem a classe capitalista. Motivos que freiam a caminhada de muita gente, competente e criativa, dentre outras qualidades, e que querem subir na vida através do seu trabalho digno, critérios que acabam proporcionando a derrota acadêmica de muita gente que está aí, igualando as pessoas, dando a impressão de que todos têm o mesmo poder aquisitivo, todos têm as mesmas ferramentas necessárias para ingressar num curso de Direito ou Medicina, por exemplo. Podemos até entrar nesses cursos, mas como se manter neles? É necessário criar novas políticas, para solucionar as demandas expressas por meio desses alunos, e aqui me incluo também.

Por isso, apesar de todas as dificuldades existentes, desde a entrada, a permanência e até a saída (quando chegar a hora), nossas ações e experiências devem ser muito valorizadas. Valorizo hoje a área que estou cursando, exatamente por saber dessas dificuldades. Sei que o curso de Engenharia de Pesca, ao qual estou vinculado, também foi conseguido pela luta (porque nada é dado de graça) de pessoas que acreditaram nos seus objetivos. Como já disse antes, estou atualmente no sexto período e, como todos os outros universitários de origem parecida com a minha, o desafio ainda é a permanência com qualidade, e daí para frente será o mercado de trabalho. Quem consegue entrar na Universidade do modo que consegui, passa a acreditar que os desafios estão aí para serem vencidos.

Por esse motivo, esta trajetória está longe de acabar, e este texto também não acaba aqui, porque a vida continua e escrevemos uma página dela todos os dias.

José Iderclei Barriga de Souza – Engenharia de Pesca

O desejo de ingressar numa universidade pública

*“Vida louca vida
Vida breve
Já que eu não posso te levar
Quero que você me leve”
(Bernardo Vilhena / Lobão)*

Nasci no dia 26 de julho de 1980, em Belém do Pará. Era um sábado, quatorze horas e trinta minutos de uma tarde ensolarada, assim conta minha mãe. Ela sempre recorda que teve um parto difícil (parto natural), a ponto de forçarem minha cabeça para poder nascer, tanto que fiquei com a cabeça torta. Minha mãe ficou com medo e perguntou ao médico se eu ficaria daquele jeito para sempre, ele respondeu que, com o passar do tempo, a posição da cabeça voltaria ao normal.

Lembro de minha existência desde os três anos de idade. Sou o segundo filho, de outros dois que minha mãe teve e um que adotamos quando eu tinha quinze anos. Além disso, duas nasceram (gêmeas) e morreram, por falta de melhor estrutura do hospital, e um que ela abortou após presenciar uma grande briga na casa onde morava (casa dos parentes do meu pai).

A primeira lembrança que tenho foi a de que eu estava em uma casa de madeira, na época achava grande, no entanto com as dimensões que meus pais contam, ela era muito pequena, ainda mais para cinco pessoas, estava na porta e vi que alguns pedaços de madeira impediam minha passagem para a rua, olhei para a “rua”. Na verdade, era uma ponte construída sobre um igarapé de cor amarelada, quase todas as “ruas” daquele lugar eram construídas dessa forma. Era uma área dentro do terreno da Universidade Federal do Pará, conhecida como “invasão do bairro do Marco”. Uma das várias áreas alagadas de Belém, chamadas de “baixada”. Nessa época, somente meu irmão mais velho estudava (1ª série) em uma escola estadual próxima de casa, meu pai trabalhava como bombeiro, minha mãe, eu e meu irmão mais novo ficávamos em casa.

Lugar violento, assaltos, polícia, animais e insetos peçonhentos, fofocas, enchentes (devido ao sobe e desce da maré), complicando ainda mais quando chovia. Muitos problemas, fora e dentro de casa, recordo que todo final de semana meus pais brigavam (apenas verbalmente), porque meu irmão mais velho tinha visto meu pai com outra mulher e contado a minha mãe; ela chorava muito, meus irmãos olhavam e se afastavam. Ela apenas perguntava, soluçando: “Vocês querem morar com a outra mulher que teu pai tem na rua?”, e respondíamos: “Nãããã”. Apesar de nos distrairmos com brincadeiras de crianças, aquela imagem de vê-los brigando e minha mãe chorando nos deixava angustiados. Eu tinha muito medo que eles se divorciassem, pois não sabia como ficaria nossa vida.

Não era fácil viver ali, eu caía muito nos igarapés, não morri porque sempre alguém estava lá para me socorrer. Talvez venha daí meu grande medo de rio ou algo semelhante. Quando ia comprar algo na mercearia, demorava muito para ser atendido, pois era menor que o balcão e o dono, às vezes, não me via. Certa vez, o dono da mercearia me roubou, seu nome era Jarbas, ele pegou o dinheiro da minha mão e disse: “O que tu quer?”. E respondi: “Quero cinco pães”, ele deu os cinco pães, mas não devolveu o troco e falou: “Vai embora e não conta pra ninguém se não te mato”, mostrando uma faca que tinha o cabo branco. Não corri, nem chorei, apenas olhei para ele e percebi que fui roubado porque minha mãe falou: “Compra, mas espera o troco”. Chegando em casa, falei que havia perdido o troco no caminho, pois fiquei com medo de falar a verdade e meus pais irem reclamar e serem mortos por ele.

Apesar de todos os problemas familiares e do local de moradia, meus pais planejaram sair dali. Meu pai já havia mudado de emprego, conseguiu um emprego bem melhor, mas ainda tinha uma grande dívida de anos anteriores. Em julho de 1984, fomos morar na região metropolitana de Belém, no município de Ananindeua, em um conjunto habitacional chamado Cidade Nova VI.

Meu irmão mais velho teve que parar de estudar, pois seu colégio era longe da nova casa e o transporte coletivo do município era precário, o conjunto era recém-criado, mas não tinha uma boa infra-estrutura: as ruas não eram asfaltadas, era violento, tinha esgotos a céu aberto, entre outros problemas. A nova casa era muito melhor que a anterior. Os animais e insetos peçonhentos não existiam como no outro lugar, as águas amareladas também não, entretanto a violência ainda se fazia presente. Assaltos eram constantes na área. Recordo que fui assaltado novamente; eu e meu irmão mais novo estávamos em casa, sozinhos, minha mãe tinha ido buscar meu irmão mais velho na escola. Estávamos sentados na janela, apesar de ter grade, apareceu um vendedor de tapioca e cuscuz perguntando se minha mãe queria comprar, respondi que não, ele perguntou se estávamos sozinhos, respondi que sim, aí ele mostrou uma faca e disse: “Pega todo o dinheiro que tiver por aí e me entrega se não te mato”, meu irmão se escondeu embaixo da mesa e eu fui pegar uma cédula de um valor pequeno (era a única que tinha naquele momento) e entreguei a ele. Ele disse: “Fica calado, se falar alguma coisa volto aqui para matar vocês”. Fiquei com muita raiva e olhei esse vendedor ir embora. Fiquei torcendo para que minha mãe voltasse o mais rápido possível, mas não falei para ela o que havia acontecido, apenas a presença dela já era suficiente para me sentir seguro.

No início do ano de 1985, nós cinco estávamos juntos à mesa, era início de noite, conversávamos vários assuntos, entre eles tocaram na questão de estudos e meu pai falou: “Vocês têm que estudar, não quero que sejam iguais a mim, quero que sejam melhores”. Minha mãe falou que meu irmão mais velho já estava matriculado em uma escola estadual próxima de casa e eu seria matriculado numa aula de reforço⁶ para melhorar o desempenho dele na escola e para eu ir me acostumando a estudar, já que não existiam escolas públicas que oferecessem séries antes da alfabetização.

Nessa mesma noite, tive meu primeiro contato com um lápis e um caderno; meu pai falou como era que eu deveria pegar no lápis, peguei com a mão esquerda e ele disse: “Não é com essa mão que se escreve”. Tive que mudar para a mão direita; ele falava umas letras e eu tinha de fazer, sem antes ter feito nada parecido na vida. Tive dificuldades, afinal era algo novo para

⁶ Aulas extras, com professor particular, visando a melhoria no aprendizado do aluno.

mim, mesmo assim meu pai ficou com raiva por eu não ter feito certo o que ele pediu. O local do “reforço” era uma igreja batista (mas não tínhamos nenhuma relação com essa religião), em que um pastor e sua esposa davam aulas. Não gostava dali, eles usavam palmatória. Uma vez, o pastor bateu no meu irmão, fiquei com muita raiva. Falamos para minha mãe, mas ela não foi reclamar, no entanto, não nos deixou mais freqüentar o “reforço”.

No ano seguinte, eu ainda não estudava, apenas passava o dia brincando, assistindo ao desenho na televisão. Meus pais, no entanto, sempre faziam uma espécie de reunião para falar que tínhamos que valorizar os estudos e dar prioridade para isso. Guardei isso comigo: dar prioridade aos estudos. Eles costumavam contar suas histórias de vida nas noites em que estávamos reunidos, falavam de todas as grandes dificuldades que passaram nos interiores em que moraram. Escutávamos tudo e eles faziam questão de lembrar a importância de estudarmos. Naquele ano (1986), comecei a praticar futebol, na rua mesmo, com traves de pedra e o terreno de areia ou piçarra. Esporte que pratico até hoje. Nessa época, passei a entender que existiam meses e anos, e que ficávamos mais velhos a cada ano que se passava. Também descobri que não morava somente em um país, mas em um planeta e que existiam pessoas parecidas comigo em outros lugares, mas que falavam idiomas diferentes. Curiosidades que a vida foi me mostrando.

Veio o ano de 1987, quando eu e meu irmão mais novo começaríamos a estudar. Meu irmão mais novo foi matriculado em uma escolinha particular perto de casa para fazer o jardim I. Eu fui matriculado em dois turnos, de manhã na escola estadual onde meu irmão mais velho já estudava e, pela tarde, na escola que meu irmão mais novo estudava. Eu perguntei o motivo de estudar dois turnos para minha mãe e ela disse que era porque eu não havia feito alfabetização e, na escola estadual, faria a 1ª série e, na particular, a alfabetização. Ela imaginou que eu encontraria muitas dificuldades.

Lembro que, no primeiro dia de aula na escola particular, fui colocado em uma turma de alfabetização, me senti um estranho. Uma semana depois, a professora falou para eu ficar na turma da 1ª série porque, segundo ela, meu desempenho estava além da turma de alfabetização. Fiquei fazendo a mesma série em escolas diferentes. Eu gostava mais da estadual por vários motivos: meus amigos estudavam lá, gostei mais do turno matutino, a escola era maior, tinha um espaço maior para brincar no recreio e a professora era mais “amiga” dos alunos. Nessa época, eu só tinha quatro disciplinas nas duas escolas: Língua Portuguesa, Matemática, Estudos Sociais e Ciências. A professora da escola estadual falava que eu tinha que cursar a 3ª série no ano seguinte (1988) e não a 2ª; ela disse, porém, que dificilmente iriam permitir porque o sistema escolar levava em consideração a questão da idade e eu faria oito anos de idade. O ano foi terminando e meu pai, certo dia, veio com a notícia de que ele seria transferido para Manaus por quatro anos.

Em 1988, já sabíamos que iríamos morar em Manaus. Esperamos até o dia seis de abril para sair de nossa terra natal e passar quatro anos no estado do Amazonas. A mãe do meu amigo disse: “Vocês só voltarão a se ver daqui a quatro anos”, fiquei pensando nisso, mesmo criança eu percebia que seria uma mudança radical na minha vida e da minha família. Meus pais não queriam ir para Manaus, mas pelo emprego do meu pai tivemos que mudar de cidade. A empresa onde meu pai trabalhava pagou as passagens de avião e a hospedagem do hotel. Ainda nesse ano, recebemos a notícia de que a mãe do meu amigo que havia citado a frase acima falecera, e a avó dele o teria levado, juntamente com seus dois irmãos, de volta para o Ceará. Nunca mais tive notícia desse amigo.

Chegando a Manaus, passamos alguns apertos, pois não tínhamos familiares, nem amigos na cidade, as dívidas do meu pai não acabavam e isso o deixava muito preocupado. Como chegamos no mês de abril, minha mãe passou algum tempo em busca de vagas em escolas públicas, foi difícil conseguir, mas ela encontrou na Escola Londrina, localizada na Avenida Constantino Nery, hoje só existem suas ruínas. Era pertencente à rede São Geraldo, Sólon de Lucena e Castelo Branco, e só oferecia até a 4ª série, depois o aluno escolhia entre essas três escolas citadas.

Em função da localização da escola, tivemos que morar próximo a ela. Eu e meus irmãos estudávamos nesta escola. Eu cursei a 2ª, 3ª e 4ª séries nela. Era uma escola com estrutura física e docente precária: quando chovia, não tinha aula por causa das inúmeras goteiras; muitas vezes as professoras faltavam sem dar maiores explicações; as greves paralisavam a escola; duas reformas foram feitas nos três anos em que estudei lá. Uma delas foi por causa de um acidente, um ônibus perdeu a direção e colidiu-se com a sala em que eu estudava (4ª série), sorte que nesse dia foi prova e liberaram todos os alunos uma hora antes do acidente, ninguém sofreu nada, pois a escola estava vazia no momento.

Apesar das dificuldades da escola, as professoras e diretora faziam o possível para dar o mínimo de qualidade aos alunos. Faziam feiras de ciências, passavam trabalhos que envolviam a natureza, conversavam sobre “coisas da vida” com os alunos, como violência, drogas, Doenças Sexualmente Transmissíveis / AIDS, etc. Entretanto, algumas professoras preferiam “ensinar” à moda antiga, com régua, castigo e suspensão.

Em casa, a cobrança de valorizar os estudos continuava, mas meus pais já não davam conta de nos auxiliar em todas as tarefas, umas porque não lembravam mais, outras por não saberem. Meu pai tinha concluído o antigo segundo grau e minha mãe havia parado na 5ª série do primeiro grau. Quem mais poderia nos auxiliar, pois dispunha de mais tempo, era minha mãe, mas ela não sabia os assuntos e pedia para prestarmos muita atenção nas aulas e sempre tirar as dúvidas com a professora. Meu pai trabalhava no regime de escalas: passava quatorze dias no local de trabalho e quatorze dias de “folga”, essa “folga” não era cumprida à risca, pois constantemente ele era chamado para fazer trabalho extra quando estava nesse período. Os trabalhos extras eram feitos em Manaus e ele chegava cansado em casa. O máximo que ele fazia era pegar a tabuada e fazer sabatina com os filhos. Recordo da primeira nota vermelha que meu irmão mais velho tirou, ele estava na 6ª série, foi na disciplina Matemática, meus pais brigaram muito com ele e não gostei de vê-los agindo assim. Fiquei pensando como reagiriam se fosse comigo. Tentávamos explicar que nem sempre a “culpa”, como eles falavam, de tirar nota baixa é do aluno. Eles não entendiam e brigavam, falando que a responsabilidade era do aluno. Minha mãe voltou a estudar para concluir o primeiro grau, em sistema de supletivo modular, no ano de 1989. Ela freqüentava três vezes por semana uma escola que funcionava em frente a onde hoje fica a Universidade do Estado do Amazonas, na Avenida Leonardo Malcher.

Morávamos em um ambiente de boas amizades, fazíamos brincadeiras que envolviam algo que utilizávamos na escola. Minha mãe controlava nossas saídas para brincar, não nos deixava livres na rua e falava para darmos preferência às tarefas da escola e depois brincarmos. Seguíamos o que ela falava mesmo quando ela não se encontrava em casa. Quando queríamos brincar e não podíamos sair, ficávamos brincando pela grade da porta com um amigo que morava perto de casa. Outro fato triste foi que esse amigo faleceu em março de 1990, em um acidente muito parecido com o que aconteceu na escola em que estudava (Londrina). Infelizmente, ele não teve a mesma sorte que eu.

No final daquele ano, meu pai prestou vestibular para a UA (hoje UFAM), sem ao menos ter se preparado. Mesmo assim, ele tinha a esperança de cursar uma Faculdade. No dia do resultado, nós cinco estávamos escutando a lista dos aprovados, seu número não saiu (nesse ano divulgaram o número, e não o nome, do candidato), ele demonstrou certa tristeza e, inconformado, falou: “Estudem, meus filhos, não consegui passar no vestibular, mas um dia quero ver vocês três em um curso superior, valorizem seus estudos, eu não tive condições de estudar quando tinha a idade de vocês, porque morava em um local que mal tinha casa para as pessoas viverem, imaginem escolas. Quando tive condições de estudar, já era adulto, tinha vocês para sustentar e necessitava trabalhar para ganhar dinheiro, agora deixo com vocês esse desejo meu”. Ouvimos isso e guardamos conosco.

Fui cursar a 5ª série na Escola Estadual Sólon de Lucena, no ano de 1991. Não estranhei tanto a escola, porque muitos colegas da escola anterior estudariam na mesma sala que eu e meu irmão mais velho também já estudava lá. Foi nessa série que conheci outras disciplinas: Geografia, História, Educação Física, Educação Artística e Ensino Religioso. Apresentei dificuldades em História, Educação Artística e Ensino Religioso. Em História, tive poucas aulas; em Educação Artística, a professora passava uns desenhos que eu não conseguia fazer e me dava nota baixa, dizia que “meus desenhos estavam feios” e, em Ensino Religioso, por não gostar da forma como era passado ao aluno, era apenas uma repressão da religião católica, só porque eu não repetia as “orações” que o professor pedia, ele dizia que eu era “rebelde” e dava nota baixa. Achei muito interessante a disciplina Geografia, fiquei encantado quando estudei os solos e os climas do nosso planeta. Não houve greve nesse ano e a vida em família estava bem, meu pai havia se livrado das dívidas que citei anteriormente.

No final do ano, recebemos a notícia de que voltaríamos para Belém. Eu e meus irmãos não queríamos voltar em função de estarmos acostumados com a cidade e com as amizades. Sem escolha, até porque éramos praticamente crianças, no dia 11 de fevereiro de 1992, retornamos a Belém, mas especificamente para aquela casa na região metropolitana (Ananindeua). Estranhei muito, o lugar não era mais o mesmo, estava muito diferente. A violência havia aumentado, fofocas e brigas também, meus amigos de outrora estavam mudados, alguns muito agressivos.

Novamente, minha mãe teve de ir em busca de vagas em escolas públicas. Nesse ano, os professores entraram em greve antes de as aulas começarem, conseguimos as vagas na mesma escola estadual onde cursei a 1ª série. As aulas só foram começar em abril, pois, além de a greve ter demorado, a escola estava sem carteiras suficientes para atender à demanda de alunos. As aulas foram feitas em sistema de rodízio até que chegassem mais carteiras. Isso durou dois meses, um dia com aula e outro dia não. Foi um ano difícil, tanto na escola quanto no ambiente familiar e nas redondezas onde morávamos.

Na escola, tivemos poucas aulas, lembro que só tive quatro de Ciências. A violência fazia parte do cotidiano escolar, quase diariamente ocorriam brigas entre gangues, invasão à escola para depredação e professores com medo de dar aula por sofrerem ameaça de alunos. Na família, meu pai começou a fazer dívidas, comprou a casa vizinha e trouxe quase todos seus irmãos e primos com seus filhos para morar nessa casa; parentes da minha mãe também vieram morar em casa. Eram muitas pessoas e só meu pai estava empregado, ele não media as conseqüências do que estava fazendo, falávamos para ele ir com calma em ajudá-los, mas ele não nos dava ouvidos. Nas redondezas onde morávamos, estranhei muito, tive que me adaptar à forma de

me relacionar com as pessoas, amigos meus estavam entrando em gangues, usando drogas consideradas ilícitas, pais se divorciando ou um dos dois indo embora sem promessas de um dia voltar, pais de colegas falecendo etc. Tive que aprender a conviver com tudo isso.

No final daquele ano, meu pai falou que a empresa em que ele trabalhava iria fornecer bolsas de estudos em escolas particulares para filhos de funcionários que cursavam até a 8ª série do primeiro grau no ano seguinte (1993). Eu e meu irmão mais novo ainda estávamos no perfil dessa seleção, pois iríamos cursar a 7ª e a 5ª séries. Já meu irmão mais velho não teria bolsa, pois cursaria a 1ª série do segundo grau; todavia, meu pai não quis mais que estudássemos em escola pública, em função das grandes dificuldades do ano anterior e resolveu matricular meu irmão mais velho nessa mesma escola que oferecia as bolsas. Minha mãe decidiu continuar a estudar para concluir o segundo grau. Estranhei tudo na nova escola, desde as pessoas até as aulas. Eu sofria certo desprezo por ser bolsista; alguns alunos falavam que bolsista era “pobre lascado” e eram piores do que os não-bolsistas. Isso refletiu no meu desempenho, fui mal nas primeiras provas e demorei a fazer amizades, além de que o clima em casa não era bom para estudar, tínhamos que dividir o espaço com muitos parentes, era um ambiente com muito barulho e falta de privacidade, e as novas amizades da vizinhança eram a fuga para esses problemas, eu tinha entre doze para treze anos e não sabia lidar com problemas em família que só meu pai poderia resolver. Na escola, eu e meus irmãos ficamos para a recuperação no final do ano, sendo que meu irmão mais novo ficou reprovado. Meus pais brigaram muito conosco. No final, eu e meu irmão mais velho conseguimos passar de ano. Mais uma vez, fui mal em Ensino Religioso e Educação Artística.

Em 1994, fui cursar a 8ª série, meu último ano como bolsista. A turma da qual fiz parte tinha alguns alunos do ano anterior, um dos meus amigos havia passado para o turno da tarde. Novos amigos, entretanto, conheci. Nesse ano, fizemos um grande ciclo de amizades e grupos de estudos, fiz o possível para que o ambiente familiar não atrapalhasse meus estudos e no decorrer do ano deu tudo certo, consegui passar de ano sem passar pela recuperação, o que me deixava preocupado era que no ano seguinte não seria mais bolsista. Minha mãe concluiu o segundo grau nesse ano. Meus pais fizeram vestibular, mas não conseguiram passar e lembraram que estava em nossas mãos (filhos) a responsabilidade de cursar uma universidade.

Chegou o ano de 1995, não era mais bolsista, meu pai tinha consciência que pagar pela educação dos filhos, como é feito até hoje em muitas escolas particulares, não deveria acontecer, pois os impostos pagos poderiam ser investidos de forma eficiente na educação; no entanto, por não gostar da realidade da educação pública, preferiu pagar pelos estudos dos filhos. O ruim de ser estudante de colégio particular é ser cobrado todo mês pela mensalidade e ouvir dos pais a seguinte frase “estou ralando muito para pagar seu colégio, não me venha com essa de ficar reprovado porque no próximo ano te coloco em escola pública”. É estranho ser cobrado por causa do valor da mensalidade e por uma representação negativa do ensino público como ameaça. Muitas vezes, o pagamento era feito atrasado e eu era barrado no portão da escola, sendo impedido de assistir aula, só restava voltar para casa. Às vezes, eu esperava um descuido do porteiro para passar pelo portão no meio de outros alunos e poder assistir à aula. É muito ruim servir de motivos de brincadeiras de mau gosto dos próprios colegas de sala, que se aproveitavam do atraso na mensalidade para me chamarem de “caloteiro”, “morador de invasão”, “que meu pai ainda estava traficando para poder pagar o colégio” entre outros xingamentos. Meus próprios colegas criaram uma imagem de que eu era uma pessoa que passava fome, pois associavam o atraso da mensalidade com o nível financeiro da pessoa.

O ambiente familiar ainda não era bom, alguns parentes ainda moravam em casa, tirando um pouco de nossa privacidade e aumentando as despesas da casa, às vezes, provocando brigas verbais que se estendiam por alguns dias. Apenas um deles estava empregado e recebia muito pouco, meu pai, com pena, não cobrava nada dos parentes tanto dele quanto os da minha mãe. No final do ano, meu irmão mais velho prestaria vestibular. Ele pretendia fazer o vestibular da UFPA, mas meu pai foi na conversa de muitos colegas de trabalho, que falavam que na UFPA meu irmão demoraria quase uma década para conseguir a graduação: colocavam a culpa nas greves. Meu irmão brigou muito com meu pai para fazer o vestibular da UFPA, mas foi “convencido” a fazer o vestibular de uma universidade particular de Belém. Meu irmão passou, comemorou, mas ficou com certa mágoa de não ter entrado para a UFPA. No mês de novembro, ganhamos mais um irmão, adotado e que, muitas vezes, serviu de uma espécie de símbolo da paz em nossa residência, pois era muito bajulado por todos da casa, inclusive pelos parentes que moravam conosco, fazendo com que nos distraíssemos e as brigas cessassem um pouco.

Veio 1996. Meu irmão não gostou de cursar a universidade particular, as mensalidades, que eram caras, acabaram sendo atrasadas e no final do ano preferiu desistir do curso, após ser reprovado, para tentar ingressar na universidade pública. Meu pai não gostou da atitude dele e houve muitas brigas, em função disso, durante muitos anos, pois sempre lembrava da quantia em dinheiro que usou para pagar. As dívidas do meu pai aumentaram bastante, um dos motivos foi para dar apoio médico para sua mãe, que teve de fazer uma cirurgia de aneurisma e veio a falecer, ela havia pedido para ser enterrada no cemitério da cidade em que morava, ficava um pouco distante de onde morávamos, porém meu pai fez o que ela havia dito.

Eu cursava a 2ª série do ensino médio e tive muitas dificuldades escolares e familiares, pois comecei a perceber que não estava na área em que tinha mais afinidades; o segundo grau ainda era dividido por áreas e eu escolhi ciências exatas; a partir daí comecei a desconfiar que escolhi essa área mais pela influência dos amigos (hoje tenho certeza disso), pois todos escolheram exatas e a turma era pequena: apenas quatorze alunos, isso facilitava a nossa união. Talvez eu não tivesse a mesma união em casa e procurasse na escola essa possível união. Sentia dificuldades, justamente, em Matemática, algo incoerente para quem era de ciências exatas. Outro fator que contribuiu para piorar a situação em casa foi a notícia, na época não confirmada, de que meu pai tinha um filho com a então melhor amiga do meu irmão mais velho, ela morava na casa quase de frente para a nossa. Foi uma bomba! Minha mãe começou a ficar com um grande mau humor e isso complicava a relação em família, várias vezes ela chegou a passar mal durante as noites e era levada ao hospital. Isso acabou virando rotina, até que ela foi encaminhada ao cardiologista e “descobriu” que era hipertensa e, desde então, toma remédios para controlar a pressão arterial. No final do ano, já fui percebendo a cobrança em relação ao vestibular que faria no final do ano seguinte.

Chegou o ano mais esperado desde o início da minha vida escolar: 1997. Cursaria a 3ª série do ensino médio e, no final do ano, prestaria vestibular. Como já tinha visto a experiência negativa do meu irmão mais velho, não dei ouvidos ao que meu pai falava e fui fazer o vestibular da UFPA. Foi um ano difícil em relação aos estudos e à vida em família. Meu pai ainda não aceitava a morte de sua mãe, estava muito endividado, pois descobrimos que ele emprestava dinheiro de um agiota e os juros de pagamento eram altíssimos e aquela notícia dele ter um

filho com a amiga do meu irmão se tornava cada vez mais verdadeira. Meu irmão sentia certo desprezo da parte de meu pai e desmotivado em função de não ter conseguido ingressar em alguma universidade pública. Minha mãe pensou em divórcio, mas tínhamos um novo irmão, então com dois anos de idade, talvez, ela não quisesse que ele fosse criado sem um pai.

Eu mudei de colégio, fui estudar em Belém, em um colégio particular, foi a primeira vez que estudei em um colégio onde nenhum dos meus irmãos estudava comigo. Já estava enjoado de meu pai ter que pagar colégio. Queria passar no vestibular da UFPA e dar um basta nisso. Repetiram-se as mesmas situações de quando não tive mais a bolsa: atraso nas mensalidades, cobrança do colégio, barrado no portão da escola, piadas dos colegas de turma e até de professores por causa desse atraso no pagamento, e ainda fiquei doente, e a percepção de que eu estava na área que eu não tinha afinidade ficava cada vez mais clara, pois, além da Matemática, agora estava me dando mal em Física, estava indo muito bem em Química, mas isso não era suficiente para quem era de ciências exatas.

O colégio era muito bom em termos de ensino, mas eu não tive controle emocional para lidar com a pressão de passar no vestibular. Além da família e amigos cobrarem, eu exigia muito de mim, e só percebi que estava mal quando tive uma “falta de ar” terrível, pensei que fosse morrer, em uma manhã de prova, era um domingo do mês de abril e eu já estava estudando desde fevereiro em uma carga horária desgastante: aulas de sete horas e trinta minutos até onze e trinta, e de treze e trinta às dezenove horas, havendo aula aos sábados, de sete e trinta às doze horas, e prova todos os domingos. Eu me alimentava mal, dormia pouco e não estava estudando direito. Depois de ter tido essa grande “falta de ar”, passei por uma série de médicos, até ir a uma psicóloga. Eu tive que iniciar uma psicoterapia.

Depois de algum tempo, mudei para o turno da manhã, onde as aulas eram de sete e trinta até doze e trinta. Tentei estudar. O vestibular se aproximava e eu me perdia com tanto conteúdo e vendo o tempo diminuir, tive que abandonar as aulas faltando um mês para o vestibular em função de ter sido diagnosticado que eu estava com reumatismo no sangue e uma infecção nas amídalas. Já estava sem condições emocionais, agora a condição física também veio a contribuir para algo que me deixaria muito triste e frustrado. Tive que passar por uma cirurgia de retirada das amídalas. Não estudei mais para o vestibular, já sabia que não passaria. Ainda fui para as duas últimas aulas de revisão como um “penetra”, pois não pagara esse mês; tive que enganar o porteiro para entrar e meus colegas pensavam que eu havia morrido. Foi uma surpresa para eles me reencontrar.

Eu estava triste e ao mesmo tempo com um sentimento de revolta por estar passando por tudo isso na minha vida e ter que encarar o vestibular. Eu fui candidato no curso de Engenharia Química. Na véspera do vestibular, não dormi, fiquei pensando mil coisas. Amanheceu. Tomei meu banho, me arrumei e fui pegar o ônibus às cinco e trinta horas da manhã, iria fazer a prova longe de casa. Fiz a prova, não achei difícil, mas não estava confiante que passaria na primeira fase. No dia do resultado, escutei meu nome. Agora era a vez das provas discursivas específicas por área. Fiz as provas, minha família e meus amigos confiavam que eu passaria, mas no dia do resultado não escutei meu nome na lista. Nesse dia eu chorei, um sentimento de revolta tomou conta de mim, chorei mais de raiva do que de tristeza. Acabei reprovado no colégio, em Língua Portuguesa e Matemática. Foi o pior ano letivo da minha vida. Logo o ano em que eu poderia entrar na universidade pública, mas o vestibular virou um monstro e eu fui derrotado.

A partir daí, continuei minhas idas à psicóloga. Aprendi muito com ela. Ela me fez repensar a questão da área em que eu havia escolhido e aplicou um teste vocacional, o resultado confirmou o que eu e ela, também, desconfiávamos: estava em uma área que não tinha afinidade com aquilo que eu almejava como profissão e que demonstrava no meu cotidiano escolar. Já era o ano de 1998. Meu irmão mais velho ainda vivia as seqüelas do ano de 1996. Para piorar de vez a situação familiar, recebemos a confirmação de que meu pai tinha mesmo um filho com a agora ex-melhor amiga de meu irmão, e uma prima confirmou que meu pai tinha um “caso” com a mulher que morava na casa que ficava de frente à nossa.

Entre esses problemas familiares (eu precisava continuar meus estudos), cursei apenas as disciplinas em que havia sido reprovado, era o sistema de dependência. Eu consegui concluir o ensino médio em 1998. Tive que parar a psicoterapia por questões financeiras. A partir daí, meu pai falou que era para eu e meu irmão mais velho fazermos o curso de técnico de segurança do trabalho, em um colégio técnico particular. Queríamos mesmo era ingressar em alguma universidade pública, de preferência a UFPA. Ele nos “obrigou” a fazer o curso técnico, afirmando que nos conseguiria estágio e emprego após o término do curso. Concluímos o curso, meu pai não conseguiu o estágio, meu irmão teve que estagiar em um hospital, onde o que menos se via era a aplicação da segurança do trabalho. Eu não estagiei no mesmo ano.

Em 2000, eu e meu irmão mais velho fizemos um cursinho para prestar vestibular no final do ano. Eu estava melhor, mas ainda não conseguia ter controle emocional para me programar para estudar. Nesse ano, meu irmão mais novo concluiu o ensino médio, mas não quis fazer vestibular. No vestibular, já na primeira fase eu não passei. Meu irmão mais velho ainda passou para a segunda fase, mas não conseguiu ingressar na UFPA. Eu fui candidato do curso de Psicologia. Cada vez mais ficava revoltado com o vestibular; muita gente concluía o ensino médio e poucas vagas nas universidades públicas eram oferecidas à população. Ficava desmotivado e com esse sentimento de revolta sem saber a quem recorrer. Meus amigos do tempo da 8ª série já estavam em universidade pública, a maioria na UFPA.

No ano de 2001, recebemos a notícia de que voltaríamos a morar em Manaus. Eu ainda fiz dois meses de pré-vestibular, mas parei em função de termos que ir para Manaus. Meu pai disse que conseguiria para mim um estágio onde ele trabalhava, mas, para isso, eu deveria morar em Manaus antes do restante da minha família vir morar. Encarei o desafio, passei um mês verificando documentos para conseguir o estágio e, em janeiro, comecei o estágio, fui entendendo que aquela não era a área em que queria trabalhar e aprofundar estudos. Não gostei da desigualdade de tratamento entre os funcionários de diversas empresas que trabalham juntas, onde o que importava era a cor da farda e não quem a vestia. Fiquei até julho no estágio, não quis renovar por mais seis meses.

Passei o segundo semestre de 2002 e o primeiro semestre de 2003 em busca de emprego, porém não consegui. Já com 23 anos, decidi encarar o vestibular da UFAM. Mas eu não queria que meu pai pagasse cursinho. Procurei emprego durante um ano para poder pagar um cursinho sem ter que esperar do meu pai, mas não foi possível e, também, eu não conseguia estudar sozinho em casa. Ele resolveu pagar. Enquanto isso, meu irmão mais velho já vinha tentando entrar para a UFAM no ano anterior, mas não conseguiu, ficou na segunda fase. Até que, em agosto de 2003, ele conseguiu passar no vestibular da UEA e ficou muito feliz por ter conseguido ingressar em uma universidade pública, o restante da família também gostou, meu pai, talvez, hoje entenda porque ele queria tanto prestar vestibular para a UFPA há alguns anos.

Eu e meu irmão mais novo nos preparamos para o vestibular da UFAM. Eu já tinha condições emocionais para encarar um vestibular, estudei de forma mais programada. Fiz poucas amizades no cursinho e que foram importantes na hora de estudar. Na véspera da prova, consegui dormir bem, não estava ansioso. Eu fiz a prova com muita calma, fui um dos três últimos a sair, estava confiante. No resultado da primeira fase, vi meu nome na lista dos aprovados. Meu irmão e meus colegas do cursinho também foram aprovados. Fomos para a segunda fase, a cada dia a ansiedade aumentava, mas procurava logo algum motivo para me livrar dela.

Na véspera da segunda fase, eu estava pensativo, fui dormir cedo. Acordei bem disposto. Fui fazer prova em uma escola do centro da cidade. Saí de lá desconfiado com a prova. Fiquei naquela ansiedade de chegar o resultado. Sempre falava com meus colegas e eles não estavam confiantes. Quando eles falavam isso, eu me assustava porque eu era candidato do segundo curso mais concorrido. O dia do resultado chegou. Eu estava sem acesso à Internet para ver logo se tinha passado ou não para acabar com a ansiedade. Nos jornais impressos, só sairia a lista no dia seguinte. Só restou escutar pela rádio e o locutor era muito lento. Eu não queria ficar em casa. Saí com meu irmão. O tempo passava e a lista do curso, para o qual havia feito a prova, não chegava. Fomos ao centro da cidade comprar algo que não me recordo agora. Meu irmão mais novo foi comprar e eu fiquei no carro escutando o resultado. Os nomes dos meus colegas foram saindo. Eles já haviam passado. Já estava demorando muito. Até que chegou o curso em que eu era candidato: Psicologia. Começaram a sair os nomes, só que o locutor era muito lento, isso fazia aumentar o nervosismo. As letras foram passando, A, B, C... Era para eu ir me preparando. Até que escutei meu nome. Fiquei feliz, mas não comemorei com pulos e gritos, apenas fiquei pensativo, muito pensativo. Havia passado e agora os desafios eram outros e o que mais pensava era o fato de eu ter conseguido uma vaga em uma universidade pública e nunca mais iria ouvir falar em mensalidades, em ser barrado no portão da escola. Foi um alívio. Passei no curso de Psicologia, na Universidade Federal do Amazonas. Meu irmão conseguiu passar também. Quando cheguei em casa, meus pais disseram apenas “parabéns”, apertaram minha mão e deram um abraço em mim e no meu irmão.

Esperei um tempo até chegar o dia da matrícula. Tivemos uma palestra sobre a situação do ensino superior no Brasil. Depois os alunos foram chamados para um determinado auditório de acordo com o curso em que foram aprovados. Muitos alunos demonstravam um olhar curioso e apreensivo, talvez fosse o medo do trote, algo tão badalado nas universidades. Não tive problemas para fazer minha matrícula. Logo após, dei uma volta rápida por um dos corredores da universidade e fui para casa.

Durante os dias que antecederam o início das aulas, fiquei pensando o quanto foi difícil ingressar em uma universidade pública. Depois de sete anos, eu consegui o que queria, apesar de ter sido “incentivado” por meu pai a fazer universidade particular, no entanto, sempre recusei tal “convite”. Ficava me perguntando “por que criaram um sistema escolar onde após o ensino médio existe uma barreira a ser ultrapassada?”, é como se precisássemos de passaporte para entrar em um país estrangeiro; é como se a universidade pública não pertencesse a nós cidadãos.

Certa vez um colega de sala perguntou a minha idade e eu respondi: “tenho 25 anos”, ele falou “tu demoraste muito a se interessar em fazer uma faculdade”, respondi na mesma hora: “eu posso ter demorado, entretanto, não em querer cursar uma faculdade, mas em conseguir ingressar numa universidade pública”.

As aulas começaram em ritmo lento, na primeira semana apenas um professor deu aula. Não estranhei porque muitos professores da época do meu ensino médio falavam da realidade nas universidades públicas do nosso país. Achei um ambiente diferente, não conhecia ninguém, meus colegas do cursinho e meu irmão estudavam pelo turno da manhã e eu à noite. Aos poucos fui fazendo amizades. Fui percebendo a carga de leitura do curso. Entendendo que a universidade não era um lugar apenas para se estudar e tirar nota (é como fomos “educados” nos ensinos fundamental e médio, na maioria das vezes), e sim para reflexões, debates, crescimento pessoal e transformação de conhecimento. Mesmo assim, ainda existem muitos alunos que apenas vão para a universidade e não percebem a importância de ser um aluno universitário, ainda mais de uma universidade pública. Não percebem a importância social que têm. Alunos que se acham pertencentes a uma “elite intelectual do país” e pensam ter direitos para humilhar professores ou demais colegas de cursos menos “badalados”. Conheci pessoas que me incentivaram muito em relação às leituras e mostraram como era o cotidiano da universidade. Foi bom, percebia que eles passavam uma experiência boa. Isso refletiu no meu desempenho nos primeiros períodos.

Hoje estou no 4º período de Psicologia. Antes, imaginava que seis anos de curso era muito tempo. Atualmente, penso diferente, até porque tenho consciência da carga de leitura que o curso oferece e das várias formas de atuar do profissional psicólogo. Não pretendo ser um aluno universitário que visa somente o diploma, até porque já tive oportunidade de participar de uma pesquisa de campo na área educacional e hoje sou integrante de um projeto de cunho político, mas que envolve discussões na área da educação, saúde, meio ambiente e práticas políticas. Ser aluno universitário é ir além de sentar em uma cadeira e ouvir o que o professor tem a dizer nas aulas. Apesar de ser muito tímido, procuro superar isso compassadamente; acho que já dei uma melhorada. O que falta é eu me engajar mais politicamente dentro dos acontecimentos da universidade.

Herbert Santana Garcia Oliveira – Psicologia

Parte 2

Água viva de banzeiro, água calma de remanso

*Os rios com suas margens
Vão cruzando cidades
Vão saltando barragens
Carregando cardumes
Os rios são fios de prata
São punhais de dois gumes.*



No caminho sempre há cravos e espinhos

O que eu me pergunto é: Como foi que vim parar aqui, nesse lugar tão distante de casa? Um lugar onde tive a oportunidade de crescer mentalmente, onde criei amigos e muitas portas se abriram para mim. Cheguei à Faculdade, ingressando no curso de pretensão (Agronomia), consegui ingressar na casa dos estudantes e, desde que cheguei a Manaus, nunca faltou quem apoiasse as minhas decisões. E por que eu? E por que não meus irmãos, meus colegas de infância ou outros? Vou contar-lhes minha história, e nela talvez esteja a resposta para todas essas indagações.

Minha mãe, assim como minha avó, até hoje é Adventista do 7º dia, muito doutrinada, e sempre cobrou dos filhos que fossem exemplos de perfeição nas doutrinas da igreja. Os sábados eram extremamente sagrados, e as meninas deveriam ser para nós, ainda crianças, símbolo de “pecaminosidade”. Desde pequeno, fui educado na doutrina cristã (adventista). Mesmo assim, minha mãe era uma mulher amorosa, atenciosa, calma, e sempre procurando o que achava ser o melhor para os filhos, porém nunca soube dizer não aos outros, e sempre fazia o que os outros achavam que ela deveria fazer.

Meu pai era caminhoneiro desde os dezesseis anos, daqueles que fazem do caminhão sua vida, seu sustento, sua casa. Um homem que mudou drasticamente ao se separar da minha mãe, e mesmo com a experiência de vida, não estava preparado para essa situação. Antigamente, ele era um homem brabo e valente, um pouco arrogante e de pavio curto, do tipo que “não leva desaforo pra casa”, mas mesmo assim era muito responsável, uma pessoa de confiança. E sempre tinha muitos amigos. Brigava muito com minha mãe, “xingava”, gritava, mas nunca deu nem um tapa sequer. Gostava de muita cerveja, sempre estava em alguma “churrascada” com os amigos e todo dia tomava seu precioso chimarrão.

Sempre fui carregado de muitas responsabilidades, que em demasia poderia ter me levado por outros caminhos, e realmente não sei onde tudo começou, mas sei que tudo se deu pelo fato de eu ser o irmão mais velho. Meu pai dizia que, por esse motivo, eu deveria ser comportado e servir de exemplo para meus irmãos e cuidar deles, isso incluía ser responsável por tudo de errado que eles faziam. Quando fazia algo errado, apanhava, mas se fazia algo correto não recebia nem um parabéns.

Quando eu tinha seis anos de idade, gostava muito de brincar e de fazer tudo o que as outras crianças faziam. Meu pai só vivia viajando, não tendo muito tempo para nós. Eu queria brinquedos comuns para minha idade, como: papagaio, peteca, pião, carrinhos, bola etc. Eu também queria dinheiro para comprar merenda na escola. Quando pedia dinheiro a meu pai, ele perguntava para que eu queria e, ao responder, ele dizia que eu não deveria gastar dinheiro com besteira e nunca dava nem um centavo. Quando ele viajava, eu pedia à minha mãe, e ela respondia que o dinheiro que meu pai deixava só dava para comprar comida e utensílios de manutenção da casa. Como eu vivia “aperreando” a minha mãe por dinheiro e ela nunca tinha, pedi para vender dindin² e ela

¹ Incomodando.

² Picolé caseiro, em saco plástico, também denominado sacolé, flau, miau.

deixou. Ela os produzia e eu vendia, sendo que uma pequena parte do dinheiro arrecadado dava para comprar material para a produção de mais dindins, e foi assim que comecei a ganhar meu próprio dinheiro.

No início, só andava no bairro e, após um ano, andava pela cidade inteira, já que não pagava passagem, pois passava por debaixo da roleta do ônibus. Quando meu pai chegava de viagem e encontrava a mim e meus irmãos brincando na rua, ele nos batia com cinturão de couro que usava, e pior então quando descobriu que eu estava ganhando meu próprio dinheiro. Levei uma surra e um sermão muito prolongado, no qual dizia que ele ganhava o bastante para sustentar a família, nunca tinha deixado faltar nada em casa e se preocupava com a gente, e aí de mim que contestasse, mas o que eu realmente achava é que ele só estava preocupado com sua imagem perante os amigos.

Mesmo meu pai sendo contra eu sair para brincar e trabalhar, como ele vivia viajando e pouco participava na minha vida e nos meus estudos, o que realmente importava pra mim era o consentimento da minha mãe. Então, os sermões de meu pai só me faziam ficar com raiva e com medo dele. Como minha mãe nos deixava brincar na rua, de vez em quando, e trabalhar, continuei vendendo dindin.

Até os sete anos, eu só me preocupava em vender, pois minha mãe fazia os dindins. Então dois colegas meus, que também vendiam dindin, fizeram caixas de sapateiros para eles e começaram a ganhar mais dinheiro do que eu. Compravam seu próprio material de trabalho e assim tinham mais brinquedos do que eu. Como eu era bem mais novo do que eles, não sabia como fazer uma caixa daquelas, por isso fiquei só na vontade. Tudo mudou no dia em que eu vinha da escola onde estudava com meu irmão e, ao descer na parada, meu irmão atravessou a rua pela frente do ônibus e quando atravessasse fui atropelado por uma moto. Meus amigos, com pena, presentearam-me com uma caixa de sapateiro. Foi quando aumentei meu entusiasmo para trabalhar e comecei a fazê-lo com independência de minha mãe, e já não conseguia ficar sem ganhar o meu dinheiro. Comecei então a me tornar uma criança “anticaseira”: passava a manhã na escola, era um dos melhores alunos da turma, mas sem o conhecimento e o reconhecimento de meu pai. À tarde, ia trabalhar para sustentar o meu ego e minhas pequenas ambições, e acho que foi por esse modo de vida que sempre me fascinou a liberdade de decisões, independência e responsabilidades dos meus atos.

No início de 1993, em um banho³ chamado Água Boa, minha família e a família do “Pampinha” (um dos amigos de meu pai, para o qual meu pai “puxava” arroz no caminhão que possuía na época, um 1113 azul, e o “Pampinha” era um dos maiores produtores de arroz em Roraima), estavam passando o final de semana; Em uma brincadeira, o “Pampinha” falou que queria vender a sua casa e meu pai falou que comprava. Ele nos perguntou se queríamos mudar de casa e, na brincadeira, nós aceitamos. Logo depois houve uma conversa e a brincadeira se tornou séria e, após alguns meses, meu pai comprou a casa do “Pampinha”. Eram dois terrenos juntos, um fazendo fundo com o outro, o terreno total media 20x100, a casa era de alvenaria, com forro, dois quartos, uma sala pequena e uma cozinha enorme e um banheiro que media 12x7. Ao lado da casa, tinha uma garagem aberta e atrás da casa uma área cimentada de 8x15, com um chuveiro. Essa área era para festas e “churrascadas”. O terreno era repleto de plantas (roseiras, caju, macaxeira, maracujá etc.), mas, na época, era mal localizado: na periferia do bairro Asa Branca. Com o passar dos anos, foram sendo

³ Balneário: lugar à beira de um rio ou lago, em que as pessoas podem banhar-se.

instalados um posto de combustíveis e o SENAC/SENAI. Uma das ruas com a qual o terreno fazia contato foi asfaltada se tornando uma rua de acesso a um bairro criado posteriormente, e o terreno acabou por ser supervalorizado.

Desde muito pequeno eu era apaixonado por crianças novas, por sua inocência, obediência e pelo cuidado que se tinha de ter com elas, ainda mais as meninas que eram mais fáceis de cuidar, pois elas eram mais obedientes. Eu gostava de brincar, cuidar e dar-lhes atenção. Gostava de ir para a casa de meus tios brincar com meus primos quando eram ainda crianças novas.

Quando meu segundo irmão mais novo nasceu, em 1990, foi uma alegria para mim, pois eu tinha um irmão mais novo para brincar, cuidar e, às vezes, até “malinar”. Mas ele foi crescendo e, por ser muito mimado pelo meu pai, pois era o mais novo dos três irmãos, começou a se tornar chato e insuportável. Foi então, em 1994, que nasceu minha irmã, a única mulher entre os irmãos. Fiquei muito alegre, gostava de brincar com ela e morria de ciúmes dela com os outros irmãos. Entre irmãos há brigas e intrigas, mas eu sempre estava do lado dela quando um dos irmãos queria brigar, e muitas coisas que os pais ensinam para os filhos, quem ensinou para a minha irmã fui eu (nadar, andar de bicicleta, se comportar). Assim, com o tempo, eu me apeguei à minha irmã e passei a cuidar dela como se fosse meu dever zelar e corrigi-la quando fosse “mal-criada”. Às vezes, acho que ela me respeita até mais do que meu pai ou minha mãe, mas não o respeito de medo como nós tínhamos por meu pai e sim um respeito de carinho. Minha mãe antes não gostava, mas agora nem se importa mais. Já meu pai, que antes já não se importava, fica com raiva às vezes, quando minha irmã, em vez de consultá-lo me consulta para saber se pode fazer uma coisa ou outra. Claro que isso acontece quando estou com meu pai. Esses fatos tornaram possível o fortalecimento de um laço afetivo muito forte entre mim e minha irmã, e acho que por isso estou sempre preocupado com ela, não só de saber como ela está, mas também como ela está sendo educada e vivo me perguntando: “Qual será o futuro dela? Entre mim, meu pai e minha mãe, quem poderá ajudar mais na educação da minha irmã?”.

O meu pai tem uma visão mais conservadora que moderna, ele diz que minha irmã vai estudar e fazer Faculdade para ser independente, mas se ela for morar com o meu pai não vai fazer Faculdade, ela vai se casar e ser sustentada por um “macho” e, como minha mãe, acabará tendo a vida dependente de um homem. E mulher feliz é aquela que é independente financeiramente.

A minha mãe quer que todos os filhos tenham um futuro independente, e isso inclui a minha irmã, porém minha mãe é fascinada pela calma do interior e pela tranquilidade e baixo custo de vida que as cidades grandes não possuem, e nesses lugares a possibilidade de ascensão intelectual, social e financeira são baixas e as oportunidades escassas. Assim, creio que ela terá mais oportunidades se vier para Manaus e minha mãe concorda com isso.

O meu pai nunca foi um homem de uma mulher só. Como era caminhoneiro, em suas viagens sempre tinha uma mulher e minha mãe sempre ouvia os boatos, até que um dia minha mãe voltava da igreja adventista do sétimo dia e se deparou com meu pai em um bar com uma mulher sentada no seu colo. Ele não a viu, mas quando chegou a casa houve mais uma briga. Tudo piorou quando minha mãe descobriu que o meu pai tinha uma filha com outra mulher e da idade da minha irmã (por parte de mãe). Minha mãe decidiu se separar de meu pai definitivamente. Ainda passaram alguns meses na mesma casa até meu pai conseguir um lugar para ficar. Ele ficou com o carro (F1000) e o caminhão, e minha mãe ficou com a casa,

os móveis e os quatro filhos e, por determinação do juiz, ele teve que sustentar uma pensão de três salários mínimos mensais, e um ano depois comprar uma moto para minha mãe. Ele deixou bem claro que a casa era para os filhos e ela não deveria vender sob hipótese alguma, e por meu pai nunca ter deixado minha mãe trabalhar, ela acabou achando muitas dificuldades para conseguir trabalho. Então meu pai decidiu ajudá-la, arranjando para ela um trabalho como fornecedora de merenda para firma em que ele havia acabado de começar a trabalhar, conseguindo um motorista para trabalhar no caminhão.

Como eu era o irmão mais velho, além de carregar a responsabilidade dos meus irmãos, passei agora a me localizar em meio a um “tiroteio”, pois, com a separação, minha mãe começou a odiar meu pai cada vez mais, começou a descobrir suas traições cometidas quando os dois ainda estavam juntos, e sempre me pedia informações sobre meu pai para poder brigar com ele. Colocava meu pai na justiça para aumentar a mesada, pois minha mãe falava que ele tinha condições de nos fornecer uma qualidade de vida melhor, pedindo assim para eu servir de espião na casa dele. Já o meu pai vivia me chamando para conversar: dizia que minha mãe o colocava na justiça para prejudicá-lo, pois o que ele podia dar ele dava, só que minha mãe gastava o dinheiro todo com a igreja e com besteiras, por isso não sobrava quase dinheiro para gastar com os filhos (roupas, calçados etc.), e eu, como irmão mais velho, deveria conversar com minha mãe para pôr juízo na sua cabeça, para que ela se preocupasse com os filhos e deixasse de infernizar o meu pai. Assim se seguiu por vários anos, um me mandando conversar, brigar e investigar o outro. Quando os dois faziam algo desagradável para o outro, o prejudicado vinha para cima de mim para saber o porquê de tal reação e pedia para eu interceder, e assim em todas as discussões eu era envolvido, e em muitas delas acabava sendo culpado, mas o pior de tudo é que sempre eu saía machucado, a ponto de me perguntar: “Por que será que não só me deram uma pisa?” Seria melhor!

Como eu sempre morei com minha mãe, cada vez crescia a vontade de sair de casa e ganhar o mundo, sem que isso soasse como rebeldia, mas não para morar com o meu pai (pois continuaria a mesma coisa)! Cada vez que ouvia ou ouço músicas sertanejas, consigo ligar a um momento da minha vida e torná-lo feliz, pois vejo as coisas boas conseguidas em conseqüências das dificuldades superadas (como a música de Zezé de Camargo e Luciano: “No dia que sai de casa, minha mãe me disse: filho vem cá, botou a mão em meus cabelos...”). Como eu continuei trabalhando (vigiando carro, vendendo jornal, picolé, dindin e até juntando alumínio e cobre), e meu pai não podia mais me controlar, a solução que ele achou foi me colocar para trabalhar na farmácia do meu tio, limpando prateleiras. Só tinha um problema: como é que alguém acostumado a pegar em dinheiro, mesmo sendo pouco, iria trabalhar dois meses em experiência para só depois começar a receber alguma remuneração? Sendo assim, essa brincadeira de trabalho voluntário não durou nem um mês, então voltei a trabalhar na rua, e a solução encontrada pelo meu pai “foi por água a baixo”.

Após a separação, as constantes brigas inevitáveis (pois todo o final de semana meu pai ia à casa da minha mãe pegar os filhos para sair), aliadas às grandes dificuldades de se sobreviver na cidade com quatro filhos, levaram minha mãe, após umas férias na casa do meu primo na Vila do Apiaú, a se mudar de vez para lá, retornando a Boa Vista apenas para alugar a casa e fazer a mudança dos móveis.

A Vila do Apiaú se localiza no Apiaú (uma região extensa do município de Mucajaí), a cerca de 80km da BR 174. O acesso é feito por estrada de barro, região repleta de montes com declividades bem acentuadas. A Vila do Apiaú localiza-se a 160km de Boa Vista e a estrada de acesso iniciava na vila de Mucajaí. Era uma vila pequena e calma, possuía duas escolas de ensino

fundamental e médio, alguns comércios, borracharias e poucos moradores. Possuía também um posto de saúde, um centro de atendimento ao produtor rural e um centro de distribuição de energia, a partir de um gerador que funcionava das 8 às 23h.

A casa que minha mãe alugou era situada ao lado do cemitério da vila. Contavam muitas estórias do cemitério e da casa em que morávamos. Havia uma rachadura na sala em forma de cruz, e contavam que um antigo morador morreu engasgado com uma espinha naquele exato lugar. Eu e meus irmãos tínhamos medo de ficar em casa, sozinhos. Quando todos saíam, eu ia para a casa de algum colega e, após alguns meses, minha mãe conseguiu comprar um casebre de madeira do outro lado da vila. Ufa! Bem longe do cemitério.

A escola que passei a freqüentar, em relação à de Boa Vista, possuía uma qualidade de ensino muito boa, porém 90% dos alunos moravam nas vicinais ou na Estrada do Apiaú. A escola possuía uma Kombi e um ônibus que percorria trajetos diferentes, pela Estrada do Apiaú, entrando em algumas vicinais. Esse trajeto era rigorosamente cumprido: 6h, 12h e 18h. Para haver aula, os transportes deviam estar funcionando e rodando. Às vezes, problemas mecânicos no ônibus ou na Kombi só podiam ser resolvidos em Boa Vista, e passavam-se dias ou semanas com as aulas paradas. Quando só um “quebrava”, as aulas continuavam em ritmo lento, para não prejudicar demais os alunos que não estavam presentes devido ao difícil acesso ao transporte restante, que passava somente na Estrada do Apiaú, não entrando nas vicinais que possuíam maior número de estudantes. Esse conjunto de fatores tornava o ensino sempre atrasado em relação às escolas de Boa Vista. Meu primo tinha um carrinho de lanche, doces e bombons, em frente à escola. No turno em que eu não estava estudando, ajudava nas vendas no horário de aula, ganhando alguns trocados como comissão. Quando não, fazia dindin e ia vender na escola no turno em que não estava estudando.

Mesmo com a mudança para Apiaú, as brigas entre meus pais continuaram. Eu, como sempre, “estava na linha de fogo”, e mesmo com todas essas dificuldades conseguia estar entre os melhores alunos da classe em todas as escolas em que estudei. Com o tempo, a vontade de sair de casa tornou-se forte e de conhecimento da minha mãe. Como o sonho dela era estudar em escola agrícola, queria que eu também estudasse. Ela tinha conhecimento de uma escola agrícola adventista em Manaus, porém era particular e as mensalidades eram muito altas. Foi então que uma amiga de minha mãe lhe falou sobre uma escola agrícola nas proximidades da cidade de Santa Helena na Venezuela, próximo à fronteira com o Brasil (Escuela Adventista Agrícola Gran Sabana), onde a mensalidade era barata, e assim fui estudar lá.

Na Venezuela, o ano letivo inicia em agosto e vai até maio do ano seguinte. Assim sendo, fui para lá em dezembro. Concluí a 7ª série no Apiaú e cheguei à Venezuela quase no meio do ano letivo da oitava série. Bem, certamente não estudei Português. Estudávamos o espanhol e mais uma língua indígena da região, o Taurepã. A escola se localizava em uma região isolada e rodeada por uma cadeia montanhosa. Só para ter uma idéia do lugar: o acesso era por uma estrada a 15km da fronteira, através da rodovia que faz a continuação da BR-174 dentro da Venezuela. Nessa estrada, localiza-se o Aeroporto de Santa Elena, de domínio militar e, 5km após, há um ramal à direita, e, uns 10km depois, uma comunidade indígena, bem estruturada. Do outro lado dessa comunidade, há outra estrada, com aproximadamente 2km, que leva até a Escola Gran Sabana.

Na escola, aprendi tradições, culturas e várias experiências novas. Todos os dias, às cinco horas e trinta minutos, tínhamos o culto matinal e, à tarde, às dezoito e trinta, o culto do pôr do sol. Eram admitidas apenas três faltas mensais, não justificadas. E, sendo adventista, a

escola seguia várias normas rígidas e tradições: O sábado era sagrado e devíamos estar, pela manhã, na igreja da escola adventista. À tarde, os alunos estavam liberados. Namoro na escola só pegando na mão da menina. Se um casal fosse pego namorando ou fazendo algo errado em alguma parte isolada, poderia ser expulso. Era proibido o consumo de carne vermelha na escola, os sucos eram adoçados com rapadura ralada, pois era muito mais barato e saudável, e cada aluno deveria cumprir duas horas de trabalho por dia (roçando, capinando, limpando ou na lavoura da escola).

O alojamento masculino ficava a duzentos metros do alojamento feminino, um em cada extremidade da escola. Aproximar-se do alojamento oposto, sem permissão dos preceptores, só até cinqüenta metros. O esporte principal era o beisebol e o basquete. O futebol era pouco praticado. Aos sábados pela tarde, eu ia dar uma volta por cima de algumas montanhas que eram cobertas por vegetações rasteiras e, à noite, ia dar uma volta na comunidade. O alojamento masculino possuía uma forma quadrada, localizando-se em frente à casa do preceptor. Ao fundo, vários banheiros; de um lado, quatro quartos; do outro, dois quartos e um salão de culto. As portas dos alojamentos e do conjunto de banheiros eram todas voltadas para dentro, onde havia um pátio de grama, possuindo três saídas: duas ao lado dos banheiros e outra de frente para a porta da casa do preceptor, que quase não parava em casa. Quando este saía, a responsabilidade ficava por conta do monitor (o melhor aluno). Os quartos eram enormes, cada um comportava dezesseis alunos e não possuíam portas. Assim sendo, quem não guardava seus objetos no armário costumava ser roubado. À noite, quando o preceptor ou monitor não estavam, era costume haver um “quarto vítima”: de quarto em quarto, íamos chamando os alunos e confiscando os calçados que se encontrasse, de bota a sandálias, e fazíamos um ataque ao quarto que era escolhido. Quando era assim, eu escondia meus calçados no armário, e só se via cama sendo virada como defesa e calçados voando e as vitimas gritando (ai! ai! ai!). No outro dia, só se via gente com o corpo marcado e os mais distraídos com o rosto marcado. O preceptor não podia punir a todos, e nunca ninguém começava, eram todos simples vítimas e, como eu não era santo, sempre estava no meio da bagunça, meu quarto já havia sofrido alguns “ataques”.

A escola situava-se em uma região muito fria. Havia várias lendas e histórias de terror sobre o local, nas quais muitos alunos realmente acreditavam, talvez pelo fato de o lugar antigamente ter sido um cemitério indígena. Em algumas eu até acreditava. Uma vez, uma aluna foi pega pelo preceptor (denunciada pelos colegas), pois estava fazendo macumba com vários materiais e falando coisas estranhas. Foi aquela confusão na escola e a garota acabou sendo expulsa.

Na comunidade, havia um idoso com cerca de setenta anos ou mais, ele era magro, baixinho e indígena, mas com fama reconhecida, pois possuía uma força e uma agilidade extraordinárias. Esse senhor possuía um enorme roçado, cerca de quinhentos metros após a escola, e todo dia ele passava pela escola às cinco e trinta da manhã, para ir ao roçado e retornando às dezessete. Seu roçado era enorme, com vários plantios diferentes e era constantemente saqueado pelos alunos do alojamento masculino. Tínhamos até um caminho que levava ao centro do roçado em apenas meia hora. Todos tinham medo do velho. Certa vez, ele encontrou um grupo de cinco alunos correndo e agarrou dois, os outros se esconderam, mas um deles ainda foi identificado. Os três foram expulsos da escola.

Os alunos tinham direito de ir até Santa Elena (a cidade mais próxima) a cada final de mês ou a cada final de semana, dependendo da permissão que os pais haviam assinado na escola. A cada dois dias, uma linha de ônibus de Santa Elena vinha até a escola e, aos sábados e domingos, duas vezes ao dia. Mas, como sempre, minha mãe teve outra idéia brilhante!

Mandou meu irmão para a mesma escola e falou para a direção que eu me responsabilizaria por ele, dizendo para o preceptor que, se houvesse qualquer problema, deveria me comunicar que eu saberia resolver. Aí, começaram a surgir problemas, ele era relaxado, não conseguia entender a aula e nem copiar, por causa do espanhol e, pior ainda, do taurepã. Não se esforçava e vivia com preguiça, eu conversava com ele, mas não adiantava. Então, por não conseguir se adaptar, só ficou três meses.

As restrições, as regras, os costumes diferentes do Brasil, a saudade de minha terra, aliados a meu irmão, fizeram com que eu voltasse da Venezuela em março de 2000.

Bem, houve alguns problemas nos estudos, meu irmão não perdeu nada, mas eu passei um ano e sete meses na Venezuela, e sob o pretexto de que as disciplinas, a carga horária e os assuntos estudados não davam condições para continuar primeiro ano do ensino médio aqui no Brasil, tive que começar a cursar desde a oitava série, no mesmo colégio em que estudava antes de ir para a Venezuela.

Quando estava na Venezuela, um quarto de minha mesada era redirecionado para meus gastos. Por isso, pelo fato de estar isolado e me ocupar, todos os dias, com atividades obrigatórias, não havia possibilidade de trabalhar, mas, ao voltar para o Apiaú, essa necessidade voltou, e meu primo já não estava trabalhando no lanche.

Observei muita gente juntando latinhas de alumínio para vender em Boa Vista e descobri que um tio meu comprava alumínio, cobre e bateria, e transportava de carreta para o Distrito Industrial de Manaus, sendo o alumínio e cobre comprimidos em blocos, e ele pagava bem. Duas vezes por semana um caminhão de feira da Prefeitura de Boa Vista ia, lá no Apiaú, e vinha carregado de mercadorias e pessoas. Ele percorria a estrada do Apiaú até o rio Apiaú, onde acaba a estrada. Às vezes o caminhão vinha quase vazio, dando para eu levar as latinhas que juntava.

Minha mãe fazia pão caseiro. Começamos a vender na vila, depois pelas vizinhanças onde eu já havia conseguido fregueses e, depois, na estrada até a última vicinal, quase na beira do rio. Eu usava uma moto chamada Cenzinha (c100), minha mãe saía às oito horas e, como eu estudava à tarde, ia junto com ela, segurando sobre as pernas, na garupa da moto, o isopor de pão. Percebi que no Apiaú ninguém juntava alumínio ou cobre, por não verem possibilidade de lucro, não compensava levar até Boa Vista, pois o recurso adquirido com a venda mal daria para pagar o combustível. Eu geralmente saía para vender pão, e logo aprendi a andar de moto. Nas horas livres, juntava alumínio para vender em Boa Vista. Eu era um dos únicos que poderia fazer isso, os outros garotos começaram a juntar latinhas, porém a maioria não tinha como ir até Boa Vista. Muitos não conheciam ninguém por lá. Eu tinha meu tio e coragem o bastante para chegar a Boa Vista, em cima de caminhão de feira, às vezes tarde da noite, com alguns sacos de alumínio, e ter que esperar amanhecer onde houvesse um “ponto de compra de alumínio, cobre e bateria”. Se deixasse os sacos e fosse para casa, o alumínio seria roubado. Em cada viagem, ganhava no máximo vinte reais, mas não tinha despesas. Conhecia muitas técnicas de trapaceio que podiam usar para me enrolar, tais como amassar as latas com barro e pedra, dentre outras. Eu geralmente sempre descobria. No auge das vendas, eu e minha mãe construímos um depósito para armazenar o alumínio.

Assim como a vida financeira, os estudos continuavam complicados. Os professores eram bons, mas o transporte dificultava. O ônibus vivia quebrando e a Kombi não dava conta da demanda. Além disso, minha turma era muito numerosa, mais de cinquenta alunos. Próximo ao recesso no meio do ano, o ônibus quebrou e apenas dez ou quinze alunos de minha turma continuaram estudando. Os freqüentes moravam na vila próxima ou os pais tinham condições

de levá-los à escola. Os professores das turmas decidiram parar as aulas para não prejudicar os outros alunos. Entretanto, pressionados pelos pais dos poucos frequentes, a direção da escola decidiu dividir a turma em “oitava A”, os que frequentavam, turma da qual eu fazia parte, e a “oitava B”, com os alunos que estavam atrasados.

O recesso escolar, de quinze dias, durou dois meses e meio e, no retorno das aulas, estávamos bem adiantados. Nossa turma obteve os maiores desempenhos, recebíamos elogios e eu me orgulho de estar nessa seleção.

Eu ainda queria “ganhar o mundo”. Minha mãe tinha um namorado, que era professor de geografia e história na escola em que estudava, e com ele aprendi algo novo, eu deveria me preocupar com o futuro. Será que vou sempre ser um vendedor? Qual vai ser meu futuro? O que será que se deve fazer para subir na vida? Será que no meu futuro vou ser pobre que mal consegue se sustentar? E, com tantas perguntas, era costume me encontrar distraído, com o pensamento longe, procurando respostas, e, o pior de tudo, é que permanecia sem respostas. Aprendi a ficar “antenado” às conversas, aos conselhos das pessoas, procurava meu futuro nas experiências e conselhos dos mais velhos, e o namorado de minha mãe, vendo minha dedicação pelos estudos, pelo trabalho e a vontade de sair de casa, disse-me que, se eu continuasse com minha mãe no interior, acabaria sendo agricultor, que põe o roçado e mal dá para comer e comprar utensílios domésticos. Isso eu já sabia e me preocupava.

Falou-me sobre uma escola em Manaus, em regime de internato. Se eu quisesse, poderia participar de um micro-vestibular, em Boa Vista, pois eram dispostas duas vagas para o estado de Roraima. Adeus bola, adeus televisão e biscates. Ele me acordava bem cedo para estudar. Consegui uma pilha de livros e, se eu falasse em futebol ou televisão, ele falava que eu não ia passar e que meu futuro já estava prejudicado. O medo contribuía para aumentar o ritmo dos estudos, nem em hora de recreio na escola eu parava. Comecei então a emagrecer mais ainda, ficar fraco e com muita dor de cabeça.

Meu padrasto disse que eu iria competir com os melhores alunos de Boa Vista (filhinhos de papai), que faziam cursinho e estavam se preparando. A saída foi tomar um coquetel de vitaminas na farmácia, todo mês, para agüentar o ritmo. Eu fiz as provas e concorri com vinte e oito alunos, vinte e cinco de Boa Vista, e, se não fosse meu padrasto, eu não estaria na faculdade e sequer em Manaus, pois nem meus pais conseguiram dar apoio intelectual, emocional e oportuno, que eu realmente precisava. Aquele “pontapé” inicial na minha vida. E foi assim que conquistei o 1º lugar no micro-vestibular da Escola Agrotécnica Federal de Manaus (EAFM), oferecido para o estado de Roraima.

Ingressei na EAFM como aluno interno, estudando em tempo integral durante a semana e passando os finais de semana em casa de minha prima, no bairro São José. A estrutura curricular oferecia disciplinas comuns às escolas de ensino médio, em dois dias e meio, e os outros dois dias e meio eram destinados ao curso técnico. A escola procurava desenvolver o senso crítico do aluno, ensinando-nos a tomar decisões com a base na realidade do local. Isso incluía constantes discussões, palestras e até seminários, e tudo que era discutido ou estudado no ensino médio deveria ser voltado para a questão agropecuária aplicada à região Amazônica.

No primeiro ano do ensino técnico, aprendíamos noções de agropecuária. Nas atividades práticas, eu trabalhava como peão em diversos setores da escola. Eu queria estudar Zootecnia, mas, ao final do ano, quando deveríamos optar por Zootecnia, Agricultura de Trópicos Úmidos, Agroindústria ou Recursos Pesqueiros de Águas Continentais, minha atração por Agricultura foi maior e acabei cursando, no segundo e terceiro anos, Agricultura.

No segundo ano, nossa turma se uniu muito, fiz amizade com Marilson, um aluno que, por possuir um estilo parecido com o meu (usar bota, canivete e cavanhaque), embora um pouco mais ousado, a turma dizia que parecíamos irmãos. Passamos a andar sempre juntos. As dificuldades pelas quais ele passou e venceu lhe conferiam uma experiência invejável, ele não tinha ninguém por ele, nem pai nem mãe, só um senhor, produtor rural, que lhe arranjava trabalho no sítio quando ele precisava de dinheiro. Para mim, éramos a melhor turma da escola. Todos os alunos eram muito esforçados e, em qualquer seminário ou evento organizado pela escola, lá estavam os alunos da Agricultura, principalmente a nossa turma (3º ano).

Em virtude da amizade com o Marilson, ao invés de passar o final de semana na casa de minha prima, comecei a freqüentar o sítio do sr. Ademir, seu patrão. Junto à escola, trabalhávamos em dois projetos de horta e desenvolvemos um projeto para produção de húmus (adubo). Mesmo com a experiência que eu tinha, foi com meu amigo Marilson que aprendi a sobreviver sozinho e a “me virar” onde quer que fosse. Suas idéias e projetos de vida eram muito parecidos com os meus, podíamos assim conversar e discutir planos e projetos para o futuro.

Como nem tudo é bonito, comecei a participar de um grupo de dança de cangaço, freqüentar casas de pagode e festas quase todo o final de semana, e passei a beber. Às vezes, ficava na casa de um colega, pois não tinha coragem de aparecer bêbado na casa de minha prima. Ela sabia que eu estava bebendo, mas nunca me viu bêbado. Houve um tempo em que ela até se acostumou a me ver chegar no outro dia, até que percebi que aquilo estava prejudicando os estudos, fui ouvindo alguns colegas e decidi parar de dançar cangaço.

No segundo ano, fiz o vestibular da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), para Engenharia Florestal, por não haver Agronomia e ser o curso que mais se aproximava do meu. Passei, mas como era só uma experiência, nem fui atrás do resultado. Soube que alguns alunos, ainda no segundo ano, estavam conseguindo a matrícula através de recurso junto à Justiça. Fui procurar um advogado público, mas fui desestimulado, o máximo que eu poderia fazer era entrar com um mandato de segurança. Procurei me informar com um advogado particular, ele disse custar mil e quinhentos reais e, assim, deixei para lá.

Uma colega de turma conseguiu, no terceiro ano, formulários para inscrições gratuitas para uma faculdade particular. Essa foi mais uma experiência, pois ninguém tinha dinheiro para pagar as mensalidades. Também conseguimos, apoiados por um professor da escola, e que assumiu posteriormente a vice-diretoria, trazer o vestibular da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) para ser aplicado em Manaus. Foi uma fase de inscrições. Participei dos dois processos seletivos para a UFAM (o processo macro, também conhecido como vestibular, e o processo contínuo) e o sistema de avaliação para acesso ao ensino superior (SAES) da universidade estadual. Antes das provas do vestibular, saiu o resultado do PSC, e eu havia passado para Agronomia. Nem fiz as outras provas, fui visitar minha mãe em Boa Vista.

Quando começaram as aulas na UFAM foi uma surpresa! Havia treze técnicos agropecuários formados pela EAFM e, rapidamente, formamos um grupo de amigos. Todos já se conheciam, mesmo que de “vista”, isto ajudou a enfrentar as dificuldades de iniciante. Com o tempo, alguns foram ficando para trás, desperiodizados, o “bombardeamento pesado” dos trabalhos e provas obriga cada um a correr atrás do prejuízo. Os veteranos diziam que estava na cara que éramos calouros, pois esse comportamento de andar em “bando” era típico.

No primeiro período, eu vivia com a cara nos livros, estudava direto e só queria ser o melhor, não saía para lugar nenhum. Quando terminei o ensino médio, perdi o alojamento. Precisava trabalhar e de um lugar para morar, por isso, fui para um sítio na Colônia Japonesa,

próximo ao *campus* universitário. Eu ia a pé, cerca de uma hora de caminhada. O trabalho era pesado e ele só podia me pagar dez reais pela diária. Ao começar as aulas, continuei morando lá. E sempre que estivesse no sítio devia trabalhar. Fiquei no sítio durante os dois primeiros períodos da faculdade. Todo dia eu saía de casa às cinco horas, chegando às dezenove, pois gastava entre quarenta e sessenta minutos do sítio até o bairro Coroado (a pé), onde passava o ônibus que entra no *campus* universitário.

No segundo período, fui indicado por uma professora para estagiar como voluntário no Laboratório de Fitopatologia, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). Como não era remunerado e ocupava tempo, acabei desistindo do estágio, pois precisava trabalhar. Observei, então, que o ramo de pesquisa em laboratório não era minha meta, mas sim o trabalho de extensão, no campo. Continuava estudando muito e não saía nem com os colegas, porém já possuía um vínculo de amizade muito forte.

Nesse período, surgiram algumas complicações familiares e meu irmão foi enviado para Manaus, para tentar a vida aqui e morar comigo. E lá fui eu morar com ele, no bairro Coroado, em um quarto alugado, cada um pagando metade do aluguel. Passei a trabalhar no Mercado Municipal Adolpho Lisboa, em um boxe que pertencia ao dono do sítio. Trabalhava nos finais de semana e feriados. Como a maioria dos funcionários era composta por mulheres que não suportavam pegar peso, todo o trabalho pesado, desde limpeza à organização das caixas de legumes, era obrigação dos homens, e como o mercado era imundo, não faltava trabalho pesado.

Eu não tinha mais folga para o almoço, íamos almoçar três horas da tarde, se não houvesse freguês. Nos dias de trabalho, eu ia dormir na casa da patroa. Acordava às quatro horas para abrir a banca, que só era fechada às dezenove horas. Um trabalho cansativo, estressante (pois ela só vivia reclamando) e puxado, que não compensava, pois ganhávamos quarenta reais por semana. Quando havia um final de semana mais movimentado recebíamos quinze reais a mais. Como queria dar uma correção no meu irmão, consegui trabalho para ele no mesmo lugar.

Soube da existência de programas com oferta de bolsas na Universidade, mas tinha dificuldades para participar, porque o curso de Agronomia é um curso diurno, ou seja, funciona em horário integral, com disciplinas pela manhã e à tarde. Então, anunciaram o “Projeto Conexões de Saberes”, era um projeto de extensão que possibilitaria expandir conhecimentos a partir do contato com a população com a qual deveria trabalhar no futuro. E também oferecia ampla possibilidade de cumprir a carga horária de vinte horas, parte pelo horário da manhã e parte pela tarde. Inscrevi-me e fui selecionado. Nessa mesma época, ocorreu a seleção para a Casa dos Estudantes Universitários da UFAM, eu me inscrevi e passei pelo teste de seleção, ingressando na casa. Meu irmão continuou trabalhando no mercado e foi morar na casa da patroa dele (do Mercado Adolpho Lisboa).

E por tudo o que conquistei, não me arrependo de nenhuma das decisões que tomei. Se não fossem as dificuldades enfrentadas e superadas, talvez não tivesse conquistado o que tenho hoje (curso técnico agrícola, mini-cursos, casa dos estudantes, amizades fortes e importantes no projeto). O que me espera? Acho que mais conquistas.

Anderson Clayton da Silva Wolff – Agronomia

Travessias de uma jovem acadêmica

Eu me chamo Mariele, acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas, natural da cidade de Óbidos, interior do estado do Pará, segunda filha de uma família composta por seis filhos, dos quais cinco concluíram o ensino médio e somente eu estou cursando o ensino superior. Torço muito que essa seja também uma conquista de meus irmãos. Neste capítulo, relato minha trajetória de vida, minhas travessias para concluir o ensino fundamental de 1ª à 4ª série, das quais relembro com saudade, e as partidas de maior relevância tanto em minha vida pessoal, acadêmica e profissional.

Infância e remos a remar

Desde bem pequena, meu maior sonho era começar a estudar, mas minha família morava em uma colônia que ficava a alguns quilômetros da cidade e lá, naquela época, as crianças só podiam ir para a escola aos sete anos de idade. Eu só comecei a estudar com sete anos. A escola ficava um pouco longe de minha casa, e tinha que caminhar a pé por uma estrada todos os dias pela manhã. Aprendi a ler no mesmo ano, mas na metade do ano seguinte meu pai pediu minha transferência da escola, pois íamos nos mudar para uma outra comunidade, que ficava à margem de um lago muito bonito.

Com a transferência, fui matriculada novamente na primeira série. Eu não gostei da idéia, mas afinal tinha que aceitá-la. Para minha sorte, nos primeiros dias de aula, a secretária de educação do município foi até a comunidade visitar a escola e a professora apresentou meu caso. Eu já estava bem desenvolvida em relação à turma. No dia seguinte, comecei a estudar na segunda série. Fiquei muito feliz. Lembro que minha mãe tinha que me deixar de canoa todos os dias do outro lado do lago.

No ano seguinte, fui para outra escola, que ficava a duas travessias de minha casa. Que lembranças! Saudades que batem e que enriquecem este momento. Lembranças de um lago onde aprendi a remar, pescar nos fins de tarde e contemplar a beleza dos reflexos do sol nas pequenas ondas no início das manhãs, quando meu irmão e eu pegávamos a canoa, agora sem a presença de nossa mãe, para atravessar o rio, e depois uma breve caminhada.

A escola funcionava, na verdade, num pequeno espaço ao lado da casa da professora, um local sem estrutura. Lembro que a nossa lousa era feita de tábuas emparelhadas e mal dava para a professora passar as atividades. Mesmo diante dessas dificuldades, nos sentíamos bem acolhidos, nossa professora era muito boa e muito carinhosa. Nos intervalos das aulas, que legal! Brincávamos de cemitério no gramado perto da escola, e lá estava a professora, junto com a meninada na brincadeira. Momentos bons que começavam a ficar na saudade, pois a escola só atendia até a quarta série e, a partir de então, era o começo de outra história na vida dos que pudessem ir para a cidade em busca de um nível a mais na vida escolar.

Primeira travessia – 1993

Aos dez anos de idade, tive que deixar a casa de meus pais. Ao chegar à cidade de Óbidos, no estado do Pará, fui morar em uma casa de família, para trabalhar e poder estudar. Confesso que o primeiro ano longe da família foi muito difícil, uma realidade diferente da que eu estava acostumada – sem violência e sem ter que ficar em casa com a porta trancada – mas sabia que tudo estava apenas começando. Eu estava ansiosa para entrar naquela escola, pois era a maior da cidade. Nos primeiros dias de aula, o contato com vários professores e diferentes disciplinas. Aos poucos, fui me acostumando e conhecendo novos colegas. No ano seguinte, a situação começou a melhorar. Conheci e fui morar com uma família com a qual compartilhei seis anos de minha vida e, com eles, sempre tive incentivos para estudar.

Dois anos depois, concluí o ensino fundamental e chegou o momento em que teria que fazer a escolha para cursar o ensino médio. A escola oferecia dois cursos técnico-profissionalizantes: magistério e administração. A escolha decisiva não foi complicada, o coração batia mais forte para o magistério, mesmo porque nunca gostei de cálculos, trabalhar com números não era a minha praia e penso que essa coisa gostosa de trabalhar com educação já estava na minha vida. A partir de então, a vida de adolescente começava a ficar mais tensa, as responsabilidades aumentavam a cada dia. Pela manhã, eu era babá, à tarde ia para a escola e à noite fazia os deveres de casa. O cansaço batia, mas sempre dizia para mim mesma que tinha que ser forte e agüentar a barra.

Chegou o período para o estágio. O contato com a sala de aula era gostoso e mais ainda era gostoso receber o carinho das crianças e ser por elas chamada de professora. Essa travessia foi marcada por experiências profissionais, que hoje considero base para o início da construção de meu ofício como profissional da educação.

No fim do terceiro ano, em mil novecentos e noventa e nove, estava expressa no rosto e no olhar a ansiedade para a finalização de mais uma etapa da vida escolar de cada um de nós. Portanto, no dia em que recebemos o resultado das últimas avaliações, todos nós sentimos que tínhamos vencido uma batalha, ou pelo menos uma primeira etapa. Costumo dizer que é nos momentos mais difíceis da vida que a recompensa é a felicidade. Ao mesmo tempo em que sentíamos o alívio por terminar, queríamos passar muito mais tempo junto aos colegas, aos amigos que conquistamos durante anos naquela escola. Agora era preciso partir.

Segunda travessia – 2000

Jovem, recém-formada e cheia de esperanças de avançar mais um pouco na formação, aguardava resposta de uma ex-professora que havia me convidado para um preparatório para o vestibular e eu, como muito persistente que sou, ficava ligando o tempo todo em busca de resposta. Até que, num certo dia, ela disse-me que não havia alunos para que a turma fosse aberta. Fiquei arrasada e pensava “que falta de vontade!” Alguns colegas viajaram para outras cidades em busca de trabalho ou estudo, outros infelizmente ficaram no meio do caminho. E eu não perdi as esperanças, mesmo tendo que permanecer o restante do ano sem estudar.

O fim do ano estava chegando e a hora da partida também. Aproximava-se mais uma travessia, dessa vez mais longa e para mais longe das minhas duas famílias. No dia vinte e dois de dezembro de dois mil, às dezesseis horas, o barco dava os primeiros sinais da partida com destino à capital do Amazonas. Confesso que não me sentia capaz de concorrer a uma vaga no vestibular e não tinha condições financeiras de pagar um cursinho preparatório. A vontade era grande e isso não seria o motivo pelo qual eu iria desistir, mesmo sabendo que a luta seria bem mais difícil.

No início do ano seguinte, certo dia de domingo, fui assistir a uma missa na igreja católica São Paulo, no bairro Jorge Teixeira, onde moro, quando, ao final, na hora dos avisos à comunidade, um jovem anunciava um grupo de estudos pré-vestibular para os jovens da comunidade. Nesse momento, o coração só faltou explodir de felicidade e, a partir desse instante, só aguardava o final da missa para chegar até aquele jovem que acabara de abrir as portas para mim. Ainda nesse dia, preenchi a ficha de inscrição, tornando-me integrante do grupo. A partir de então, decidi, junto com meus irmãos, parar de trabalhar para me dedicar aos estudos. Lembro quando um deles disse: “Mariele, se você quer estudar, estude para passar, deixe que das despesas nós cuidamos”. Por isso, sou eternamente grata e, a eles, minha dedicação.

Um mês após a data da inscrição, iniciaram as aulas e, no primeiro dia de aula, lá estava eu, a primeira pessoa aguardando ansiosa para conhecer os professores e os colegas que, como eu, também desejavam preparar-se para o vestibular. Confesso que os dias desse ano foram marcados por esperança, perseverança, dedicação e um pouco de cansaço, combatido pelo otimismo que me fazia acreditar que as portas estavam abertas e o bom resultado só dependia de mim.

Particpei de um processo seletivo em uma faculdade particular, pouco antes do vestibular, e passei para o curso de História. Isso foi uma prévia, o desafio maior era passar para o curso de Pedagogia da Universidade Federal e, para isso, teria que estudar ainda mais. Reunimos um grupo de colegas para estudar na casa de uma amiga, mas apenas nós duas permanecemos até o fim, estudávamos de uma hora da tarde, na casa dela, até as dezoito horas, lanchávamos e íamos para o pré-vestibular até as vinte e duas horas. Essa era nossa rotina de segunda a segunda.

Dezembro se aproximava e a ansiedade aumentava ainda mais. Já não conseguia mais dormir direito. Alguns dias antes da prova, de tanto pensar, até sonhei que estava numa sala de aula da universidade. E, no dia da prova, tive que tomar bastante suco de maracujá, pois os nervos estavam à flor da pele. Passados os dois dias do exame, só então pude relaxar um pouco, pois era só aguardar o resultado que para mim parecia estar sendo pior do que fazer a prova.

No dia do resultado, não precisa nem dizer o quanto eu estava aflita. Fiquei em casa esperando por notícias no rádio, quando uma amiga telefonou e me disse que já tinha visto a lista dos aprovados e que meu nome estava nela. Nesse momento, dei saltos e gritos de felicidade, mas aguardei o resultado pelo rádio, pois já havia começado a ser lido e foi interrompido bruscamente pelo jornal das dezoito horas, “A Voz do Brasil”, e que parecia não mais acabar. E justamente a Pedagogia havia ficado para o segundo bloco. Eu estava para morrer de tanta dor na cabeça, devido meu terrível problema que é a ansiedade. Quando reiniciou, ouvi meu nome Mariele Mota Brito. Meus tios, primos e meus irmãos me abraçaram e me sujaram toda.

Estava muito contente, pois também havia passado uma colega do cursinho para o mesmo curso que o meu, mas minutos depois saiu o resultado para o curso de Biblioteconomia e as duas amigas que fizeram não passaram. Fiquei entristecida, não havia como festejar, uma delas estava comigo e o estado de choque foi tão grande que ela não acreditava que a lista havia chegado ao fim. Amiga de tantas horas de leituras e exercícios, nos abraçamos emocionadas e ela dizia não estar tão triste porque eu havia conseguido. Seria arrasador se nenhuma de nós tivesse conseguido. Ela foi classificada, mas por pouco não pôde ingressar. Estava esperan-

çosa, pois se houvesse desistência ela poderia ser chamada, e foi isso que aconteceu. Certo dia de domingo, recebeu a notícia de que seu nome estava na lista de espera. Isso significava que nós tínhamos conseguido superar um desafio e nosso objetivo tão perseguido, passou a ser mais uma página do livro da vida.

Terceira travessia – 2002

Dessa vez, o caudaloso rio a atravessar, começa após o vestibular. Concorri a uma vaga com dezenas de jovens e, ao fazê-lo, eu me considerava privilegiada. Lembro-me do dia da matrícula. Em seu discurso, o Reitor nos dizia que tínhamos o privilégio, pois não há vagas para todos e uma grande responsabilidade para com a universidade e a sociedade.

Estava muito feliz e, ao mesmo tempo, preocupada. Estava desempregada e dependia dos meus irmãos, a situação estava meio complicada. As aulas iniciaram, os professores começaram a passar textos, inúmeras leituras e, como professor universitário não quer saber se o aluno pode ou não fazer suas cópias (cada um que dê o seu jeito), tive que sair em busca de emprego. Como tinha o magistério, ficaria mais fácil encontrar uma vaga, mesmo que em escolinhas particulares no bairro, e foi o que aconteceu. Consegui logo uma vaga na segunda escola que visitei e lá permaneci por um ano, trabalhando como professora de educação infantil.

Logo após, surgiu a oportunidade de uma bolsa na Universidade, em um projeto denominado oficinas pedagógicas, que objetivava a formação continuada de professores e pedagogos, numa perspectiva de integração escola e comunidade, sendo este uma parceria entre Universidade e Secretaria Municipal de Educação. Eu me apaixonei pelas metodologias que eram utilizadas nas oficinas, realizadas a partir de encontros que abordavam não só a formação, a construção de conhecimento, a reflexão sobre as práticas nas escolas, mas também a auto-estima do professor e pedagogo. E meu trabalho como bolsista era o apoio pedagógico a duas pedagogas em escolas no bairro Colônia Antonio Aleixo. Aprendi muito, vivenciei experiências das quais guardei uma grande parcela como exemplo para minha formação acadêmica e profissional. Foi por pouco tempo, lamento, pois o projeto teve duração de cinco anos e eu entrei no último ano, mas assim mesmo aproveitei o máximo possível junto ao grupo.

No ano seguinte, mais uma vez estava desempregada e passando pela situação de não ter como comprar as cópias dos textos, e muitas vezes ir somente com um passe para a Universidade. Para voltar pedia emprestado de alguma colega, sabia que não era só eu que estava naquela situação, há muitos outros jovens nas universidades passando por situação semelhante durante a vida acadêmica.

Meses depois, uma amiga me chamou para substituí-la na escola onde trabalhava. Isso me ajudou muito, mas, em contrapartida, sabia que ao final do ano iria acontecer a mesma coisa. Alguns meses depois, a Secretaria Municipal de Educação lançou um edital para concurso público para professores. Fiquei muito esperançosa, pois passando no concurso melhoraria bastante a situação. Fiz o concurso, fui aprovada, mas a prova de títulos me preocupava, pois não tinha como comprovar experiência e, para minha tristeza, fiquei classificada, mas somente para uma segunda chamada. Chorei muito, mas sabia que, mesmo com alguma demora, seria chamada, e isso me tranquilizava. Havia passado por situações bem piores e tinha superado, iria superar mais essa.

Iniciando mais um semestre letivo na Universidade, e as dificuldades só aumentando, soube através de colegas que a Pró-Reitoria de Extensão estava com inscrições abertas para selecionar bolsistas para o projeto Conexões de Saberes, voltado para jovens universitários oriundos de espaços populares. Fui selecionada e fiquei muito feliz, pois veio na hora certa, quando eu mais precisava. Além disso, o Projeto iria me proporcionar o contato com o que gosto de fazer, que é a troca de experiências, a participação em projetos educativos com a comunidade da qual faço parte.

Para aumentar a felicidade, saiu a segunda lista com os nomes dos professores aprovados no concurso e o meu estava lá, cheguei a dizer que era muita felicidade para uma só pessoa. Hoje, sou voluntária do Projeto Conexões de Saberes, estou assumindo a minha profissão, trabalhando com Educação de Jovens e Adultos em uma escola no bairro onde moro. Percebo mais ainda a importância do apoio ao jovem de origem popular, que precisa enfrentar e superar muitos desafios na graduação. Somos conexões com diversos sotaques, coloridos, culturas e saberes, e vale ressaltar sua/nossa importância na vida de centenas de jovens com trajetórias de vida tão parecidas. O ano de dois mil e cinco está chegando ao fim e eu estou concluindo a graduação, e posso dizer que a Universidade me propiciou inúmeros momentos que contribuíram e que continuarão a contribuir tanto para minha formação acadêmica quanto para a realização pessoal e profissional.

Mariele Mota Brito – Pedagogia

História comum

Meu nome é Ane, vou relatar agora pra vocês um pouco da minha trajetória escolar que começou por volta do ano de 1986, quando enfrentei meu primeiro desafio, ao qual dei o nome de “Cavalo de Tróia”. Achei bonito e me interessei pelo lindo cavalo que todos admiravam e davam valor, mas percebi, logo depois de adquiri-lo, que ele continha dentro de si uma surpresinha, que tanto trazia conhecimento quanto regimento e disciplina, exigindo atenção e muita determinação. Com ele, pude cavalgar nas asas da imaginação e percorrer pelo vasto campo do conhecimento.

Num território pude perceber que tudo era muito bem dividido, mas que juntos formavam um conjunto. Lá aprendi a contar quantas possibilidades tenho na vida. Mais à frente fiz uma parada num campo para descansar e comecei a observar as estrelas e, como o Pequeno Príncipe, sonhei em percorrer o mundo atrás de água para não deixar morrer a flor que começava a se abrir dentro da minha mente. Mas fui interrompida pelo vento passageiro, que corria de um lado para o outro, querendo me contar belas histórias que aprendeu durante as suas viagens pelo mundo; falava de uma forma rápida e melodiosa como se estivesse assoviando, a estória se tornava engraçada e ao mesmo tempo prazerosa.

Voltei a cavalgar e, alcançando os céus, pude ver que a Terra parece um campo com divisórias. A imensidão de antes dava lugar a um pequeno desenho que poderia caber na palma da mão e ser adquirido por qualquer um. Depois, parei de frente para o mar, na sua margem, e comecei a rabiscar com um pedaço de pau, e ele, como que saltasse tinta da sua ponta, marcava a areia branca da praia deixando meu nome impresso repetidas vezes. Quando errava, vinha a onda do mar apagar, dando-me a chance de refazê-los até obter uma caligrafia que se ajustasse ao meu nome.

Mas eu não estava ali sozinha, havia muitos outros que também estavam descobrindo do seu modo o mundo à sua volta. Naquela ocasião, parecíamos todos iguais, pois ser menino ou menina não fazia diferença, saber ou não saber não fazia com que surgissem grupos ou tornasse alguém diferente. Mas, de repente, sem que ninguém percebesse, as coisas foram mudando, e meu antigo desafio, que tinha se tornado meu companheiro, agora não podia me acompanhar mais. Minha mãe tinha me avisado que ele não iria me acompanhar pela vida toda e que eu haveria ainda de encontrar muitos desafios, e ela tinha razão.

Agora vieram as cidades-estado trazendo consigo novas regras, surgindo para mim naquele instante uma palavra que era famosa para muitos, ela se chama “política” e me dava a visão da gigantesca sociedade da qual faço parte, mas que tinha que seguir as suas regras se quisesse continuar a fazer parte dela. Suas regras citavam que o ser humano é muito importante, que tem direitos e não só deveres, e pelo fato de sermos muitos, tem um líder para defender esses direitos e nos lembrar dos deveres. O líder se chama “governo”. Achei ótimo! Pois um líder mantém as coisas em ordem, pelo menos era isso que minha avó dizia.

Já na escola clássica cada um tinha um modo de pensar e de se expressar, que por isso os destacava; todos eram iguais porque eram diferentes. Os gênios indomáveis eram admirados por suas rebeldias, os calados, por sua dedicação, e os levados, por suas graças; nada era descartável, qualquer frase se tornava um ditado, qualquer gesto, uma mania, qualquer mico, um aprendizado, até para contar àquele que está ao lado.

Nossos mestres nos apresentavam pensamentos novos sobre as ciências, nos permitindo interagir com os caminhos de cada uma delas. É claro que algumas nos cativavam à primeira frase, outras no primeiro poema. Há aquelas que são mais detalhistas, querendo desvendar os segredos de um universo tão misterioso, o qual guarda dentro de si a alma dos mortais; outras, mais exatas, mostrando que dois mais dois são quatro e ponto final; outras, ainda, que provam que na natureza nada se perde tudo se transforma, as que justificam sua existência por ocupar um lugar no espaço; há aquelas que narram os acontecimentos do mundo em consequência de nossos atos. Ah! Tem aquela que caracteriza os lugares de acordo com o clima, o relevo e outros aspectos; uma que adora brincar com as cores e deixar a imaginação dar forma a elas; e a que mantém o equilíbrio do corpo com muito suor.

Além das matérias, tínhamos que exercitar as regras que nos eram impostas, muitas vezes não aceitas, mas também não ignoradas, e nem podiam ser, pois regras são regras, você pode quebrá-las, mas não pode fazê-las desaparecer. Diante das regras dos nossos mestres, tínhamos os nossos pecados, que somados se concluíam em sete.

– Bem, o primeiro é como uma gripe, não há aquele que não tenha pegado. Os sintomas começam pela simples e ingênua observação dos atos do colega ao lado e, de repente, ataca aquela vontade enorme... Não diria de fazer as mesmas coisas que o colega, imagina, basta ser bem parecido.

– A seguir, a vontade insaciável de repetir esses atos, como se a prática deles fosse um alimento indispensável para o ego, aquele vermezinho minúsculo que todos temos, mas que só deparamos com ele, quando o mesmo nos desperta aquela fome insaciável de sempre querer mais, até pecarmos na gula.

– Bem, devido às inúmeras práticas de observação do colega, se consegue então a mais sublime perfeição e, com ela, a tão sonhada fama; ah, a fama! Você passa pelos corredores e todos o conhecem, é bajulado, começam, do nada, a chover oportunidades e você saboreia o luxo que a fama dá.

– Agora você tem aquela impressão de que o mundo parou de girar, e que seus pés estão presos com enormes bolas de ferro, fazendo com que o tempo espere pela boa hora da sua coragem voltar. Ah, como é delicioso estar no paraíso e esperar que tudo venha até você se espreguiçar na cama e não ter nada com se preocupar! Notas? Professor? Estudar? Relaxa! Mas, como a ida ao paraíso sempre é curta e o vírus é rotativo, vem aí o próximo estágio.

– Esse vem com toda sua pomposidade, colocando aquela nuvem debaixo dos pés, a certeza de que jamais cairemos novamente; mal sabemos que esses atos empobrecem o espírito nos impedindo de dar o braço a torcer e reconhecer os nossos erros.

– O seguinte é a sua alma gêmea que possui a combinação perfeita, trazendo consigo a mesquinha e não tem outra melhor do que ela para tornar uma pessoa gentil em um grande egoísta arrogante, confinado ao isolamento, pois já não tem mais a capacidade de ouvir.

– O último aparece quando nos provocam, ridicularizando nossas opiniões, as quais nunca estão erradas; o sangue ferve se alastrando pelo sistema nervoso, causando ataques de histeria, destruindo o altar onde fomos idolatrados.

Chegando a esse ponto, o ser que adquiriu o vírus está em estado de falência, já não consegue perceber o outro a sua volta. Nossos mestres classificam essa doença como adolescência. Eles dizem que é aquele estado em que tudo se quer e tudo se deseja, é como vagar pelo purgatório sendo um comediante, mas não apenas os mestres o classificam dessa forma, a sociedade também.

Dizem que, para se recuperar e ter de volta seus velhos e bons hábitos, só o tempo. Um ancião muito sábio, possuidor de várias experiências, e que devido a elas sabe aconselhar sem julgar ou dar sermão, acaba sendo o mais indicado para resolver esses casos, pois espera pacientemente que o adolescente cresça e mostre o que aprendeu.

Passando essa fase, nos preparamos para o próximo obstáculo, “o Golias”, um cara grande que reside numa colina linda, ele é o guardião da acrópole, um templo de sabedoria, onde residem os mais importantes mestres do Olímpio, lugar ambicionado por muitos e aproveitado por poucos.

Para ter o privilégio de entrar, você tem que derrotar o Golias, tarefa nada fácil de executar, mas, se não tentarmos, como saber? Chegando à colina, me deparei com muitos outros que como eu também estavam ali para derrubá-lo. Minha primeira tentativa foi com uma pedra chamada processamento de dados, mas não causou nenhum efeito, então tentei de novo com a mesma pedra e novamente não adiantou nada; então procurei uma que fosse um pouco mais pesada para atingi-lo e achei uma chamada Psicologia, tentei duas vezes com ela, mas não funcionou.

No outro dia, já estava meio desanimada quando uma amiga que também tinha tentando atingi-lo com uma pedra chamada Administração, mas não tinha conseguido, sugeriu-me atirar a pedra Biblioteconomia. Para mim, era uma pedra estranha, com um formato diferente. Nem era pesada, mas, como era uma pedra, não custava nada tentar.

Então, mirei naquele gigante feio e severo, ao atirar a pedra, fechei os olhos, não contava com a possibilidade de derrubá-lo, mas, quando abri os olhos, nem acreditei no que vi, ele simplesmente tinha desaparecido e o caminho para a acrópole estava livre, e eu de simples concorrente me transformava em eleita para entrar no clã.

Estava feliz, pois para mim entrava em um país cheio de maravilhas a desfrutar, mas ao passar pelo portão percebi que a estrutura era diferente, parecida com um labirinto enorme, com corredores largos e pessoas andando de um lado para o outro sem parar.

Decidi percorrer aquela floresta de conhecimentos, quando me deparei com uma placa com a seguinte inscrição: “Decifra-me ou te devoro”. Essas palavras me intrigaram, mas eu não conseguia entender a mensagem. Então, continuei a trilhar, foi quando virei e me deparei com uma caixa. Perguntei a um aluno o que havia nela, ele me respondeu que havia todo tipo de atitude e que, de vez em quando, alguém vem abri-la, para utilizar um deles. Perguntei qual era a finalidade, ele me respondeu que, dependendo da atitude que se escolhesse, chegar-se-ia a uma determinada finalidade.

Fiquei curiosa e sempre que podia andava por aquele mesmo corredor, à espera de alguém que abrisse a caixa para que eu visse o que continha nela. Os meses foram passando e nada, então decidi eu mesma abri-la. Suspendi a tampa e me deparei com várias caixinhas coloridas com um espaço em branco para colocar o nome. Escrevi o meu. A caixinha de repente se descoloriu, ficou completamente branca. Então a levei para casa. No outro dia, ela possuía uma outra inscrição com os dizeres: “Use-me”, mas as minhas canetas não deixavam marcas. Voltei a guardá-la. Pela tarde, tive uma idéia de como desenvolver meus objetivos e, quando me virei para a caixinha, ela possuía uma cor. Chegou uma amiga minha e me perguntou se eu queria desenvolver um trabalho, trocamos algumas idéias... E a caixinha foi adquirindo novas cores. Até hoje tento abrir a caixinha para saber o que tem dentro, mas meu mestre falou que ela se abre sozinha e só poderei ver o que tem dentro se eu continuar a depositar minhas idéias, não deixando as dificuldades impedirem que a caixinha torne-se colorida novamente.

De Alto Alegre ao Médio Rio Negro

Nunca deixe que lhe digam que não vale a pena acreditar no sonho que se tem, ou que seus planos nunca vão dar certo, ou que você nunca vai ser alguém...

Se você quiser alguém em quem confiar, confie em si mesmo...

(Mais uma vez / Legião Urbana)

Nasci no dia 10 de julho de 1986, na cidade Santa Inês, no estado do Maranhão. Apenas nasci nessa cidade, pois logo em seguida fui para o município onde morei, infelizmente, só até meu primeiro ano de vida. Na verdade, na época não era nem município, pois não tinha prefeitura, maternidade e muito menos um posto de saúde. Não tinha delegacia, apenas duas escolas, criadas pela prefeitura de Santa Luzia.

Alto Alegre do Pindaré era um lugarejo que pertencia a outro município do estado do Maranhão, chamado Santa Luzia. Tinha na época pouco mais que cinco mil habitantes, sem a devida infra-estrutura para suportar essa pequena população, pois não possuía instituições para atender às necessidades básicas do povoado. Ele só foi emancipado recentemente, em 1997, com a criação de uma prefeitura, marcado por uma economia de subsistência, onde os moradores sobrevivem como quebradores de coco, faxineiros e garis. O comércio também avançou com a independência da cidade, pois sua população cresceu (e como cresceu!) e foi necessário que os habitantes buscassem outros meios de melhorar e ampliar a sua renda.

Há uma ferrovia que passa por dentro da cidade, que transporta minérios e facilita o acesso do povo à zona urbana. A vegetação predominante é o babaçu e ainda há uma grande quantidade de casas de taipa (muro de barro, socado de armações de vara, com telhado de palha de coco babaçu) que se misturam às outras casas de alvenaria. As escolas também entram em contraste com as habitações, pois são de boa aparência física: pintura, limpeza, iluminação e arborização.

Com o crescimento da cidade de cinco mil para mais de vinte e quatro mil habitantes, o número de escolas aumentou significativamente de duas para oitenta e três, tendo dentre estas apenas cinco escolas para o ensino médio e um pólo de ensino superior.

Além disso, existe uma grande festa, a Festa de Sete de Setembro, que é tradição todos os anos e atrai muitos turistas. Nesse período, as vendas aumentam e a rentabilidade é maior. Todo ano acontece, muito antes da emancipação, pois recordo de fotos de minha mãe aos treze anos, desfilando nesse “grande evento”.

Essa foi a cidade onde me criei até o primeiro ano de idade. Relatar um pouco da história do lugar onde nasci é muito importante, pois, apesar do quase nada que vivi em meu estado de origem, há em mim um amor por aquela terra e uma frustração por não ter sido criada no Maranhão. Lá eu poderia ter sido criada junto com a minha família. Meus primos, que ficaram por lá e hoje são meus grandes amigos, são as pessoas de que mais sinto falta, pois não tive a oportunidade de crescer junto com outras crianças, em um lugar tranquilo. Infelizmente, as condições de vida naquele momento não foram propícias para a permanência de meus pais por lá.

A vida de meus pais não foi tão fácil. O meu avô paterno era “paneiro” (fazia as panelas de alumínio e vendia em uma mini-oficina que se situava em sua casa) e as condições eram razoáveis. Só que meu tio (irmão de papai) ficou doente, ele sentia fortes dores na perna, e essa dor fazia com o osso da perna se rachasse. Meu avô gastou muito dinheiro com ele, e acabou perdendo tudo o que tinha. Apesar de todo o esforço de meu avô, não teve jeito para a perna de meu tio, tiveram que amputá-la. Nessas condições, todos os filhos tiveram que ajudar e meu pai foi um deles, tendo que trabalhar na roça para contribuir com o sustento da família. Ele não conseguiu terminar o ensino fundamental e acabou arrumando outros empregos depois dos vinte anos. Trabalhou como relojoeiro e nessa época ele conheceu minha mãe. Ela era muito nova, tinha apenas quatorze anos, mas, mesmo assim, após um mês de namoro, eles casaram. Apesar do pouco dinheiro que papai ganhava, dava para sustentar ele e minha mãe, só que alguns meses depois, mamãe já estava grávida de mim e eles tiveram que arrumar meios para aumentar a renda da família.

Quando eu nasci, as coisas não estavam nada fáceis e, um ano após meu nascimento, minha mãe e meu pai resolveram que eu viria para Manaus junto com meu avô materno, que vinha para esse município, já que eles ainda não tinham condições de me criar. Por dois anos eu morei com meus avós maternos, em Manaus, para que meus pais pudessem trabalhar. Até que, em mil novecentos e oitenta e oito, meus pais vieram a Manaus para me buscar. Nós iríamos morar em Santarém, um município do estado do Pará, já que a prática do garimpo naquela região era mais satisfatória e, segundo meu pai, essa era uma forma de eles conseguirem novamente ficar comigo. Fomos morar na casa de uma irmã de meu pai, pois ainda não tínhamos condições para alugar uma casa. Nesse período, meu pai começou a trabalhar no garimpo com o marido de minha tia.

Eu havia completado três anos e minha mãe me matriculou na minha primeira escola. Era uma escolinha particular do bairro. Para nunca atrasar o pagamento da escola, meu pai mandava todo mês alguns gramas de ouro para minha mãe vender, já que dinheiro nem sempre era possível. Fiz o maternal na escola Recanto Infantil com uma professora que eu gostava muito e, ainda hoje, me lembro o nome dela, “tia Ivete”. Eu tinha muitos coleguinhas na sala, mas tinha um garoto que mais parecia com os meus primos. Todos os dias, ele me machucava, me beliscava, me mordida, até que um belo dia, muito irritada, eu enfiei um lápis várias vezes em seu braço. Tomei gosto pela coisa, não deixava mais ninguém me morder ou me machucar. Em casa, eu já chegava mordendo todo mundo (sem muito exagero é claro). A escola foi um lugar de socialização para mim. Mas um fato que sempre me faz lembrar esse lugar, foi a primeira parada de sete de setembro que participei. Guardo em retrato e na lembrança esse dia. Eu me diverti tanto com aquelas pessoas gritando, tocando músicas, trompetes, parecia uma festa pra mim, que era uma criança e achava tudo muito mágico.

Em 1989, meu pai voltou para Manaus para tentar montar uma taberninha, pois dizia que não queria mais viver da labuta do garimpo. Quando voltamos a Manaus, tivemos que morar por uns tempos com os meus avós. Ninguém pode imaginar a minha felicidade, eu sempre os adorei e o que eu mais queria era morar com eles. Como havíamos acabado de chegar a Manaus, meu pai ainda tinha que se estabilizar para poder montar a taberninha e nos sustentar. No começo, ele pegou o dinheiro que trouxe do garimpo e comprou algumas estivas (barbeador, isqueiros etc.) para vender na rua com a ajuda da minha mãe. Ela ia para a rua vender mel, muitas vezes trabalhava de doméstica, limpava prédios enormes, só para ajudar meu pai e assim podermos comprar nossa casa. Como dessa vez meu pai não tinha como arrumar ouro para pagar uma escola, minha mãe tentou me matricular em uma escola

pública para que eu não ficasse sem estudar. Minha mãe só encontrou vaga em uma escolinha para crianças pobres do bairro em que morávamos, o IEBEM.

Esta era uma instituição filantrópica, situada nas dependências de uma igreja, que visava suprir a alfabetização das crianças dessa comunidade. Eu tinha apenas quatro anos quando ingressei nessa escola, para fazer o pré-escolar. Estava naquela fase de descoberta, mas, ao mesmo tempo em que era boa, era ruim, pois, quando se muda de escola, conhecemos novas crianças, às vezes uma mais chata que a outra, e eu era uma destas.

Todas as vezes que minha mãe me deixava na escola, eu fazia um escândalo. Eu detestava ter que ficar lá e, por mim, voltaria para casa com ela, mas não tinha choro que a fizesse me levar. No início, eu era até meio bobona, chorava com tudo. Até eu me acostumar, se passou um mês. Daí em diante, eu comecei a sentir prazer em ir à aula. A professora além de atenciosa, era muito engraçada, ensinava tudo brincando, tanto que aos 4 anos eu já sabia ler e escrever. No fim daquele ano, quando eu terminei o pré-escolar I e passei para o II, aconteceu algo que deixou minha mãe surpresa: o meu rendimento escolar havia sido ótimo e eu já sabia ler e escrever. Assim, não precisaria mais fazer o “prezinho” II e, no ano seguinte, poderia ir para a alfabetização.

O que no início parecia uma forma de “pular um degrau”, acabou se tornando em uma exclusão, pois terminei a alfabetização com 5 anos de idade e a escola na qual eu estudava não tinha a primeira série. E que escola pública me aceitaria com cinco anos para cursar a primeira série? Nenhuma. Isso era lógico. Como eu não fui aceita por nenhuma escola da rede pública e meus pais ainda não tinham condições de pagar uma escola cara, fui estudar em uma escolinha particular no fundo do quintal de um vizinho nosso. O preço era bem acessível e meus avós sempre deram uma forcinha no pagamento. Lá, eu tinha uma espécie de aula de reforço, pois essas aulas não eram reconhecidas como curso de primeira série. Apesar disso, foi um dos tempos que eu mais aproveitei, pois, com o Professor Nilo, aperfeiçoei minha leitura e escrita e inseri em meu contexto de vida mais um aprendizado: aprendi a fazer contas. Isso foi uma maravilha!

Foi um período muito bom para mim, pois eu pude ter uma interação com as outras crianças do bairro e, com isso, solidificar minha relação com elas. Nesta mesma época, minha irmã nasceu. Eu já estava com 6 anos e lembro que no dia de sua vinda para casa, eu estava na escolinha e mal esperava a hora do recreio para vê-la. Queria ver se ela parecia comigo, porque achava que, por ser minha irmã, tinha que ser a minha cara (coisas de criança). Mas logo que a vi, fiquei toda boba. Queria pegá-la, mas todo mundo ficava de olho, por medo que a “quebrasse”. Imagina se eu faria isso? A entrada de minha irmã na família foi muito importante, pois eu imaginava que ela seria a amiga que eu não tinha e que brincaríamos muito.

Em 1993, novamente começou a procura por uma escola. Eu já tinha completado 8 anos, sendo que a idade mínima era 7, mas mesmo assim minha mãe insistia para que eu pudesse estudar. Finalmente, eu fui aceita em uma escola pública, pois iria fazer 7 anos no mês de julho, o que equivalia ao meio do ano nas escolas públicas. Porém, a única escola que me aceitou ficava muito longe de casa e isso acabou se tornando um empecilho, já que nós não tínhamos nem como alugar uma casa, quanto mais ter dinheiro todos os dias para me deixar e me buscar. As coisas foram ficando difíceis e minha mãe teve que procurar uma escola mais próxima de casa.

Após duas semanas de procura, finalmente ela conseguiu me trocar de colégio. Era mais próximo de casa, mas tinha muitos problemas. A escola era muito desorganizada, a começar

pelos professores que apareciam na sala de aula apenas duas ou três vezes por semana ou nem apareciam. Os alunos eram muito bagunceiros e muito mais velhos do que eu. O lanche era servido dentro de um balde, que mais parecia de limpar chão. As salas eram quentes e nada era feito por nós. Mas, antes de perceber tudo isso, eu estava entusiasmada, já que as aulas começaram duas semanas antes de minha chegada e eu queria muito saber como eram meus colegas, meus professores e a escola em si.

Não tive muita sorte com as minhas professoras, além de faltarem muito, foram três no decorrer do ano. A primeira era muito educada e mostrava certa preocupação em nos ensinar, sempre passava as tarefas e explicava os assuntos até que todos aprendessem. Mas ela estava grávida e logo teve que sair de licença-maternidade. A segunda era uma senhora que não se importava muito conosco. Eram apenas quatro matérias e ela nem se preocupava em nos fazer aprender. Quando a aula era de Português passávamos o tempo todo fazendo cópia e ditado. Não havia assunto para ser dado em Português. Matemática era só para escrever de 1 a 100. Nunca nos ensinou a fazer uma conta e passava metade dos tempos de aula na sala dos professores. Com essa segunda professora, não tivemos nem a oportunidade de aprender outra matéria (e, com ela, não aprendemos nada, só fizemos o que já sabíamos). A terceira professora dava aula, mas tinha um grande defeito: era muito estúpida. Lembro-me bem de uma vez em que estávamos todos na sala estudando e um colega que sentava ao meu lado teve dificuldades para fazer uma conta. Eu tentei ajudar até que, de repente, ela veio nos perguntar por que estávamos conversando em vez de fazer o dever. Respondi que ele estava com dificuldade e eu tentava ajudar. Rispidamente, ela me disse que eu não era professora e o mandou ir para a mesa dela. Lá, ela tentou lhe explicar o dever e, quando perguntou se ele havia entendido e a resposta foi negativa, vimos a bofetada que ela deu no menino. Ficamos estáticos, sem saber o que fazer. Éramos apenas crianças, e aquela cena foi chocante. Mas, o pior de tudo isso, foi que os pais do garoto vieram ao colégio e ninguém teve coragem de confirmar. Eu me senti sozinha e coagida, pois tinha medo que o fato se repetisse, porém, desta vez, comigo. Essa situação tornou a acontecer: ela beliscava, jogava apagador e giz nas nossas cabeças e nos humilhava muito. Ela sempre nos mandava ir à lousa e toda vez que alguém errava, fazia algo que fosse pra machucar. Um exemplo da última barbaridade que cometeu, foi um tapa na cabeça de um amigo nosso, fazendo-o parar com a cabeça na parede: o sangue escorreu em sua frente em decorrência de um grande corte. Depois disso, nós nos reunimos e contamos aos nossos pais tudo o que essa “mocréia” havia feito. Após denunciarmos, os pais se revoltaram e foram todos pedir sua retirada. A substituta foi a nossa primeira professora, que concluiu o conteúdo da série. Foi um alívio geral. No final do ano, depois de todos esses acontecimentos, ainda fui atacada por um deficiente mental, que ficava puxando a bolsa das meninas para tentar bater e eu fui uma das vítimas. Só que, por sorte, eu consegui pegar um pedaço de pau e jogar na cabeça dele. Essa escola me deixou traumatizada e de forma alguma eu continuaria lá, nem por um decreto.

Foi o que aconteceu. Além de mudar de escola, mudei também de casa. Meu pai sempre tentou comprar uma casa para nós, mas não tínhamos condições para isso. Já minha mãe, queria alugar, ao menos, pois já fazia 2 anos que morávamos com meus avós maternos. Além disso, agora tínhamos a minha irmã e, por isso, precisávamos de mais espaço. Com o dinheiro das vendas e a ajuda de meu bisavô materno, meus pais conseguiram comprar uma casinha de madeira, situada em um bairro popular, Redenção, e com um ponto comercial. Lá, naquele tempo, havia um alto índice de violência. Conseguiram juntar alguns cruzeiros (não me recordo

a quantia) para começar “a sortir” o comércio. O lugar antes de ter o nome que tem hoje era chamado de “Planeta dos Macacos”, pois não tinha energia elétrica, água encanada, a pista não era asfalta e era muito mais violento do que no tempo que cheguei lá.

Já no ano de 1994, comecei a cursar a segunda série, em uma escola mais próxima de casa. Comecei meio assustada. Depois de todo o ocorrido no ano anterior, eu tinha razões para estar amedrontada. Logo no início das aulas aconteceu uma situação muito chata. A professora começou a perceber (não sei de que modo) que alguns alunos estavam mais “atrasados” do que outros. Ela junto com a coordenação da escola, resolveu separar a turma em duas para deixar os “melhores” em uma sala e os “pouco inteligentes” na outra. A professora escolheu um dia para a divisão da turma e eu nunca tinha visto tanta gente naquela sala, todos ansiosos para ver se seriam os “melhores” ou “piores”. Essa seleção gerou um grande desconforto entre os alunos, pois aqueles que iam para a sala dos “melhores” ficavam tachando os outros de burros, incompetentes, humilhando-os de forma constrangedora. Alguns alunos mudaram de escola por se sentirem inferiorizados e a maioria simplesmente desistiu.

Com o passar do tempo, meus pais foram se estabilizando na vida comercial e finalmente as coisas começaram a melhorar. Eu já estava cansada de ver tanta “violência” dentro da sala de aula e já não queria mais estudar em colégio público. Fico imaginando como essas crianças que viviam recebendo “nãos” conseguiam superar tamanha desilusão, era tudo muito absurdo.

Com a melhoria do comércio, ainda em 1994, finalmente pudemos ter uma vida com menos “apertos”. A primeira coisa que meus pais fizeram foi me colocar em uma escola particular. Estudei por dois anos no Eduardo Ribeiro, por sinal, uma escola muito boa que me fez ver que nem todos os professores são ruins e que não precisava ter receio de apanhar dos meninos (eles me perturbavam muito na escola pública por eu ser muito pequena e nova), já que éramos praticamente da mesma idade. Nas escolas públicas os meninos eram sempre bem mais velhos e as meninas só pensavam em namorar, eu não os via curtindo a infância. Nessa época, além de me matricular em escola particular, meu pai comprou um carro para me levar e buscar. Vivemos dois bons anos.

Em 1997, foi meu último ano na escola particular. Após esses anos, eu troquei de escola e fui pra outra particular, que ficava mais próxima de casa e ajudava na economia da gasolina, já que apesar de estarmos bem, não podíamos esbanjar.

No ano de 1998, saí da escola particular e fui novamente para a escola pública. Fui por dois motivos. Primeiro, porque meu pai não tinha mais condições de pagar uma escola particular para mim e minha irmã, logo, eles tiveram que escolher e, como ela é mais nova, a opção era óbvia. Segundo, porque eu queria mesmo sair, por influência de uma amiga de sala que ia para uma escola pública. Como éramos muito ligadas, eu quis sair também. Hoje eu acho isso interessante, porque, parando pra pensar, eu não quis ir pra essa escola pública somente por causa de sua amizade. Creio que na verdade eu a via como uma pessoa diferente: tão decidida, “forte”, parecia saber o que queria (sem falar que eu tinha 11 anos e ela 14; e como isso fazia diferença... eu a achava uma adulta, pode?!?). Então, recorri aos meus pais para que me colocassem na escola pública em questão. Dito e feito. Consegui uma vaga nesta escola estadual. Porém, a pessoa que eu esperava encontrar lá não conseguiu vaga. Fiquei de certa forma frustrada em dobro, ou melhor, em quádruplo. A primeira, vocês sabem, por minha amiga não ter vindo. Segundo, porque a escola era totalmente inapropriada para qualquer estudante que quisesse aprender o mínimo possível. Estava situava em um anexo da escola

Vicente Telles que ficava em cima da quadra da escola Sólon de Lucena. Um ambiente muito pouco propício para o estudo, porque além da escola ser só um corredor, era impossível ficar muito tempo naquele calor insuportável, sendo que na hora do intervalo, não havia espaço para ficar. Enfim, condições terríveis. Terceiro, a escola não era nada do que a minha amiga tinha me dito. Ela disse que o ensino era levado a sério, que os professores não faltavam e tinham compromisso com o ensino público etc. Vamos rir desta última situação! A escola era totalmente frustrante. Os professores tinham lá suas qualidades e, às vezes, eles ensinavam alguma coisa. Porém, faltavam tanto que tudo o que eles faziam ia por água abaixo. A falta de compromisso conosco era tamanha que isso me deixou muito chateada comigo mesma, por não ter ao menos escolhido melhor a escola que iria estudar. Se eu tinha que ir para uma escola pública, pelo menos deveria ter me informado, pois o antro que eu fiquei sequer deveria ser chamado de escola.

Mas não fui tão dramática, agora eu já estava matriculada e tinha que estudar. Meu maior objetivo era fazer uma faculdade e, acho que aprendi isso com a vida e com as escolas, depender somente da escola não nos faz chegar muito longe (isso sem descartar o importante papel que algumas escolas podem ter). Quando as aulas começaram no Vicente Telles, eu estava muito preocupada com o rumo que iriam tomar. Aquele lugar me parecia horrível e imaginava que os professores também eram. Só que esse tipo de pensamento nos deixa, de certa forma, cegos para as coisas boas que se pode aprender, nem tudo é bom ou mal por completo. A escola até poderia ser um corredor, quente, sem lanchonete, com professores ausentes (às vezes eles davam uma passadinha lá), com uma diretora apática, que só ia pra lá tomar café e dar alguns informes sem importância, como o professor não vem hoje porque está doente. Aliás, isso já não era mais informe, era fato: quase todos os dias entrávamos às 13h15min e saíamos às 15h. Raramente ficávamos até as 17h15min, o horário final da aula. Foi nessa época que resolvi ocupar meu tempo com alguma coisa que rendesse uma graninha. Comecei a fazer umas bijuterias pra vender na escola e, como não tinha aula, ia para a praça onde ficava o anexo em que estudava. Ia pra lá conversar com minhas amigas, fazer minhas bijuterias e vender (minha mãe nunca soube disso, agora vai saber). Eu faturava uma graninha legal. Com esse dinheiro eu pude comprar muitas coisas (futilidades, pra falar a verdade), mas não precisava pedir dinheiro para meu pai. Acho que esse meu modo de pensar se deve ao fato da minha família ser composta por comerciantes e meu pai trabalhar com esse ramo desde que eu era muito pequena. Pensava que meu pai ganhava rios de dinheiro com essa prática e, quando comecei a ser vendedora, no alto dos meus 12 anos, percebi que essa vida era muito mais incerta do que eu imaginava. Até entendi porque eu tive que ir para a escola pública, uma vez que a labuta do comércio não me pareceu nada fácil; ora as vendas estão em alta, ora estão péssimas. Comigo, o negócio não fugiu a regra: as vendas das minhas bijuterias caíam, peguei um monte de “calote” e acabei parando.

Depois disso, cheguei a uma conclusão: eu não estava ali para ser vendedora; eu era estudante, queria ter o direito de estudar em um lugar decente e não era justo com os meus pais ficar indo a escola mais para vender bijuterias, não tendo proveito quase algum. Todos os dias, eles me davam o dinheiro pra passagem e lanche, e o que eu fazia na escola? Nada. A culpa não era minha, a culpa ainda é do país em que nós vivemos (momento de revolta). Um lugar onde só a corrupção e a ganância imperam e os direitos dos cidadãos só são válidos quando é época de eleição. Mas, apesar da minha indignação, ainda fiquei nesta escola por um ano e meio e na metade da oitava série, em 2000, pedi a minha mãe para mudar de

escola. Expliquei a situação e ainda bem que ela compreendeu, pois terminar o ano lá seria tortura. Quando terminou o primeiro semestre, fui à central de matrícula mudar de escola e a única que encontrei era conhecida como “buracão”, por se situar dentro de um pequeno abismo, famosa por seus alunos do turno noturno, considerados marginais, que depredavam a instituição. Eu queria estudar de manhã, mas não tinha vaga, e, por sorte, surgiram duas vagas no turno vespertino. Tive uma semana de férias. Começaram as aulas e eu estava muito nervosa, já que a fama da escola não era muito boa. Quando cheguei à porta da escola, onde estavam todos os alunos, encontrei uma amiga que havia estudado comigo na segunda série. Eu estava com 13 anos e ela com 19. Lembrei que nesse tempo havia ocorrido a separação da turma e perguntei como tinha sido sua vida escolar durante esse tempo. Ela me relatou que continuara a estudar, mas sempre ficou em recuperação e tinha uma grande dificuldade em prestar atenção na aula. Além disso, guardava uma grande raiva de nossa professora, pois ela havia sido alvo de muitas chacotas e humilhações por ter ficado na turma dos “piores”. Ela se mostrou feliz em me ver e eu me ofereci para ajudá-la no que fosse preciso. Fiquei triste pelo que aconteceu com ela e vi que ninguém “vence” sozinho, a vida é uma construção e que cada aprendizado é um tijolo que colocamos na nossa vida. Ela me mostrou o quanto às pessoas são ruins por se sentirem superiores. Mas, assim mesmo, lamentar não muda a situação. Professores inescrupulosos, antipedagógicos, que não estão nem aí com a educação, são pessoas que se encontram facilmente.

No Rosina Ferreira eu acho que tive até sorte, peguei bons professores. Lá, eu comecei a gostar de Português e História, matérias que me foram muito úteis no vestibular. Só que as responsabilidades foram aumentando e eu precisei me preocupar com uma coisa que tirava meu sono, o mini-vestibular. Eu sofri uma grande pressão para ingressar nas escolas técnicas de Manaus. Tive muitos problemas acerca disso, pois eu me sentia sufocada e, muitas vezes, até incapaz de passar nestes mini-vestibulares. Todos os meus colegas iam fazer essa prova e isso era preocupante porque concorrer com os colegas de classe, aqueles que eu imaginava que sabiam mais do que eu, tornava esse momento mais angustiante. Apesar desse bobo pensamento, eu estudei muito pra passar, não fazia outra coisa no meu tempo livre que não fosse estudar. Queria ser motivo de orgulho para os meus pais, já que eles batalharam tanto por mim, só que no dia da prova deu um “apagão” na minha memória. Acredito que a pressão que eu mesma fiz em cima de mim atrapalhou muito e meu pensamento voltado para meus pais me inquietava bastante. Lembro que pedi para meu pai me colocar em um cursinho para fazer o mini. Pensava em um muito conceituado aqui de Manaus, só que, naquele tempo, tirar 48 reais do bolso todo mês era ralado. Foi aí que vi uma placa de um cursinho lá no centro da cidade; vi o preço que era menos da metade do outro e resolvi fazer uma nova tentativa. Papai fez um esforço e conseguiu me colocar neste lugar que chamavam de cursinho: um lugar totalmente desorganizado, com uma única sala, que cabia mais ou menos uns 100 alunos, quente e escuro. Percebi que não tenho muita sorte para estudar em lugares propícios, mas não podia fazer muita coisa, tive que ficar lá mesmo.

Fiz a prova e fiquei esperando ansiosamente o resultado, acreditando, tendo fé, mas, infelizmente, não passei. Senti-me uma fracassada, e burra, que não tinha a menor capacidade de passar numa simples prova. Mas a primeira prova a gente nunca esquece, você passando ou não, ela sempre será lembrada. Tive até umas “neuras” de ficar achando que a culpa estava na minha classe social: que, por ser pobre, não ia conseguir atingir os meus objetivos; que somente as pessoas que tinham dinheiro é que conseguiam esse tipo de coisa; que eu

era apenas uma pobre coitada que não tinha vez no mundo (fui bem dramática). Fiquei tão chateada a ponto de não querer estudar mais e que estudo não servia pra nada.

Até que, em 2001, me reanimei pra fazer outro mini-vestibular. Pensei: “se depois de todas essas provas ainda tenho essa alternativa vou sair da crise e tentar novamente”. Dessa vez o mini era de uma escola pública considerada modelo de ensino. A escola funcionava em sistema integral e eu imaginava que lá também poderia fazer um curso técnico, mas me enganei, a escola até tinha (alguns) ótimos professores, mas somente era somente de ensino acadêmico. E novamente, surgiu a oportunidade de eu fazer uma prova de uma escola no padrão da primeira que eu tentei, ou até melhor. Fiz a prova sem muito entusiasmo, o resultado saiu em pouco tempo e eu havia ficado na repescagem. Escolhi a área de informática, mas se eu tivesse feito para eletrônica, teria passado tranquilamente, pois, com a respectiva pontuação, eu ficaria em quatro posições acima do último colocado. Mas, ficar me lamentando não resolveria nada, assim como nunca resolveu. No entanto, minha prioridade era estudar para ingressar na Universidade. Em alguns momentos, eu até tive vontade de estudar em uma escola particular, mas a situação em casa não estava nada boa. Pra variar, a vida do comércio estava naquela fase de altos e baixos, mais baixo que alto. Hoje, o que me deixa mais triste é o fato de que eu coloquei a culpa do meu não ingresso em pessoas que sempre me apoiaram e torceram por mim, estavam sempre junto a mim, me auxiliando de todas as formas, sejam elas financeiras, emocionais, nos estudos. Minha família sempre foi muito importante para mim. Continuo afirmando que lamentar não adianta.

Em 2001, quando começaram as aulas no Petrônio Portella (a escola pública de tempo integral), até que eu estava bem empolgada. Mas logo de cara vi que não estava no paraíso, mas no inferno. Os alunos eram os filhos de chocadeira (segundo a diretora) e ela era satanás de saia (segundo toda escola). Ela possuía regras muito severas, a diretora era um verdadeiro carrasco e não permitia que ninguém tivesse sua própria opinião. Ela não estava criando “cidadãos”, mas meros robôs para sociedade; era muito autoritária e tinha um jeito muito arbitrário de comandar a escola. Só para ilustrar o autoritarismo dela, lembro de uma situação que me aconteceu. Eu estava no corredor da escola esperando o outro professor entrar na sala de aula; os alunos sempre ficavam no corredor e, quando a diretora estava na escola, corriam pra dentro da sala de aula. Em uma dessas correrias eu estava no corredor vindo do banheiro, quando uma garota da sala em frente à minha deu um grito ensurdecedor. Como eu fui a última a entrar na sala, ela veio atrás de mim, já entrou na sala me xingando de todos os nomes, me chamou de “vaca louca”, “filha de chocadeira” e, daí por diante, esses foram os “melhores” nomes que ela me denominou. Fiquei arrasada, não consegui dizer uma palavra, simplesmente saí correndo da sala chorando, me sentindo ridícula e com ódio daquela diretora. Quando cheguei em casa, contei toda história pra minha mãe e já esperava que ela fosse aparecer lá, mas eu queria lavar a alma, precisava fazer aquela mulher me pedir desculpas. Quando eu estava perto do corredor, ouvi os gritos da minha mãe que estava num “arranca-rabo” com a diretora. Entrei na sala e ela estava tão mansa que eu até me assustei. Mas quando eu cheguei à sala ela já foi logo me perguntando se aquilo era verdade. Eu disse: “lógico que sim”; nunca fui tão esnobe na vida, e não agüentei, falei mesmo, só que uma coisa eu puxei a mamãe, às vezes é preciso falar com calma pra não se perder a razão. Enfim, lavei minha alma naquele momento e consegui o que ninguém em oito anos de satanás (diretora) conseguiu, ela pediu desculpas em público. “Senti-me”, literalmente.

Esse exemplo só serve pra mostrar que tipos de pessoas estão na direção de escolas que deveriam estimular a criticidade e não a alienação. Quando eu estava no primeiro ano

do ensino médio, havia apenas um ou dois anos que tinham implantando um programa para ingresso à universidade pública. Por um momento, imaginei que eu poderia estudar e passar, só que quando coloquei isso na minha cabeça, já era tarde demais, faltava somente um mês para o PSC⁴. Eu estava inscrita, mas não tinha me conscientizado de como aquilo seria importante pra mim. Fiz a prova, mas fui muito mal, não tinha conseguido acertar nem 50% da prova, só que isso serviu para eu enxergar o quanto essa oportunidade era única, e eu tinha apenas uma obrigação: estudar. Aproveitei ao máximo tudo o que os professores puderam oferecer. Tive ótimos professores, mas existe uma que merece ser lembrada, pela sua competência, profissionalismo e dedicação ao seu trabalho: ela é uma das pessoas que merece minha admiração. A professora Erismar será sempre lembrada por mim, graças ao amor pelo seu trabalho.

No ano seguinte, em 2002, eu não pensei em outra coisa senão estudar. Queria dar esse orgulho àquelas pessoas que torceram por mim e a mim mesmo, que precisava disso para confiar mais em mim. Comecei a estudar incessantemente durante os meus dois últimos anos de ensino médio. Eu havia traçado uma meta e, por que não cumpri-la? Uma pessoa como eu que tem o apoio da família, que tinha professores comprometidos com o ensino, quem pode dizer que eu não podia? Ninguém, nem a mais pessimista das pessoas, “eu”.

No último ano do ensino médio, percebi que a maior barreira que eu podia enfrentar era a escolha do curso. Minha mãe ficou desesperada sem saber se eu ia fazer a minha inscrição, todo dia ela me perturbava. Mal sabia ela que eu nem imaginava o que ia cursar. Só me decidi no último instante, quando fui entregar a ficha no local de inscrição. Eu também me inscrevi no PSM⁵ para realmente não ficar de fora da Universidade, mas, eu queria era passar no PSC, cuja área que escolhi era tudo o que eu queria.

No mês seguinte, resolvi arrumar emprego temporário de fim de ano pra tirar um “trocadinho” e não ficar em casa sem fazer nada. Arrumei um emprego em uma loja do shopping, para o qual tive que fazer uns exames admissionais. Neste mesmo dia saiu o resultado do PSC. Eu não sabia que sairia e fui fazer o que estava programado. Logo que cheguei ao prédio onde se localizava o consultório e entrei no elevador, recebi um telefonema de um amigo meu que estava todo eufórico me contando que tinha visto meu nome no mural da UFAM. Fiquei com as pernas trêmulas e não conseguia acreditar no que eu acabara de ouvir. Comecei a chorar muito e uma senhora que estava no elevador perguntou “se eu estava me sentindo bem” e disse “que eu não precisava fazer aquilo, que me matar não era a solução”. Virei para ela dizendo, “senhora, eu não estou triste, estou feliz, acabo de saber que sou uma universitária e que meus sonhos estão começando a se realizar”. Ela riu e me deu os parabéns.

Quando entrei para a Universidade, pensei: estou lá. Quando realmente começaram as aulas, eu era muito acanhada e não tinha coragem de expor minha opinião na sala de aula. Apesar de não ser muito de falar, eu sempre procurei me empenhar nos estudos, meus colegas não foram de muita ajuda no início para minha adaptação. Eu os via como aqueles alunos formados pela elite, que tinham dinheiro para estar ali e não se importariam muito se eu tinha ou não condições de me manter ali. Mas depois eu fui os conhecendo e percebendo quão heterogênea era aquela turma e o quanto eu poderia aprender com eles.

⁴ O Processo Seletivo Contínuo é uma prova que é feita todo ano durante o ensino médio, para obtenção de nota, se a nota for alcançada, você pode ingressar direto no ensino superior.

⁵ Processo Seletivo Macro, o tão conhecido vestibular.

Eu sempre procurei buscar conhecimentos que não se limitavam somente à teoria, que pudessem me oferecer uma visão da prática, foi então que surgiu uma oportunidade de fazer um mini-curso em um evento da SBPC⁶. O curso chamava-se “A experiência do ensino de filosofia e sociologia nos níveis fundamental e médio: estigmas e conquistas vivenciadas em sala de aula” e abordava as práticas dos profissionais da área de educação. No debate, eu ouvi a fala infeliz de uma professora de filosofia que me fez pensar no tipo de profissional (incompetente que ela deve ser ou é), profissional que não se deve admirar. Ela disse o seguinte: “... esses alunos que vêm do PSC, desse Processo dos Sem Cabeça, só serve pra vermos o baixo nível que os novos alunos têm”. Sem cabeça? Será que essa professora não se toca que ela é professora de ensino médio e que esses mesmos alunos que ela julga sem cabeça também podem estar na universidade? Acabou de mostrar incoerência em seu discurso. Além do mais, não me considero uma “Sem cabeça”, mas sim, uma entre tantos alunos que, como eu, enfrentaram obstáculos em sua vida e, mesmo assim, conseguiram com muito estudo e muita garra chegar a um lugar almejado por muitos. Mas não por sorte, e sim por esforço e por terem conseguido encontrar pelo caminho pessoas que as ajudaram a prosseguir a caminhada. Lembro perfeitamente a alegria de meu pai quando passei no vestibular, ele dizia pra todo mundo, falava que tinha orgulho de mim, por estar na universidade. Porém sua fala era diminuída quando ele dizia que a filha de fulano tinha passado para Direito e de sicrano para Medicina, que eles iam ganhar muito dinheiro. Era duro ouvir isso no começo. Mas quando eu passei para Engenharia na Universidade Estadual do Amazonas, foi uma felicidade sem tamanho. Cheguei a cursar um período deste curso, mais para satisfazer a vontade dos meus familiares, pois não pensava em passar do primeiro período. Eu queria ser Psicóloga e é isso que eu vou ser. Pode até ser que eu não ganhe rios de dinheiro, mas sei que vou ser uma boa profissional por estar em um lugar onde eu quero estar e não porque eu quero apenas ter status social. Essa elitização do pensamento do meu pai é até compreensível. Que pai nunca encheria a boca pra dizer, “minha filha é uma ‘doutora’?” Não ter essa profissão não me impede de lhe dar o orgulho de dizer “minha filha é uma doutora”, porque, meu pai, eu serei.

Depois de ter entrado na Universidade senti como se eu estivesse entrando no paraíso, mas no primeiro contato com os professores, senti como se estivesse com um diabo em pleno inferno (é uma comparação forte, com uma carga religiosa, mas isso exprime o meu sentimento). Eu não entendia o porquê, que depois de tanto esforço eu me sentia tão deslocada e solitária. Percebi que a universidade não é só mais uma escola na qual você recebe o conhecimento de “bandeja”, mas ele é construído. Se você quer conseguir algo tem que estar sempre presente de corpo e mente, pois não é uma escola de segundo grau, aonde o professor vem atrás de você e você nada tem que fazer. Dali, você sairá como uma profissional que servirá a população e terá que trazer resultados. Só que assim como existem ótimos professores, também existem aqueles que são alheios aos alunos, que não fazem o mínimo esforço para colaborar com o nosso crescimento. Eu já estava em processo de desespero, achando que eu estava no curso errado e que deveria trocar enquanto ainda tinha tempo. Resolvi esperar até o segundo período. Tivemos uma matéria de “arrancar” os cabelos, então, veio a certeza de que deveria sair, mas, por muita sorte, encontrei uma ótima professora, que me mostrou que a Psicologia era algo mais além do que eu havia visto. O nome e o rosto dela ficaram gravados em minha mente, como uma forma de eu lembrar o quanto eu poderia aprender, tanto com os professores, quanto com os livros.

⁶ Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

As oportunidades foram surgindo e eu acabei ingressando em uma pesquisa da UNESCO, a qual seria para aplicar um questionário junto aos alunos e coordenação de algumas escolas de Manaus. Ver muitas crianças em situações parecidas com a minha e ver, na prática, muita coisa que eu tinha visto na teoria, me fez buscar mais o conhecimento. Cada escola que eu passava para aplicar o questionário me deixava muito triste por ver que a educação continua a mesma ou até pior do que quando eu estudava, sempre soube desse fato, mas ver a realidade, encarar isso, dói mais do que só saber. Um sistema de ciclo que havia sido implantado nas escolas há pouco tempo, era totalmente inadequado, pois a visão do ciclo era que o aluno deveria ser visto em um contexto mais amplo, não podendo reprovar. Só que a maioria das crianças acabava passando de série, sem nem ao menos ler e escrever e, quando isso acontece, a professora divide o quadro na sala de aula colocando quem sabe ler de um lado e quem não sabe do outro. Agora imagine que professora pode ser tão completa a ponto de conseguir ensinar crianças que não sabem ler nem escrever e outras que precisam avançar? O que acontece? Fracasso escolar. Não podemos deixar que o ensino básico seja desprezado, nem deixar que alunos oriundos de espaço popular possam ser excluídos de um ambiente que é preparado para eles, a Universidade Pública.

Após essa pesquisa, ingressei como voluntária em outro projeto da Universidade. Eu ia apenas cursar uma matéria dentro do Conexões de Saberes, só que a minha identificação com o projeto foi além dessa matéria; fui me inserindo nas atividades de formação, fiquei como voluntária juntamente com os meus colegas da pesquisa. Até que dois bolsistas resolveram sair por não se identificarem com o projeto. A coordenadora ia abrir inscrições e, como eu já estava inserida no projeto, passei por uma entrevista. Tinha o perfil para o projeto e acabei entrando como bolsista do Conexões de Saberes, um projeto de cunho político muito importante para a formação de qualquer aluno que realmente tenha o objetivo de não somente crescer como profissional, mas também como um construtor de Educação no nosso país. Participar deste projeto me faz querer continuar a persistir na luta pela melhoria da Educação, pois a pesquisa da UNESCO me fez ver que nós, universitários, podemos devolver o que estamos tendo a oportunidade de usufruir, o saber.

Após um ano de projeto, mesmo não estando desde o começo, posso perceber o quanto é importante estar em contato com essa pluralidade de pessoas que existe no país. Tive a oportunidade de conhecer uma baiana, chamada Elísia, que merece ser lembrada por mostrar o quanto é importante sabermos respeitar cada etnia, cada classe social, pois ninguém nunca vai ser melhor do que ninguém, por estar cursando uma universidade, ou porque tem mais dinheiro que o outro. Faz-me lembrar também uma fala de um colega de classe, da qual jamais ire esquecer, onde ele disse que “pobre não gosta de estudar”. Quem é ele pra dizer isso pra uma estudante de origem popular? Eu sou humilde e adoro estudar. Eu e milhares de brasileiros oriundos de espaço popular estamos na Universidade para calar a boca de pessoas como ele, que parece viver na ignorância.

Como a maioria dos alunos de comunidades populares, oriundos de escola pública, eu tive dificuldades em me acertar dentro da Universidade como estudante, porque tudo parece girar em torno de quem tem uma ótima preparação no ensino médio. Os professores não se fazem tão presentes, o teu aprendizado, em grande parte, depende de você e se isso não for logo conscientemente percebido, você não conseguirá chegar ao profissional que almeja ser. Agora, estou cursando uma faculdade sim, mas com muita responsabilidade, pois não quero apenas sugá-la e virar as costas, mas devolver a sociedade o que agora me está sendo proporcionado.



Parte 3

Travessias...

*Por isso é preciso
Aprender com as águas.
Vencer obstáculos, quebrar barrancos
Ora correr em seu calmo movimento.
E na mágica correnteza
Arrastar o desânimo.
(Auxiliadora Reis)*



Minha história, minha conquista

Dificuldades e contratempos são coisas das quais não estamos isentos ao longo da vida; entretanto, quando corremos atrás do que queremos, conseguimos nossos ideais.

Querido leitor,

Meu nome é Susianne, tenho 21 anos e, atualmente, resido com a minha família no bairro Amazonino Mendes, localizado na Zona Norte de Manaus.

Cresci no bairro Educandos, um dos mais antigos da cidade. Meus pais, minha irmã e eu vivíamos numa casa com estilo palafita, na rua Macurani, que por sinal cruzava a rua 13 de Maio, do bairro Colônia Oliveira Machado, uma das ruas mais perigosas da cidade; nela a violência e o tráfico de drogas ainda são intensos.

Meu pai era marceneiro e minha mãe, dona de casa e, apesar de sermos humildes, eles decidiram que minha irmã e eu estudaríamos em uma instituição pública do centro da cidade, pois não havia condições financeiras de irmos a uma escola particular. Eles acreditavam que o ensino das escolas do centro fosse superior ao dos bairros periféricos.

Conhecedores da miséria, meus pais desejavam às filhas um futuro diferente. Meu pai dizia que chegou a ser um vendedor ambulante na Feira da Panair, durante a sua adolescência, para ajudar sua mãe no sustento da casa. Minha mãe é oriunda do interior do estado do Amazonas e filha de mãe solteira, trabalhou na roça para sobreviver juntamente com seus três irmãos mais velhos. Entretanto, aos 15 anos resolveu vir para a capital tentar uma vida nova. Seis anos mais tarde, Juvenal e Celeste se conheceram; ambos cursavam o ensino médio na mesma escola. Com poucos meses de namoro, decidiram se casar e, meses mais tarde, veio a primeira filha do casal: eu. Em menos de um ano, nasceu sua segunda filha, Daianne.

A primeira escola em que estudei chamava-se Escola Estadual Princesa Isabel. De início, não foi nada fácil. Ir diariamente para um lugar diferente da minha casa foi algo novo. Senti-me mais segura quando Daianne foi estudar lá. Na realidade, minha mãe sempre achou melhor que estudássemos nas mesmas escolas e horários, fato que nos influenciou a sermos sempre unidas diante das dificuldades.

Os anos foram passando. Iria cursar a 5ª série do ensino fundamental quando aconteceu um fato marcante: minha mãe, separada do meu pai, há alguns anos, resolveu “passar um tempo” no interior, onde seus familiares viviam. O casamento nunca tinha sido estável; muito sofrimento e amargura já faziam parte da nossa pequena família. Chegara o tempo de dar um basta em tudo isso; ir para a Vila de Santa Maria foi uma saída para recomeçar.

Minha mãe, Daianne e eu moramos cerca de um ano nessa comunidade, localizada no interior do município amazonense de Nhamundá, na região do baixo rio Amazonas. Nossas rotinas mudaram completamente: eu que era habituada a ver desenhos animados toda manhã, beber água gelada e andar de ônibus, tive a oportunidade de aprender hábitos novos.

Na vila, a energia elétrica era fornecida por gerador, ligado a partir das dezoito horas. Existia apenas uma televisão na comunidade, que ficava no barracão de encontros dos co-

munitários. Água, só se fosse buscar no rio; havia uma bomba d'água, entretanto, durante o tempo que permaneci lá foram raras as vezes em que ela funcionou. Ficou até difícil para manter a comunicação com meus familiares residentes em Manaus, pois o telefone público da vila funcionava muito mal. Mas não era apenas a infra-estrutura do local que precisava melhorar. O ensino escolar também era muito carente.

Constatei que o ensino público no interior do Amazonas não tem a devida atenção. A infra-estrutura das escolas era muito precária. Havia duas escolas, com duas salas de aula e uma secretaria cada uma. Uma dessas não passava por uma boa reforma há anos. Quanto ao quadro funcional, era constituído por diretor, auxiliar de serviços gerais, que também desempenhava a função de merendeira e, aproximadamente, 12 professores. Nossos professores, em sua maioria, possuíam no máximo o ensino médio, porém não devo negar que tinham boa vontade para nos ensinar. O número de repetência era alto. A maioria de meus colegas apresentava um atraso na vida escolar. Eu tinha 11 anos e estudava com pessoas na faixa etária de 13 a 17 anos.

Quem vive no interior tem o seu roçado para plantar árvores frutíferas e, principalmente, a mandioca, um alimento típico do caboclo, homem do interior do Amazonas. O trabalho era realizado por toda a família, incluindo as crianças. Nessa perspectiva, jovens que deveriam estar na escola iam para a roça ajudar no sustento da casa. Outros ainda tentavam conciliar estudo e trabalho, porém não obtinham muito êxito na aprendizagem.

Outro problema que eu pude verificar dizia respeito ao não-oferecimento do ensino médio na comunidade. Quem quisesse prosseguir nos estudos deveria se deslocar para o município de Nhamundá, cujo percurso se fazia apenas de barco, demorando em média cinco horas de viagem. Nesse caso, para um morador de Santa Maria, cursar o ensino médio só era possível para quem tivesse condições financeiras de permanecer na sede do município; o ingresso se tornava mais fácil quando o aluno tinha algum conhecido lá.

Concluído o ano letivo, voltamos a Manaus. Agora, mais uma pessoa vinha conosco: meu padraсто. Minha mãe, que o conhecia do período de sua adolescência no interior, decidiu dar mais uma chance à vida sentimental. Fui morar com meu pai, que também estava vivendo com outra mulher. Mais uma vez, Daianne e eu tivemos que passar por uma nova adaptação. Minha mãe estava desempregada, sem casa e com o novo companheiro. Ao retornar para a cidade, seu futuro estava incerto. Então, ela decidiu que o mais seguro para as filhas seria irem morar com o pai.

Voltamos a residir no Educandos e a estudar nas instituições de ensino do centro de Manaus. No princípio, fiquei com receio de não acompanhar o ritmo da turma, pelo fato de considerar o ensino no interior “muito fraco”. Porém, percebi que a minha vontade de aprender era bem maior.

Senti falta de Santa Maria, afinal, no tempo em que vivi lá, mais algumas páginas da minha história foram escritas. Acordar cedo, tomar banho no rio, dormir em rede, caminhar pelo terreiro e andar de canoa não faziam mais parte da minha rotina. Lá, fiz novas amizades e pude levar a vida longe do barulho dos automóveis, da correria das pessoas e da agitação em geral tão costumeiro nas grandes cidades. Tudo ficou para trás.

Passei boa parte da minha adolescência em depressão, fato que posso considerar normal para a época que eu estava passando. Fiquei com anorexia e, algumas vezes, tive vontade de morrer.

Num belo dia, algo me fez ter esperança de que as coisas poderiam ser melhores. Minha tia paterna, que era evangélica, sempre nos convidava para ir à igreja. Por várias vezes recusei

o convite, até que um dia resolvi aceitá-lo. O que eu poderia perder com isso? Comecei a freqüentar a igreja por alguns meses, quando, na tarde de 17 de abril de 1999, tomei a decisão de me converter ao protestantismo. Poxa! Foi a minha salvação! Claro que a minha vida não virou um mar de rosas, mas, de agora em diante, poderia contar com um grande amigo; o vazio que eu tinha foi preenchido por Jesus.

Concluído o ensino fundamental, vi-me diante de um novo desafio: realizar o processo seletivo para ingressar no ensino médio. As escolas públicas de ensino do Amazonas não exigiam o acesso por mini-vestibular. Entretanto, desejava estudar em uma escola que fosse referência de ensino na cidade. Decidi fazer o processo seletivo do Centro Federal de Educação Tecnológica do Amazonas (CEFET-AM) e do Colégio Amazonense Dom Pedro II, mais conhecido como Estadual. Creio que foi a vontade de Deus o meu ingresso na minha segunda opção, pois quando fui fazer a prova no Estadual, tinha certeza que o meu lugar era lá.

No Estadual, vivi momentos inesquecíveis. Apesar de o colégio não oferecer mais o Curso Técnico em Turismo, ainda era uma instituição de referência em Manaus. Nela, estudaram muitos políticos influentes do estado. Outro aspecto a destacar é a sua arquitetura, o estilo europeu chamava a atenção de todos que passavam pela Avenida Sete de Setembro, sendo considerado um dos principais monumentos históricos da cidade.

Não posso negar que a escola era organizada. A disciplina de fato se fazia presente na instituição: farda¹ branca e cinza, saia abaixo do joelho, meias brancas e sapatos pretos eram inspecionados diariamente. O horário de entrada deveria ser pontual, caso contrário, o aluno não entrava em sala de aula. Raramente um professor chegava atrasado para ministrar sua disciplina. A instituição oferecia também aulas de espanhol, informática básica e musculação, atividades extras para quem tivesse tempo.

Nessa época, voltei a morar com a minha mãe. Logo que voltamos de Santa Maria, ela foi viver numa casa alugada no bairro de São José, situado na Zona Leste de Manaus. Mamãe conseguiu um emprego de agente comunitária de saúde e meu padrasto empregou-se num açougue. Como ela sempre valorizou o seu dinheiro, começou a poupar uns trocados no intuito de comprar a tão sonhada casa própria. Anos depois, comprou um terreno no bairro Amazonino Mendes, mais conhecido como Mutirão, onde construiu a casa na qual moramos até hoje.

Algo que me marcou profundamente no período de ensino médio, do qual eu guardo boas lembranças, foi o meu envolvimento no grupo de evangelismo que existia na escola. Certa vez, estava passando pelo anfiteatro quando vi vários alunos reunidos, cantando louvores. Achei aquilo muito bom, pois significava a presença, no local, de pessoas que seguiam a mesma crença que eu. Resolvi falar com o líder do grupo, que me recebeu de braços abertos.

Durante os três anos em que estudei naquela instituição, me dediquei a esse grupo. Posso dizer que foi um lugar onde pude fortalecer a minha fé. Eu era uma nova convertida que ia levando a nova vida sozinha. Meus pais não eram evangélicos. Apenas Daianne e eu optamos por esse caminho. Com os ensinamentos recebidos na escola, tive a oportunidade de me consolidar no evangelho.

Um ano mais tarde, quem ingressou na mesma escola em que eu me encontrava? Ela mesma, minha irmã. Com a sua entrada para o Estadual, Daianne tornou-se mais uma companheira do grupo. Sempre nos reuníamos ao final da aula na pracinha do colégio para aprendermos

¹ Uniforme escolar.

sobre a bíblia, cantávamos louvores e orávamos. Era uma espécie de mini-culto.

Quando chegou o 3º ano, sabia que aquele era o último que eu passaria ali. Todos os meus colegas estavam preocupados com o vestibular, inclusive eu. Encontrava-me um pouco desorientada quanto à opção do curso a seguir. Meu pai, assim como a maioria dos pais, queria que eu fizesse medicina. Ele dizia que esse curso dava dinheiro e, se eu optasse por ele, meu futuro já estava garantido. Então, mediante a sua insistência, decidi prestar o vestibular para tal curso.

Como não gostava de pedir dinheiro aos meus pais, pensava numa maneira de me inscrever no processo seletivo sem pedir a ajuda deles. Até mesmo porque, após eu ir morar com a minha mãe, meu pai já não nos dava mais qualquer tipo de assistência financeira. Foi quando fiquei sabendo que a Universidade Federal do Amazonas (UFAM) oferecia algumas vagas para isenção da taxa de inscrição do vestibular. Era a minha chance. Fui à universidade e levei todos os documentos que exigiam para concorrer à vaga. Dois meses depois, o resultado foi divulgado. Qual não foi a minha alegria quando vi o meu nome na lista para isenção integral da taxa de inscrição do vestibular. Afinal, era uma oportunidade que tinha nas mãos. Agradei a Deus, pois pedia insistentemente que me desse uma luz.

Chegou o dia da prova. Eu estava bastante insegura, pois as questões das disciplinas que tinham maior peso (biologia, química e física), eram as que eu menos dominava. Meu pai já me via vestida de branco, falava que quando eu fosse médica queria de presente viagens pelo mundo inteiro. Entretanto, quando o resultado foi divulgado, não era bem o que ele esperava. Por força do destino ou por despreparo, eu não sei, o fato é que eu não consegui a aprovação no vestibular de 2003.

Fiquei muito triste. Pensava o que seria do meu futuro e por seis longos meses fiquei nessa angústia. Sentia-me constrangida pelo fato de não estar ajudando no orçamento da casa. Já que não estava estudando, resolvi que o melhor a fazer seria trabalhar. Com uma amiga que conheci no ensino médio, comecei a distribuir currículos no Distrito Industrial. Entretanto, como não tínhamos experiência, nosso esforço resultou em nada.

O desânimo tomara conta de mim. Em junho de 2003, me falaram que o CEFET-AM oferecia cursos técnicos profissionalizantes. Eu não sabia quais eram os cursos oferecidos, entretanto achei interessante a idéia de prestar o processo seletivo da instituição. O problema era o dinheiro para a inscrição. Eu não trabalhava e me sentia envergonhada de pedir dinheiro aos meus pais. Então, minha irmã, que também soube da notícia, solicitou que meu pai pagasse a minha inscrição. Com o dinheiro em mãos, me dirigi ao CEFET e me inscrevi para concorrer à vaga do Curso Técnico em Segurança do Trabalho. Foi um dos cursos com o qual eu mais me identifiquei ao ler o edital. Confesso que estava receosa de não ser aprovada e, conseqüentemente, passar por mais uma frustração.

Na hora em que fui realizar a prova, notei que as questões estavam ao meu alcance, porém a concorrência estava bem grande. O curso era um dos que oferecia maiores chances de emprego, um atrativo bastante forte para as pessoas fazê-lo. Agradável foi a notícia de que tinha sido classificada. Ufa! Que bom voltar a estudar! O curso durava um ano e seis meses, sendo obrigatório um estágio de 400 horas para receber o diploma.

A turma era bem diversificada. Parte dos meus colegas de classe trabalhava e eram pais de família; outros tinham apenas o ensino médio ou o estavam concluindo e uma menor parcela fazia faculdade. Não tive problemas de relacionamento com a turma, aliás, logo fiz amizades com a maioria deles.

O CEFET era uma instituição bem estruturada. Possuía biblioteca, laboratórios específicos aos cursos e de informática, quadra de esporte com piscina e auditórios bem equipados. Oferecia também bolsas de estágio aos alunos que não tinham condições financeiras. Quanto ao ensino, posso afirmar que era muito bom, uma vez que os professores, em sua maioria, ministravam aulas com muita dedicação.

Logo que ingressei, descobri que a instituição também possuía cursos de nível superior e que concedia isenção das taxas dos processos seletivos. No final desse ano, no período da inscrição para o vestibular, solicitei isenção e consegui. Candidatei-me à vaga para o Curso Superior de Produção Publicitária, mesmo porque não havia nada a perder.

Na mesma época, consegui também ser isenta da taxa do vestibular 2004 na UFAM. Dessa vez, optei por um curso com o qual eu me identificasse de verdade. Fiquei em dúvida se optaria por língua inglesa, história ou geografia. Lembrei-me que sempre achei interessante e curioso o estudo da demografia, da geografia do Amazonas e da fitogeografia. Por isso, decidi prestar o vestibular para a última opção.

Realizei primeiramente o vestibular do CEFET. No dia da prova, ouvi alguns candidatos dizerem que o Curso de Produção Publicitária era o segundo mais concorrido, deixando-me bastante preocupada. No momento em que entrei na sala, pensei: “O que tiver de ser meu, será!”. Porém, não pude disfarçar o meu estado de nervosismo; faltavam poucos minutos para encerrar o tempo para a entrega das provas e ainda não havia feito a redação. Por um momento, dei-me por vencida. Pedi ajuda a Deus, fiz a redação, que por sinal não ficou muito boa, e a entreguei juntamente com o cartão de respostas.

Não demorou muito, chegou a hora de prestar o processo seletivo da UFAM. Mais uma vez, fiquei bastante insegura. Apesar de o Curso de Geografia não ser concorrido, só conseguia pensar no pior. Felizmente passei na primeira fase. Só me restava a próxima etapa: a redação.

Semanas depois, saiu a lista dos aprovados do vestibular do CEFET. Nesse período, eu estava fazendo um curso de informática em uma fundação social localizada no bairro de Petrópolis, onde descobri que uma colega também prestara o vestibular para o mesmo curso que eu. Ela disse que meu nome constava na lista, mas não acreditei. Fui ao CEFET para verificar se a notícia era verdade. O meu nome estava na lista dos aprovados. Que maravilha! Fiquei muito feliz, o meu desejo de fazer um curso superior era uma realidade a partir de então.

Quando a lista dos aprovados do vestibular da UFAM foi anunciada, ainda estava fazendo o Curso Técnico em Segurança do Trabalho. Meus colegas e eu estávamos bastante ansiosos, pois nos falaram que a lista sairia naquela tarde. Depois da aula, nos reunimos para escutar a rádio que divulgaria a lista do PSM 2004 (Processo Seletivo Macro). Depois de horas de espera, anunciou-se a lista do Curso de Geografia. Quando chegou o momento de dizer os nomes com a letra inicial “s”, entrei em desespero. “Se o meu nome não for dito, vou passar o maior vexame diante dos meus colegas” (que já consideravam a minha vaga garantida), pensei. De repente, o meu nome foi falado. Que bom! Pensei até que tinha escutado mal, mas não era possível. Todos os meus colegas o tinham escutado também. Por via das dúvidas, na manhã seguinte, decidi comprar o jornal. Lá estava escrito meu nome. A minha alegria dobrou. Eu que cheguei a pensar que não era competente para cursar o ensino superior estava com duas vagas certas.

Agora eu precisava fazer três cursos: o Técnico em Segurança do Trabalho, o de Produção Publicitária e o de Geografia. Não me preocupava com o tempo, visto que só me dedicava aos

estudos, e sim em como iria mantê-los. Eu continuava sendo uma menina de origem popular, cheia de expectativas quanto à minha vida acadêmica, sentimental e familiar. Mesmo assim, decidi que no primeiro semestre faria os três cursos. De manhã, ia para a UFAM. Almoçava no Restaurante Universitário e ia para o CEFET. À tarde, cursava Produção Publicitária e, à noite, continuava com o curso técnico.

Claro que várias vezes me senti cansada. Acordava cedo e chegava tarde em casa todos os dias. Meus finais de semana eram dedicados às atividades acadêmicas. Quando pensava em desistir, lembrava-me que estava fazendo aquilo pelo meu futuro e o de minha família. Acreditava que não era errôneo batalhar de maneira honesta por meus objetivos.

Sempre me vi apertada financeiramente. Meu pai mal me dava dinheiro para o transporte e minha mãe vivia reclamando que só ela sustentava a casa. O que me davam era contado para comprar os vales-transporte, almoçar e fazer cópias dos textos trabalhados nas aulas.

Passado o primeiro semestre de 2004, decidi que o melhor a fazer era trancar o Curso de Geografia. Isso me doeu bastante, pois já havia me identificado com o curso e me enturmado com a classe. Minhas condições financeiras e físicas não permitiam que eu prosseguisse nos três paralelamente.

No segundo semestre, estudei apenas no CEFET. Pela manhã, realizava meus trabalhos acadêmicos, participava de eventos científicos e fazia algumas atividades relacionadas à arte (desenho e produção de roteiros para cinema). Senti muita falta da UFAM, apesar de ir lá constantemente.

No final do ano, prestes a concluir o curso técnico, consegui um estágio na INFRAE-RO, o que me ajudou bastante no orçamento. Era a primeira vez que eu exercia um trabalho remunerado. Nas primeiras semanas, veio o receio de fazer algo errado em minhas atividades, depois refleti: estava ali para aprender.

Iniciando o ano de 2005, precisei fazer novos planos. Já havia concluído o curso, no entanto, se quisesse algum dia exercer a função de técnica em segurança do trabalho, teria que completar a carga horária de estágio. Decidi que iria completá-la, trancar o curso de publicidade e voltar a estudar na UFAM.

Com estágio quase cumprido, descobri que a Pró-Reitoria de Extensão e Interiorização (PROEXTI) estava selecionando bolsistas para o Projeto Conexões de Saberes. Ao ver o anúncio, achei muito boa a idéia de conciliar um diálogo entre a universidade e as comunidades populares. Fui ao local indicado a fim de obter maiores informações e perguntei como poderia participar. Fiz a redação e a entrevista e aguardei o resultado, bastante ansiosa.

Hoje, tenho seis meses no projeto. Considero a sua proposta muito interessante. Se nos mobilizarmos para que ele realmente ocorra, se tornará uma grande vitória para os jovens de origem popular, conquistando o seu lugar em uma universidade pública de qualidade.

Susianne Gomes da Conceição – Geografia

Um memorial

Nasci no bairro de Santa Luzia, cidade de Manaus, estado do Amazonas, na zona centro sul da cidade. Criada com avós maternos, que chamo de pai e mãe. Fui por muito tempo a mais nova dos quatro filhos da casa, pois, quando completei dez anos de idade, minha avó adotou outra criança. Até onde sei, meu pai, natural de Borba, um dos municípios do estado do Amazonas, chegou nesse bairro na metade da década de 1940. Ele praticamente viu o bairro nascer e se desenvolver.

Vivíamos em uma casa grande e bonita, estilo colonial, avarandada, bastante confortável, com um quintal cheio de árvores frutíferas e um córrego atrás, que até início da década de 1970 ainda permanecia límpido. Minha mãe me fala que, até o final dos anos 60, era natural encontrarmos filas de lavadeiras de roupas às margens desse córrego.

Minha mãe foi muito presente em minha educação, apesar de ter vivido no campo antes de se casar, e sem ter recursos para estudar, não queria que seus filhos crescessem sem saber ler e escrever como ela; então chamava uma senhora que morava na mesma rua para dar aula em nossa casa, até mesmo porque meu irmão mais velho foi acometido de paralisia infantil e não podia se locomover até a casa da professora. Sendo eu a mais nova e ainda sem idade para acompanhar o que minhas irmãs estavam aprendendo, me contentava com o que sobrava de cadernos e livros delas. Dessa maneira, fui me familiarizando com os livros.

Chegada a minha vez de ir para escola, sem pré-escolar em nosso bairro e sem dispor mais da eficiente professora que dera aulas aos meus irmãos mais velhos, restou-me ir para as conhecidas “aulas particulares”. Essas aulas eram ministradas por professoras que tinham acabado de sair do antigo segundo grau, do primeiro grau ou até mesmo que não tinham se formado em nada, mas mostravam boa vontade em ensinar as crianças do bairro, além de ganhar um dinheiro que as ajudassem em suas despesas. Geralmente, essas pessoas colocavam uma placa em frente às suas casas com frases assim: Ensina ler e escrever;

Aos seis anos de idade, recebi a primeira grande influência fora de casa. Um dia, brincando sozinha na rua, fui convidada por uma moça para ir até sua casa. Lá pude observar pela primeira vez prateleiras cheias de livros bem dispostos, alguns surrados, outros um pouco novos, eu ficara encantada com a nova descoberta. Tudo nesta casa era muito simples, tratava-se de um quarto alugado, de um tipo de imóvel que aqui em Manaus, na década de 70, costumávamos chamar de estância, hoje, denominamo-as de Vilas. Sônia, pois é assim que se chamava a moça, hoje doutora Sônia Wildes, pedia para eu escolher um livro e fazer cópias do que estava escrito. Eu me sentia muito importante, era muito bom estar ali, sozinha, perdida entre seus livros. Talvez ela não saiba, mas foi muito importante na minha vida, além de ser estudiosa, cantava e tocava violão. Tinha a voz linda e ainda tem. Eu aprendi a tocar violão, mas não como ela, que possuía o dom de aprender somente ouvindo a música; eu tinha e ainda tenho que olhar nos livros para poder aprender a música que desejo.

Entre para a primeira série em uma escola em frente à minha casa, que se chama ainda hoje Grupo Escolar Leopoldo Neves; essa escola tem uma história de mais ou menos 50 anos. Minha mãe biológica fora estudante dela na década de 60 e me conta que, em seu tempo de estudante, só havia duas salas. Em meu tempo, a escola já dispunha de 15 salas, uma diretoria

e uma cantina, três banheiros femininos e três masculinos. Não mudou muito quando meu filho foi matriculado lá também. Podemos ver três gerações no mesmo estabelecimento de ensino.

Condicionada que fui, desde muito cedo, a respeitar qualquer pessoa mais velha, me adaptei muito bem ao sistema escolar vigente na época e, creio, não mudou muito hoje. A única coisa que sabia fazer era estudar. Estudava porque gostava de aprender, não porque queria passar de série, passar era consequência. Minha família até hoje relembra um fato interessante que aconteceu comigo na passagem da segunda para a terceira série, eu chorava muito, queria permanecer na mesma sala porque não queria deixar o meu professor que, para mim, era o melhor.

Passado esse momento difícil, mais uma vez me adaptava ao novo estilo de ensino da próxima professora, Francisca Mauricio. Conhecida por alguns alunos como uma das professoras mais rígidas da escola, ajudou-me a ganhar o primeiro lugar de rainha da escola, pelos trabalhos de aula que eu apresentava.

Dessa maneira, fui passando direto até chegar à sétima série. Série que a minha escola não dispunha. Tinha que correr atrás de escolas em outros bairros. Romperam-se laços com amigos de infância, entre esses, alguns encontraria anos mais tarde dentro da universidade.

A vida na nova escola foi de descobertas, teatro, aulas de violão, pintura, basquete e muito rock (new wave). Anos 84 e 85.

Paralela à vida escolar, mantive-me em outras atividades, como no Grupo de Jovens da Igreja Católica de Santa Luzia, que fazia trabalhos em bairros distantes como a Colônia Antonio Aleixo e Puraquequara. Situados na Zona Leste da cidade e distantes cerca de 36 quilômetros do centro de Manaus, esses bairros eram conhecidos por necessidades como: saneamento básico, escolas, postos de saúde, instituições religiosas, associações de moradores etc.

Nessa época, conheci Ivan e Mariazinha, moradores do Onze de Maio, comunidade que pertence ao bairro Colônia Antonio Aleixo, casal que ainda hoje atua e luta por melhorias naquele bairro. A Igreja de Santa Luzia mandava seus seminaristas para ajudar os jovens e, entre esses seminaristas, havia um amigo de infância chamado Rinaldo, que, com seu irmão um ano mais novo, Ronaldo, me incentivou a ir para esses bairros distantes e entrar em contato com realidades que eu desconhecia.

Os seminaristas estudavam Filosofia e Teologia e passavam, em síntese, os assuntos para os outros, que ainda não tinham chegado a uma maturidade escolar compatível com esse tipo de conhecimento.

Nos retiros espirituais à beira do lago do Puraquequara, sob a orientação do Padre Crimela, da Paróquia da Colônia Antonio Aleixo, ouvi falar do mundo e de pessoas que estavam passando por dificuldades, o padre referia-se à guerra das Malvinas (1982). Ele nos falava da possibilidade de o Brasil também participar dessa luta armada, talvez ao lado da Argentina. Então orávamos juntos. O mais interessante nisso é que o local em que nos encontrávamos é considerado por muitas pessoas como um local afastado da civilização, praticamente no meio da selva Amazônica, onde as informações demorariam a chegar.

Para nos recompormos das orações, que eram tantas, dispúnhamos de momentos a sós, sem o padre e coordenadores. Então saíamos a brincar no lago, cantar, tocar músicas e apanhar frutas como o cacau e o taperebá. Foi justamente nesses intervalos que tive meu primeiro contato com músicas que marcariam o resto de minha vida, como: Para não dizer que não falei das flores, de Geraldo Vandré, Romaria, de Renato Teixeira, Como nossos pais, de Belchior, O que será que será, de Chico Buarque, e muitas outras.

Saindo do retiro espiritual, voltávamos ao Onze de Maio para as atividades a que fôramos anteriormente destinados, como ocupar as crianças com brincadeiras e aulas de catecismo, pois, nessa época, o bairro estava se expandindo e proliferavam muitos bares e jovens levados à pros-

tituição. Meus amigos seminaristas e moças mais velhas, que já tinham uma história de luta na comunidade, ministravam aulas de catecismo. Eu, muito jovem ainda, ajudava na arrumação de classes e brincava com outras crianças da mesma idade. Tinha, nessa época, 12 anos de idade. Depois da morte do padre, Mariazinha e seu esposo Ivan continuaram na luta, e estão lá até hoje.

Os amigos Seminaristas se formaram e cada um tomou rumo diferente; alguns se tornaram padres, outros professores, sociólogos e antropólogos, e eu, acadêmica de Ciências Sociais. Jamais esquecerei a influência que recebi da interação com a realidade desses bairros em minha juventude. Com certeza, foi muito decisivo na escolha de minha profissão.

De volta à vida urbana, me entretinha de maneira eclética. Além de estudar normalmente. Procurava ler de tudo, queria respostas sem saber onde procurar. Então pesquisava. Havia uma sede de saber, estava pronta para absorver conhecimentos, mas não tinha direção; passei uma boa parte da adolescência lendo livros tendenciosos de seitas que queriam aumentar seu rebanho, desde seitas orientais a ocidentais; às vezes acertava, caía em minhas mãos alguns clássicos e várias mitologias gregas, nórdicas, entre outras.

Com a passagem para a adolescência, já havia exigências que minha família não podia mais me dar. Isso significava que eu teria que trabalhar. Tive que parar de estudar e, aos 16 anos, fui para a indústria; uma montadora de TVs. Achava tudo muito interessante nos primeiros meses, depois percebi que estava ficando burra, não sabia mais o que se passava no mundo, não tinha mais tempo para saber onde estavam meus amigos. Era um trabalho mecânico, tudo era muito programado, vivíamos condicionados. Eu não consegui me adaptar, não queria isso para o resto de minha vida, eu tinha que fazer alguma coisa. Infelizmente, também já não mais pertencia àquela família. Tinha mudado muito, adquirido hábitos e informações que não condiziam mais com o sistema familiar em que fora criada.

Casei-me aos 16 anos e, com a chegada de meu filho, parei de trabalhar. Até esse momento, só havia terminado o primeiro grau. Senti-me isolada, mais alienada ainda. Quando me separei de meu marido, retornei às aulas e, com muita dificuldade, completei o segundo grau. Trabalhando e estudando. Voltei para a indústria e lá permaneci até a entrada na universidade.

Essa minha segunda entrada na indústria veio confirmar aquilo que eu já sabia: o trabalho na produção da fábrica era alienante, mecânico, os funcionários são direcionados como gado no pasto, depois para o abatedouro. Qualquer pessoa que tenha um pensamento crítico e fale em melhorias dentro da empresa é logo rotulada como “encrenca” e vai envelhecer no mesmo posto de trabalho ou “cair logo fora”. O tipo ideal para esse tipo de trabalho é aquele que faz tudo sem reclamar, aquele que só diz: “Sim, senhor e não, senhor”, ou aquele que vive bajulando os superiores. O discurso dos superiores é sempre o mesmo: “Olha, se você não quiser trabalhar, pede a conta que tem um montão de gente lá fora querendo tua vaga”. Ameaças (o tal exército de reserva que Karl Marx nos ensinou).

Durante os anos em que passei na indústria, pouco cresci como pessoa e profissional. Observava colegas que acabavam de chegar e rapidamente pegavam promoção. Eram pessoas em sua maioria vindas de outras capitais ou mesmo do interior do estado, e eu não entendia o que se passava. Hoje, sim, eu compreendo que são essas pessoas e suas necessidades que movimentam o mercado capitalista. Pessoas arrebanhadas, principalmente, pela demanda de determinadas épocas, como: Natal, Copa do Mundo, Olimpíadas... Passadas essas fases, muitos são mandados embora, deixando aos que ficam um pouco de alívio, porque não foi ele que dessa vez foi mandado embora. Entre esses, alguns com um resquício de tristeza, ao pensar que nossos sentimentos, nascidos dessas relações sociais, não valem nada para os que dirigem as grandes empresas.

Notava também que um dos sentimentos que movia essas pessoas que permaneciam na empresa era o de satisfazer seus desejos que foram anteriormente estimulados pelas propagandas. Queriam ter o último modelo de celular, as mais badaladas marcas de roupas, os últimos vídeos, TVs, DVDs, microondas etc. Trabalhavam para consumir aquilo que elas mesmas produziam. Toda a conversa girava em torno do que iriam comprar com o próximo pagamento, os que falavam um pouco diferente, tinham um tipo de discurso de agradecimento a Deus, por terem recebido a benção de estar trabalhando e, assim, prosperando.

Quanto a mim, surtei. Não entendia o que acontecia comigo, só sei que estava inquieta, desesperada, não sabia o que fazer. Não me encontrava com os evangélicos e tampouco com o pessoal das noitadas. Os primeiros trabalhavam com afinco para sua prosperidade; o segundo grupo trabalhava mais ainda para adquirir os últimos lançamentos que propiciassem a satisfação de seus desejos, de estar de acordo com a última moda.

Ninguém falava em política, história ou eventos culturais que estivessem acontecendo na cidade. Ninguém conhecia o teatro ou teria feito um passeio no INPA (Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia). Ninguém sabia a história da Manaus antiga. Eu estava no lugar errado, na hora errada. Tinha que fazer alguma coisa senão enlouqueceria. Fui para terapia para fazer uma análise sobre o que poderia estar acontecendo comigo e descobri, dentre outras coisas, a pura insatisfação. Minha analista pediu-me para enumerar três coisas que eu ainda não houvesse feito e que poderiam me trazer certa satisfação. Eu enumerei da seguinte forma: primeiro, deixar o meu trabalho; segundo, entrar em uma universidade pública; terceiro, ir à Europa. Ela me respondeu que, se era isso que eu queria, deveria escolher uma e correr atrás, ela só não saberia por onde eu deveria começar.

Tinha muito medo de sair do trabalho, pois não sabia como iria me manter. Entre o período de indecisão de saída ou não da empresa, fui acometida por uma doença que, hoje percebo, impulsionou-me a sair definitivamente do trabalho. Eu era do turno da manhã e, por época de demanda, tínhamos que ficar até mais tarde. Às vezes, de segunda a domingo, já que, tratando-se de turno, era natural o trabalho de segunda a sábado. Enfraqueci. Eu fora o segundo caso nesse setor. Isso denunciava os excessos e as más condições em que trabalhávamos.

Fui afastada da empresa por três meses. A solidariedade dos amigos foi muito importante para meu restabelecimento. No hospital, dividi o quarto com mais duas mulheres, uma jovem, Denise. A outra, e que me tocou profundamente, se chamava Maria. Tinha apenas a metade de um dos pulmões, respirava com ajuda de aparelhos. Descobri que ela era moradora da Colônia Antonio Aleixo, o mesmo lugar em que, em minha adolescência, fui levada a perceber uma realidade diferente da minha. Ou seja, outra face da mesma vida. E mais uma vez, a cena se repetia. Pessoas simples, de vida rural, querendo viver e sem condições para melhorar me davam uma lição de vida. Já que eu ia passar muito tempo no hospital, resolvi mandar buscar meus livros antigos para relê-los. O primeiro que me trouxeram foi *O Nome da Rosa*, de Umberto Eco.

Saí da empresa em agosto de 2001, depois de seis anos de trabalho. Ia ter dinheiro pelo menos até seis meses depois. Era o tempo em que eu deveria somente estudar para tentar meu primeiro vestibular. Inscrevi-me e comecei a procurar meus amigos de infância, três deles já estavam na universidade, outros já tinham saído e explicaram como era e o que deveria estudar.

Não tinha dinheiro para pagar um cursinho, então estudava de madrugada assistindo a programas como vestibulando da TV Cultura. Também retomei meus antigos cadernos de primeiro e segundo grau e fui fazendo uma revisão. Consegui uma gramática de língua portuguesa, estudei os conjuntos em matemática, revisei história e geografia de meus velhos livros didáticos. Já tinha leituras de alguns clássicos, dados em minha infância pelos amigos nos retiros, conhecia um pouco de espanhol e procurei ver quais os cursos

menos concorridos que se adequassem ao que eu gostaria. Descobri os cursos da área de ciências humanas e, dentre esses, optei por ciências sociais, apesar de ser apaixonada por filosofia, mas os dois cursos não estão muito distantes um do outro.

Fiz o vestibular para Ciências Sociais sem muita certeza de que iria passar. No dia primeiro de janeiro, não quis parar para escutar os nomes que estavam saindo pela rádio local. Em uma saída à rua, fui parada por uma vizinha que me disse que eu havia passado. Fiquei paralisada. Será que havia algo de errado? Fiquei com medo de ter acontecido algum erro de digitação por parte das pessoas que corrigem as provas do vestibular.

Quando cheguei à universidade, percebi que o maior desafio havia apenas começado, o difícil não foi entrar, mas permanecer. Com passagens de ônibus, compra de apostilas, almoço, roupas... Descobri que, ao invés de voltar para casa, era melhor passar o dia na universidade, já que ela dispunha de computadores, acessório indispensável à vida acadêmica, e que a maioria dos alunos não o possui. Mas como me manter lá dentro?

Apesar de falarem que o curso de Ciências Sociais é um curso barato, na prática não é bem assim. No mínimo, necessitamos de três apostilas por dia e uma dedicação integral às leituras. Achei melhor desistir e voltar para a indústria, mataria algumas disciplinas à noite. E dessa forma a gente vai se atrasando. Mas meus amigos, que passaram pelas mesmas dificuldades que eu, continuavam a me incentivar e me incentivam até hoje. Muitas vezes, emprestaram passes para que eu pudesse vir à universidade. Ronaldo deu-me todas as suas apostilas velhas e ainda hoje me empresta alguns livros.

Em síntese, não tive influência significativa por parte da família e nem da escola. Acredito que em minha trajetória de vida, o fator determinante para eu estar dentro da universidade foi o convívio com meus amigos que freqüentavam a igreja ou que conviviam na mesma rua que eu. A percepção de minha própria realidade e da de outros moradores do bairro e a comparação que eu fazia de minha vida e de outros fizeram com que eu fosse me construindo e desejando outras coisas que não aquelas que as condições daquela época (vinte anos atrás) me determinariam.

Deveríamos lutar por projetos que possam ajudar o aluno de escola pública a permanecer dentro da universidade. Com certeza, estaríamos dando um grande salto para mudar essa sociedade.

Quando saio em pesquisa de campo, observo, em crianças e jovens, potencial para estarem se desenvolvendo, mas em um mundo vazio de oportunidades é difícil perceber onde podem chegar. E quando saio dessas casas, me pergunto se daqui a vinte anos ou menos, como estarão essas crianças, que, com a desagregação familiar, vivem com parentes em uma pequena casa, às vezes até com doze moradores, alguns em situação de promiscuidade, sem possuir um mínimo de conforto, sem espaço para seu desenvolvimento motor, sem interação com outros indivíduos que possam lhes acrescentar um pouco mais de pensamento crítico. Seus parentes não têm dinheiro para mantê-los em uma escola, não têm brinquedos, alguns não têm TV e, quando têm, assistem a programas, para mim, inadequados. Percebo nossos jovens como há vinte anos, sem nada para fazer, sem incentivo, largados na mais fria pobreza de educação e lazer. Alguns, quando crescem, tornam-se seres que esperam sempre dos outros, sem atinar que eles mesmos poderiam fazer mais. Tornam-se alvo fácil para dissimuladores, pessoas que os recrutam para o benefício e os exploram para todos os fins.

Mestre, aquele que aprende

Minha primeira professora

Minha mãe sempre foi um exemplo para mim. Lembro, quando criança, ela ensinando, a mim e a meus irmãos, sempre paciente. Mas, sabe como são as coisas, “menino é horrível”, como ela mesma diz. Eu e meus irmãos não estávamos “a fim” de estudar, queríamos brincar, assistir à televisão, correr, se “danar”, coisas de curumim². Todavia ela não dava mole. Quando chegava a tarde, ela nos reunia, fazendo uma rodinha (essa rodinha é famosa nas salas de aula hoje em dia) para nos ensinar. O engraçado é que ela nos ensinava as operações matemáticas com frutas. Lembro de uma cena em que me perguntava: “Lediane, eu tenho cinco laranjas, dou duas para o Roberto (meu irmão mais velho)...”. Antes que eu pudesse responder, meu irmão mais novo, cujo apelido é “Roque”, gritou da cozinha: “Eu quero uma”, acabando com a minha concentração.

Minha mãe levava o maior jeito para ser professora e, não fosse a proibição do meu avô que não a deixou estudar, talvez estivesse hoje em dia ministrando aulas. Vontade não faltou. Antes de residir em Manaus, morou desde a infância em uma ilha chamada Jacurutu, onde nasci e minha irmã Rose também. Essa ilha fica a algumas horas de Manaus, via fluvial. Lá havia uma escolinha, que atendia da primeira à quinta série e a professora ia de Manaus para lecionar.

Minha mãe estudou nessa escolinha e, como muitas vezes acontece em lugarejos e comunidades no interior do estado, ficou cursando a quinta série por várias vezes, pois não havia as séries seguintes e não queria parar de estudar. Ficou sabendo de um curso supletivo que funcionaria da seguinte forma: as aulas eram ouvidas pelo rádio, contando com a ajuda de uma monitora para tirar dúvidas. No entanto, meu avô não deixou que suas filhas freqüentassem o supletivo, pois o mesmo funcionava à noite. Elas resolveram ouvir as aulas pelo rádio, em casa e, ao final de cada módulo, faziam a prova na casa da monitora. Estas provas seguiam para Manaus onde eram corrigidas. Conforme o desempenho, os estudantes recebiam seus certificados; minha mãe e suas irmãs receberam.

Para dar continuidade aos estudos, era necessário mudar para Manaus, pois na ilha de Jacurutu não havia mais opções. Mas meu avô não permitiu. Penso que aprendi muito com a experiência e a vontade de minha mãe, que não pôde estudar, mas sempre nos deu muito apoio. Se assim não fosse, eu não estaria mais aqui, na universidade.

Início de minha vida escolar

Depois de ter sido alfabetizada por minha mãe, fui para a escola: eu já sabia escrever, ler e fazer contas. Meu pai, como sempre distraído, matriculou-me na segunda série, mesmo eu dizendo: “Pai eu não estou na segunda série e sim na primeira”. Fiz um teste de leitura, fui aprovada e fiquei junto com minha irmã Rose. Entretanto, como não estava me adaptando, fui para onde deveria estar: na primeira série.

² Menino; moleque.

Estudava em uma escola no bairro Coroado, distante do bairro onde morava, Armando Mendes, e tinha que pegar ônibus. Muitas vezes o motorista, por maldade, não abria a porta para mim e meus irmãos. Minha mãe não podia nos levar, então, eu e meus irmãos íamos sozinhos. Certa vez, minha irmã caiu quando tentávamos “pegar” o ônibus, pois o motorista não esperou que ela entrasse para poder partir. Não me lembro qual era a nossa idade, mas éramos bem pequenos.

Em meio a essa “loucura” toda, que era chegar até a escola, havia algo bom esperando por mim, a sala de aula. Eu sempre fui encantada pelo conhecimento. Embora fosse muito pequena, já pensava que o estudo poderia ser uma solução e que alguns problemas da minha família seriam resolvidos a partir dali, pois, na época, meu pai trabalhava na feira. Certa vez, quando voltávamos do interior onde meu avô, agora já falecido, morava, passamos por ela e eu achei o lugar muito ruim. Como meu pai conseguia ficar ali? Sentia dó de meu pai, porém ele fazia isso por nós, e ainda faz, só mudou o lugar.

Estudamos, eu e meus irmãos, na Escola Estadual Aristóteles de Alencar, no bairro Coroado, dois anos apenas, pois mudamos para outro local, onde moro atualmente, o Conjunto Castanheiras, no bairro Zumbi.

Matrícula escolar

Ao mudarmos de bairro, perdemos a vaga onde estudávamos. Meus pais procuraram vagas nas escolas próximas de casa, porém uma surpresa: havia poucas vagas nas escolas pesquisadas. Então, montaram uma estratégia, como um plano para vencer o “inimigo”. O processo de matrícula era realizado em cada escola, separadamente, com a distribuição de senhas para os candidatos às vagas, isso num determinado dia. As pessoas precisavam chegar muito cedo para marcar um lugar na fila e conseguir uma vaga. Minha mãe conversou com os diretores de duas escolas, para que ela e meu pai pudessem dormir nas escolas com o intuito de que, pela manhã, fossem os primeiros da fila, garantindo, assim, o direito de estudarmos.

E assim foi. Meu pai e eu dormimos na escola onde eu faria a terceira e a quarta séries. Quer dizer, eu dormi, mas meu pai não conseguiu. Minha mãe e minha irmã, Rose, dormiram na escola em que ela estudaria a quarta série. Nessa época, não existia a Central de Matrículas, órgão do governo do estado do Amazonas que centraliza as matrículas da rede pública, e tudo funcionava como uma verdadeira “competição”. Fico imaginando a tristeza daqueles pais que não conseguiram matricular seus filhos.

Graças à idéia de minha mãe, meus irmãos e eu tivemos onde estudar. Como na escola não havia a quinta série, fomos automaticamente transferidos para a Escola Municipal Francisca Pergentina, localizada no bairro Zumbi II, onde fizemos da quinta à oitava série. Nessa época, já havia sido implantada a Central de Matrículas, órgão que passou a controlar as vagas existentes nas escolas públicas, realizando a distribuição das mesmas, não sendo mais necessário pernoitar em uma fila para conseguir vaga.

O ensino médio: a escolha do curso

Eu estava cursando o terceiro ano do ensino médio e pensava em fazer Comunicação Social. Todavia, sempre admirei a profissão de professora, só não sabia bem que matéria eu gostaria de lecionar: língua portuguesa, biologia, geografia, matemática... Esta última alternativa, xiiiiiii!!!! Nem pensava isso, até conhecer e assistir às aulas da professora Graça Souza, uma excelente professora, diferente das anteriores. Na realidade, as anteriores, para mim, não eram professoras, pois ser professor não é apenas ter um diploma de graduação, de licenciatura. Para mim, ser professor é ter amor, paixão pelo que faz; é uma arte, e das mais belas. Não foi somente pelo fato de ter gostado das aulas da professora Graça que escolhi

fazer o curso de Matemática, mas pelo fato de ter percebido que até então não conhecia a Matemática; e não se pode gostar do que não se conhece.

As aulas de matemática até então sempre foram um sofrimento para mim, quando não entendia o suficiente. Na maioria das vezes, os professores eram verdadeiros “poços de arrogância”, “ignorância”, e muitos apresentavam um alto nível de estresse bem “estampado” em seus rostos. Eu não entendia o porquê de tamanho desamor com a profissão e com os alunos. O problema não estava na matemática, mas na maneira como era lecionada; todos podem aprender matemática, pois não é algo irreal. Desde pequenos somos educados a pensar que matemática é algo complicado, compreendida apenas por pessoas especiais, ou anormais, como falam alguns amigos meus me chamando de doida, o que não é verdade. É claro que passei a pensar assim depois que superei preconceitos e crendices e pude realmente aprender.

Há outros motivos pela escolha do meu curso: quero mostrar que é possível ensinar qualquer disciplina da área de exatas com criatividade, mas para isso tem que haver dedicação, paciência, competência e respeito para com o próximo. Esse “próximo” são meus futuros alunos. Talvez queira fazer uma prestação de contas comigo mesma!

Nesse momento, lembro com muita tristeza de uma situação bastante difícil que passei no ensino médio e que me causa raiva, incômodo e revolta: uma “professora” que me fez odiar Física para o resto da vida. Quando falo isso para as pessoas, elas se espantam, dizendo: “Como? Física e Matemática ‘andam’ juntas!”. Sempre fui uma aluna muito aplicada, nunca fui negligente com meus estudos, no entanto a Física estava me tirando o sono e a vontade espetacular que tinha de estudar. Mas não era a Física, era a “professora” (não sei se a devo chamar assim!). A mulher dava um “show” de estupidez e arrogância, ignorância, e insistia em dizer que amava o que fazia (isso era somente na fala!), porém, na prática, sua incompetência estava marcada pelo fracasso das sete turmas de terceiro ano, todos reclamavam do modo como ela lecionava.

Certa vez, essa professora perguntou-me quantos neurônios eu tinha, perante a sala inteira de aula. Todos me olharam, pois meus amigos de classe me viam como referência. Na realidade, ela devia estar querendo dizer “você é muito burra!”. Não me sinto à vontade para escrever tudo o que ela fazia.

Quero aqui registrar um agradecimento às minhas amigas Fernanda, Lorem e Rosiane, que “lutaram” comigo, estudávamos juntas, resolvíamos as listas “absurdas” (que muitos dos meus colegas de classe pediam para algum universitário fazer!); às vezes não dormíamos, passávamos os sábados, domingos e feriados estudando. Éramos chamadas de incapazes e que nunca passaríamos no vestibular. O bacana é que “as incapazes” são hoje universitárias: Fernanda faz Física, aqui na Universidade Federal do Amazonas, Lorem faz Enfermagem, na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), e a Rosiane, História, também na UFAM.

Também recordo da professora Graça, que parava suas aulas para nos ensinar Física, pois vivíamos reclamando da nossa professora “megeira”. Lembro emocionada da “Gracinha” ensinando-me Física, à tarde, pois eu estudava pela manhã; não tinha obrigação, não obstante, disponibilizava seu tempo para me ajudar. Não fosse por ela, eu não teria passado em Física, não teria concluído o ensino médio, tampouco estaria escrevendo minha trajetória. Por isso, hoje tenho minha professora como um ícone, quero seguir seu exemplo; as frases de incentivo que ela escrevia em seus exercícios, hoje, repito no pré-vestibular do projeto Conexões de Saberes, porque “o que é bom é para ser copiado”.

A grande notícia

Participo da coordenação da Igreja Nossa Senhora Imaculada Conceição, no Conjunto Castanheira, em que sou secretária, juntamente com a Edilene. A igreja tem como

coordenadora a senhora Carmélia Frazão e, por intermédio dela, soube de minha aprovação no vestibular.

Certa manhã, estava em casa lavando louça e recebi um telefonema. O engraçado é que o telefonema era na casa de uma vizinha, a senhora Osana. Não entendi, naquele momento, do que se tratava: uma moça perguntando se eu havia prestado vestibular para UFAM, para Matemática. Era a Célia, filha da senhora Carmélia, dizendo: “Você passou, seu nome está no jornal”. Quase tive um ataque, eu não acreditava, fiquei perguntando por várias vezes se era verdade, ela respondendo: “É verdade”. Eu gritava: “Passeiiiiiiiiiiii!”. Chorava, emocionada. Afinal, meu grande sonho estava acabando de se realizar. Foi a sensação mais maravilhosa que tive em toda minha vida, entreguei o telefone à minha vizinha, gritando: “Eu passeiiiiiiiiiiii!”. Minha vizinha não estava entendendo nada. Então, fui imediatamente correndo, quase caindo, avisar à minha mãe na casa de sua amiga. Quando a encontrei, não consegui dizer nada, só chorava; abracei-a fortemente, era um abraço de agradecimento, agradecia sem palavras o incentivo e a brilhante participação de minha mãe em minha vitória. E, então, consegui dizer: “Passei, mãe, no PSC³”; então choramos as duas abraçadas.

Logo depois, fui à casa da senhora Carmélia, queria saber se era verdade. Então, pedi para ver o jornal, fiquei olhando por alguns segundos, fixamente. Pedi para levar o jornal para minha mãe ver meu nome, disse que depois entregava, mas a emoção foi tanta que esqueci de entregar o jornal (depois, quis guardá-lo como lembrança, e até hoje está comigo!). Então, lembrei da minha amiga Rosiane e verifiquei o seu nome. Outra surpresa, o nome dela estava na lista. Tratei logo de dar a notícia. Essa minha amiga quase morreu do coração e quase matou a mãe dela também. Combinamos de ir à nossa escola, Francisco Albuquerque, onde cursamos o ensino médio, para dar entrada no pedido de expedição do certificado de conclusão de curso. Encontramos nossos professores que nos parabenizavam, inclusive a minha professora de matemática, Graça Souza, que nas horas vagas me ajudava em Física. Eu a abracei, recebi elogios, então ela me disse: “Você terá que estudar muito”. Penso que ela já sabia das dificuldades que iria encontrar na faculdade, só não imaginei que fossem tantas, ou as mesmas que passei no ensino médio.

Eu como futura professora de Matemática

Eu não sonhei desde cedo em ser professora de Matemática, mas o maravilhoso é que me apaixonei por essa idéia. A Matemática é para mim algo fascinante e imagino que lecionar será como uma “brincadeira”, pois o ideal é o aprender com prazer ou prazer de aprender; aprender não precisa ser um processo doloroso. Não sei o que vou ser, mas, pelos erros de meus mestres, sei muito bem o que não quero ser, pois educação precisa ser levada a sério, como brincadeira de criança, onde uma mistura harmoniosa de saber, aprender, experimentar e prazer acontece.

Ninguém poderá ser um bom professor sem dedicação e preocupação com seus alunos, pois o professor passa para os alunos aquilo que ninguém poderá jamais tirar de alguém: o conhecimento. O verdadeiro professor passa o que sabe, não em troca de um salário; não teme perguntas, e não teme ensinar os “truques” e os “macetes” que conhece. Como diz Guimarães Rosa, “Mestre é aquele que, às vezes, pára para aprender”.

Lediane Sales da Silva – Matemática

³ Processo Seletivo Contínuo, uma das vias de acesso à Universidade Federal do Amazonas.

Minhas mal traçadas linhas

Quero inicialmente agradecer pela oportunidade de participar deste trabalho e poder compartilhar com vocês um pouco de minha trajetória. Também por ter colocado em meu caminho pessoas especiais, que me ensinaram a chegar até aqui e prosseguir. Chamo-me Luciana, tenho 21 anos, universitária do curso de graduação em Letras/Espanhol, da Universidade Federal do Amazonas.

O nascimento

Caro leitor, desde o meu nascimento foi “aquela” dificuldade. Minha mãe teve eclampsia, estado caracterizado por uma série de convulsões e perda de consciência nos últimos três meses da gestação. Grávida aos dezesseis anos, sem ter responsabilidade alguma, de um namoro prematuro, veio descobrir quando já estava com cinco meses. Não se alimentava direito e isso a levou a ter a doença já citada. Chega de lamentações! No dia vinte e seis de outubro de mil novecentos e oitenta e quatro, às vinte horas, naquele momento chegara ao mundo uma menina *muuito* geniosa e de personalidade marcante, regida pelo signo de escorpião. Essa menina, hoje com vinte e um anos, está tendo a oportunidade de contar a vocês as dificuldades que passou para chegar até aqui.

Local de moradia

Eu moro num bairro popular, denominado Morro da Liberdade, o “Morro”, como costumamos chamar, situado na Zona Sul da cidade de Manaus. Não sei por que é chamado “popular”. Carece de infra-estrutura urbana, não há banco, supermercado e, tampouco, mercado público (em Manaus, denominado feira). Oferta de serviços públicos há apenas um posto de saúde. Talvez a denominação popular seja pelo fato de haver a Escola de Samba Reino Unido da Liberdade e o tráfico de drogas ser muito intenso, o que hoje é comum em vários lugares aqui em nossa cidade. Adoro pagode, porém não frequento aqui no bairro; sei lá, de vez enquanto matam um, é aquela baderna lá na quadra da escola de samba.

Minha comunidade é vista como perigosa. Eu, particularmente, não acho. Os taxistas morrem de medo de entrar no bairro, acham que vão logo ser assaltados. No decorrer de minha vida, perdi pessoas que adorava, por terem escolhido o caminho das drogas, perderam a vida, mortos por seus companheiros de rua. Por andarem em bandos, na maioria das vezes faltavam drogas ou até mesmo os que as vendiam ficavam com o dinheiro e acabavam se matando entre si.

Meus vizinhos... A maioria é daquele jeito: fofoqueiros e curiosos; vivem contando e querendo saber sobre a vida da gente. Como em toda família, há brigas! Na minha, já acho até normal, para mim todos tinham que fazer análise. Oh, família confusa! Voltando a falar dos meus “queridos” vizinhos, não tenho muito contato com eles, apenas com uma das vizinhas que conheço desde quando eu era menina. Ela atende por Dona Mocinha, é uma senhora muito gentil. Na minha rua só moram idosos. Todos dormem cedo, fecham a casa cedo. Ah, não acontece nada naquela rua! Achar alguém de minha idade é a coisa mais rara.

Minha mãe tem mais contatos, talvez porque ela queira ser Madre Teresa de Calcutá. Vive ajudando os outros, principalmente as pessoas de uma estância⁴ ao lado de nossa casa.

Meus pais

Esse é um assunto muito complicado! Particularmente, acho que nasci na família errada. Minha mãe é uma mulher de poucas amizades, muito boa com todas as pessoas que a rodeiam. Cursou até o segundo grau completo. Vivo dizendo a ela que faça uma faculdade, ela me responde dizendo que não tem paciência. Eu tenho minhas mágoas, ela sempre trabalhou para sustentar a mim e ao meu irmão e, com isso, nunca sentou e me fez algumas perguntas: “Como foi na escola, tem alguma tarefa para hoje?”. Acho que ficaram seqüelas da eclampsia, perde a paciência muito fácil.

Com meu pai biológico não tenho contato algum. Não costumo dizer que ele seja meu pai, pois “pai é quem cria”, não o que simplesmente abandona e não se importa. A resposta dele é que era muito moleque e não sabia de nada. Então, devo minha educação aos meus avós, que sempre estiveram a meu lado, ensinando um pouco de tudo e que, no entanto, tinham pouco estudo.

Minha avó não sabia escrever (me arrependo de não tê-la ensinado!). Muito católica, sempre colocou a mim e a meus primos para participar da igreja católica, onde fizemos primeira comunhão, crisma e participávamos sempre de qualquer evento da igreja. Uma mulher guerreira, mãe de dez filhos, sempre fez tudo por eles. Faz muita falta em minha vida.

Meu avô, neto de índio, muito genioso, sabe ler e escrever muito bem. Eu posso não ter sido criada pelo meu verdadeiro pai, porém tenho pai de sobra. Meu tio Carlos, irmão de minha mãe, um homem bom, dedicado e muito trabalhador; é como se fosse meu pai, me ajuda em todas as minhas necessidades. Formou-se em engenharia mecânica, também fez química. Passou por muitas dificuldades para se formar, levando apenas o dinheiro da passagem; chegou, lutou e conseguiu. Sou sua admiradora e nele me espelhei para prestar o vestibular. E meu padrinho de batismo, que me ajuda em meus trabalhos, as cópias de livro e a preocupação com minha saúde. Todas essas pessoas são, hoje e sempre, especiais.

Houve um tempo em que minha mãe saiu da empresa em que trabalhava. O dinheiro que recebeu pelos anos de serviços, ela não soube investir. Decidiu que iríamos para São Paulo. Ficamos por lá quase dois meses e meio. Eu simplesmente chorava para vir embora para casa, pois não conseguia me adaptar. O apartamento em que estávamos instalados era muito pequeno. Você imagina: não podíamos correr, brincar ou ouvir som alto. Três crianças, eu, meu irmão e minha prima, distante de nossos parentes e de nosso lugar? Pois os parentes de lá eram um saco!

Minha família

Procurei em todos os momentos não tocar muito nesse assunto, pois voltar à infância faz com que eu encontre barreiras que foram muito difíceis de superar, deparando-me com cicatrizes, que doem um pouco ao lembrar. Uma música que reflete bem a minha família é: “Tem gente que está do mesmo lado que você, mas deveria estar do lado de lá / tem gente que machuca os outros / tem gente que não sabe amar!” (Renato Russo). Voltando à minha família... Se for considerar família, sou eu, meu irmão, Marcos, e minha mãe, Maria José. Eu me apoio em minha mãe e ela em mim, para vencermos os obstáculos e as dificuldades que surgem em meio ao caminho.

⁴ Pequena vila de casas de moradia.

Há pouco mais de um ano, tivemos uma grande perda, a de minha avó, e ainda não superamos. Estamos nos adaptando à sua ausência. Uma família em que cada qual pensa diferente, qualquer coisa é aquela confusão. Como a base de tudo é a família, acho que somos gentis quando é para ser.

Talvez por essa experiência com minha família, não goste de dever favores. Eu gostaria de ter as oportunidades que meus primos têm e não dão o mínimo valor. Mas, talvez, se tivesse tido tudo fácil, não teria o gosto de vitória hoje. Descobri, há pouco tempo, que sou muito frágil e emotiva. Não vejo meus tios como tios, e sim como meus irmãos mais velhos, já que fui criada por minha avó.

Aprendendo a ter responsabilidade

Comecei a ter responsabilidade quando tio Carlos me pediu para ser babá. Nessa época, cuidei do meu primeiro bebê, o Carlos Magno. O nome dele foi escolhido devido ao imperador da França. Eu cuidei do Carlinho desde os quinze dias de nascido até os quatro anos de idade. Eu o adoro e é alguém que não quero que jamais façam mal.

Pensei até em ser babá no exterior, pois ouvia algumas reportagens nos jornais falando que as babás ganhavam bem e que muitas voltavam ricas. Mas a idéia não vingou. Isso foi apenas sonho de menina. Hoje o único bebê de casa é Paulo Victor, filho de minha prima.

Depois que entrei para a faculdade, fiz trabalhos escolares e currículos para ganhar dinheiro. Acredite, eu já fiz até faxina para ganhar uns trocados. Eu não gosto e não quero que minha mãe faça certos sacrifícios por mim e meu irmão.

Minha trajetória escolar

Nunca tive o privilégio de estudar em escola particular. Meu tio Carlos até que me matriculou em uma, na alfabetização, mas eu, muito geniosa, não consegui me adaptar. Quando fui para a escola Paula Ângela Frassinetti, uma escola pública lá do bairro, já sabia ler e escrever, meu avô já havia me ensinado. Como ainda não podia ir para a primeira série do ensino fundamental, pois ainda não tinha os sete anos completos, exigidos à época, fiquei na alfabetização. Na terceira série, repeti o ano. Fiquei muito chateada, eram apenas três décimos. O que custava a minha professora arrumar um jeito para que eu conseguisse esses décimos?

Tivemos formatura na quarta série. Foi muito difícil mudar de escola, porque até nessa época podíamos chamar a professora de tia. Quando fomos para a outra escola, as professoras diziam: “Eu não sou sua tia”.

Eu adorava minha professora Erla, uma carioca que lecionava português. Nessa época, o nome do colégio em que estudava era Antonio Lucena Bittencourt, localizado na Zona Sul da cidade, no bairro Betânia. Foi lá que conclui meu segundo grau acadêmico. Tinha uns professores que eram “um saco”, adoravam reprovar; outros eram bem bacanas.

Eu odiei matemática até a sexta série. Nessa época, conheci a professora Valdineuza, ela ensinava muito bem matemática e, então, passei a entender a matéria. Lembro que tinha um professor que pegava no meu pé, o nome dele era Antonio. Oh, homem! Eu não podia bocejar que ele me expulsava de sala. Era na época em que eu era uma “aborrecente”, insuportável, geniosa. Passados alguns anos ele, o Antonio, se tornou meu amigo e até me admirava. Dizia que me conhecia bem porque tinha visto todas as fases de minha vida.

A Deborah, professora de química, fez a diretora me dar uma suspensão, simplesmente porque eu fiz algumas gracinhas na aula. Saí desfilando porque ela havia me expulsado da sua

aula. Que aula! Ela simplesmente não sabia nada sobre química. Ficava enrolada com aquela tabela. Eu tive que passar uma semana limpando as mesas de sala em sala. Meus professores passavam e diziam: “Lu, o que você tá fazendo? Você não merece isso”. Na oitava série, eu e minha amiga Raíssa tivemos que comprar um mural de madeira, simplesmente porque fomos opinar sobre uma injustiça que um de nossos professores fez e ele não gostou. Na verdade, os professores mal aprendem e querem humilhar os alunos, só porque já são estagiários.

Sei que, chegando ao ensino médio, melhorei muito, se bem que sempre fui boa nas matérias, só não suporte biologia. Havia na época o Sistema de Avaliação para Acesso ao Ensino Superior (SAES), era um processo igual ao Processo Seletivo Contínuo (PSC). Todos os alunos participaram desse sistema nos três anos do ensino médio. Meu professor de matemática, o Eriberto Leão, dava a maior força, dizia que tínhamos que ultrapassar os obstáculos.

No PSC, fiz apenas a última prova, referente ao 3º ano do ensino médio. Fiz cursinho pré-vestibular por dois meses. No meio do ano, inscrevi-me no vestibular da Universidade do Estado do Amazonas (UEA): fiquei na lista de espera. A área que escolhi foi Turismo. Também me inscrevi para o vestibular da Universidade Federal, o Processo Seletivo Macro (PSM), para o curso de Serviço Social. Fiz o “viradão”⁵ e me dei mal. No dia da prova estava cansada, com muita dor de cabeça, não fiz uma boa prova. Tentei novamente o vestibular e hoje faço o curso de Letras-Língua Espanhola. Não gosto muito, pois acho que estou na área errada e pretendo fazer Odontologia ou, talvez, Economia. Estou ainda me decidindo.

No mesmo ano em que passei no vestibular, passei também para o curso Técnico de Edificações no Centro Federal Tecnológico do Amazonas (CEFET-AM). Cursei até o segundo período. Por problemas de saúde, além de outras dificuldades para me manter no curso, como transporte (eram 25 passes estudiantis por semana, ao fim do mês, mais de 100 passes) e muitos gastos com cópias de textos, tive que abandonar o curso.

Experiência no ensino superior

Quando cheguei à universidade, só conhecia o mini-*campus*⁶, pois já havia estado lá para fazer uma pesquisa sobre os matemáticos amazonenses. Só para ter uma idéia, me perdi várias vezes. Já universitária peguei cerca de cinco Integração⁷ dentro do *campus*. Poucas pessoas têm oportunidade de vir conhecer a nossa instituição.

Acordar às cinco horas da manhã era muito difícil. Logo eu que não suportava acordar cedo. Nesses dois anos de ensino superior, perdi dez quilos, minha saúde piorou. Nos últimos meses foi preciso tomar soro com vários tipos de vitaminas, pois meu corpo não responde aos tratamentos que faço. A verdade é que venho perdendo quilos, desde o último ano do ensino médio, pois estudava curso preparatório e inglês e, à noite, ia à escola. Foi tudo corrido. Mas valeu a pena, conquistei uns dos meus principais objetivos: entrar para a minha primeira graduação. O que antes para mim não significava nada, hoje dou valor, até as menores moedas, pois servem muito para tirar cópias e mais cópias de textos. Como tudo na vida, temos que abrir mão de certas coisas; eu abri mão de coisas que eu gostava de fazer, como estar com os amigos, bater papo e ficar sem nada fazer. Namoro se torna difícil. Se a pessoa não for do mesmo meio que o seu, surge aquela desconfiança. São trabalhos atrás de trabalhos. A verdade é que hoje percebo que estou no curso errado.

⁵ Revisão, em jornada contínua e intensa, do conteúdo do ensino médio.

⁶ Atualmente denominado Setor Sul do *campus* universitário, localizado na entrada.

⁷ Linha de ônibus de ligação do *campus* universitário com a via principal externa.

No segundo período, fiquei desperiodizada. Sempre quis participar do programa de iniciação científica (PIBIC), porém, como aluna desperiodizada, fui informada pela coordenadora do curso que não tinha possibilidade, pois o coeficiente de rendimentos era um critério fundamental para seleção de bolsistas e eu não tinha a nota exigida. Não devemos julgar o aluno por notas, nem sempre esse critério corresponde ao conhecimento ou potencial que o aluno possui. Na verdade, há muito professor que adora reprovar aluno. Às vezes, por alguns décimos, ficamos reprovados.

A instituição não está preparada para lidar com certas dificuldades dos alunos, nós é que temos que nos adaptar, quem quiser que se vire. Eu, por exemplo, precisava cursar uma disciplina, no semestre passado, denominada “prática escrita”, oferecida no horário de segundas e quartas-feiras. Não pude cursá-la por haver conflito de horário com outra disciplina, em que eu já me encontrava matriculada. Aí, não sei quem, decidi que essa matéria passaria a ser às sextas-feiras, ou seja, se assim fosse, eu poderia me matricular, entretanto não modificaram o horário no sistema e eu perdi mais uma matéria nesse período.

Para mim, esses departamentos só servem para atrapalhar os alunos, e isso fez com que eu pensasse em desistir muitas vezes. Além disso, nosso laboratório não nos serve, pois fica a maior parte do tempo fechado devido às chuvas e aos raios. Ouvi dizer que há três lugares no Brasil que sofrem com os raios, e um desses é Manaus, e o lugar escolhido pelos raios é a UFAM.

Então, surgiu a oportunidade de participar de um projeto de extensão, o Conexões de Saberes. No último dia de inscrição, uma amiga de curso me informou sobre o processo de seleção, eu fui até a Pró-Reitoria de Extensão, inscrevi-me, apresentei a documentação e consegui ser selecionada como bolsista.

Oitenta por cento dos colegas da minha sala nem falaram comigo, pois torciam por outra estudante que havia se inscrito na seleção do projeto, e que dava uma de coitadinha. Bem, eu não passei por cima de ninguém, participei do processo e o lugar, naquele momento, era meu. E o projeto é muito interessante, pois quanto mais alunos de espaços populares lutarem por seus direitos, mais força teremos na sociedade. Hoje, entendo alguns de nossos direitos como alunos de uma universidade federal, e tudo isso se esclareceu no Projeto Conexões de Saberes, onde somos 28 bolsistas, de vários cursos de graduação, e cada qual coloca as dificuldades de seu curso.

Antes era um sonho entrar nessa instituição, porém a realidade é outra. E se eu estou nela hoje é porque tenho capacidade e lutarei até o fim para que ela seja muito melhor para quando chegar a vez de meu irmão e de meus filhos.

A sociedade acha que nós universitários temos as respostas para todos os problemas, o que é um peso muito grande. Mas não adianta só ter o nome UFAM e sim saber como defendê-lo. Fazer um curso com qualidade certamente é uma maneira de defender a própria universidade pública. Muitos de nós passamos por ela, mas não podemos (às vezes, não queremos ou não nos esforçamos, isso também acontece) aproveitar as várias oportunidades que surgem. Nem sempre o estudante de origem popular consegue um bom aproveitamento do curso, pois precisa dar conta de outras atividades para se manter e manter o curso. Pessoas me julgam pelo modo de pensar e agir, a verdade é que não me escondo atrás de um diploma. Quero, de alguma forma, deixar minha marca, estou aqui para defender meus direitos e pensamentos.

Nesse momento, estou pensando em mudar de curso, ainda estou indecisa. Não me arrependo de tudo o que passei para chegar até a universidade e, muito menos, das dificuldades que se apresentam no meio do caminho. Meu médico diz que, quando eu me formar, tudo vai voltar ao normal.

Livros

Caro leitor, não mentirei para você! Eu, quando menina, adorava ler. A leitura se torna interessante quando você viaja nas histórias; é como se você estivesse participando, espionando, naquele momento, a tese colocada. Lia muitas histórias em quadrinhos. Na sétima série, minha professora Neide pediu que fizéssemos leituras e, dentre elas, recordo-me do livro *Memórias de um Sargento de Milícias*. No decorrer do tempo, fui deixando de ler. Tenho recordações marcantes. Adoro *Boca do Inferno*, de Gregório de Matos, que, para mim, é um dos melhores escritores. Uns dos últimos que li foi *Mad Maria*, de Márcio Sousa, um escritor amazonense. Não entendi bem à época, acho que vou reler para comparar com a minissérie de TV.

Valores sociais e culturais

Quando menina, eu freqüentava a igreja com meus primos. Minha tia, como participava da igreja, colocava os sobrinhos para participar. Na verdade, não gostava muito, pois as aulas de catecismo aconteciam aos domingos pela manhã. E, no domingo, a família toda ia para os balneários. Era muito chato ficar fora da bagunça!

Minha comunidade nunca soube escolher bem as catequistas, elas não eram testemunhas do “bom exemplo”. Eu não gostava do jeito como agiam, pois falavam da palavra de Deus, mas não a viviam. A comunidade era uma bagunça. Eu me afastei mais porque se perdeu a moral. Primeiro, não tínhamos padre. O Bispo tratou de dizer que, se houvesse outro escândalo, não teríamos mais igreja no Morro. Dos dois padres que passaram por lá, um tinha mulher e filhos e logo foi descoberto; o outro namorava uma catequista e até se casou com ela. Se padre namora escondido, imagina o resto! Eu o encontro no RU⁸, mas ele finge que nem me conhece e eu também. Cada um sabe o que faz!

Fiz crisma e primeira comunhão em outra comunidade, chamada Dom Bosco. O povo de lá levava mais a sério, estudávamos realmente, defendíamos o cristianismo. Doávamos brinquedos a comunidades carentes, fazíamos coleta de alimentos não-perecíveis. Fiz muitos amigos nessa época, amigos com os quais até hoje tenho contato. O grupo de jovens não vingou, mas continuamos participando, sem compromisso, das missas aos domingos. Vou quando posso, nem que seja uma vez ao mês. Sempre colaboramos com o dízimo, abrimos a porta de nossa casa para eventos da igreja. Como na igreja há uma divisão por núcleos, participamos do Núcleo São Miguel, ajudando com o que podemos.

Na escola, sempre participei de peças de teatro e feiras culturais. No terceiro ano do ensino médio, fizemos uma exposição com materiais que foram doados pelos artistas do projeto Valores da Terra, da Fundação Villa-Lobos⁹. Conseguimos trazer um dos artistas, sem falar de uma das nossas professoras, a Inês, que canta e participa de ações dessa Fundação. Nossa escola sempre participava das exposições de poesias, realizadas pela Secretaria Estadual de Educação (SEDUC), e alguns de alguns alunos chegaram a ficar em primeiro e segundo lugar.

⁸ Restaurante universitário da UFAM.

⁹ Órgão municipal de cultura.

Os amigos que conquistei

Quando estava na sexta série, conheci o professor Márcio, era meio louco. Ensinou-nos a cantar uma música que fala sobre amizade. E sempre que eu ouço essa música, recordo de pessoas que fizeram e fazem parte de minha história, pessoas com as quais choramos juntos, sorrimos e até aprontamos; amizades que jamais deixarei. Sei que sempre nos compreenderemos, em especial, Taty, Gláucia, Erick, Eudes; amigos como eles não existirão. Aos meus amigos que me ensinam a superar perdas: Giovana Gomes, ao Mackson, por sempre estar a meu lado. Aos novos amigos do Projeto Conexões de Saberes: Leidiane, Leiriane, Adriano, Lindsay etc. Gostaria de citar todas as pessoas, mas o espaço é pequeno. Porém, o que “importa as mal traçadas linhas, se vocês estão em meu coração” (Renato Russo).

Não é fácil prosseguir num caminho, enfrentar desafios e obstáculos, principalmente quando temos que nos sentir satisfeitos. Porém a capacidade do ser humano é ilimitada e o conduz a procurar e arriscar-se, ainda que não encontre vitórias. Por isso, dedico esse memorial a todos que fizeram parte de minha história, direta ou indiretamente. Acreditem, apliquei o melhor de mim para concluir este trabalho.

Obrigada.

Luciana Conceição de Oliveira Matos – Letras/Espanhol

Meu caminho

Você não sabe o quanto eu caminhei pra chegar até aqui, percorri milhas e milhas antes de dormi, eu nem cochilei, os mais belos montes escalei e nas noites escuras de frio chorei. A vida ensina e o tempo traz o dom pra nascer uma canção, com a fé no dia a dia encontro a solução. (Cidade Negra)

Identidade

Minha história começa no dia três de outubro de mil novecentos e oitenta e quatro, no bairro de São Lázaro, um bairro popular da cidade de Manaus. Essa trajetória apresenta pontos comuns à caminhada de outras pessoas que vêm de camadas populares. Sou a mais jovem das mulheres de minha família e, quando nasci, a situação financeira de meus pais era mais equilibrada do que na época em que meus irmãos nasceram. Por isso não vivi as mesmas experiências deles.

A presença de meus pais, em especial de minha mãe, é marcante em toda essa caminhada até a universidade, além de meu irmão Oscar, outra figura muito importante. Cresci escutando os muitos casos ocorridos antes de minha chegada, muitos deles me faziam rir e outros me emocionavam profundamente. Meu pai sempre me disse que me dera o nome de **Ana** porque as mulheres assim chamadas são sempre felizes na vida, espero que sua filosofia esteja certa.

Minha família

Minha mãe é do interior do estado do Amazonas, do município de Benjamin Constant. Mulher forte e honesta, desde muito cedo trabalhou. A ela deve-se uma grande parte do que aprendi. Passou grande parte de sua mocidade em sua terra natal e, quando veio para Manaus, já era maior de idade. Meu pai também é do interior do Amazonas, mas ele, ao contrário de minha mãe, veio ainda pequeno com sua família para Manaus, onde cresceu e trabalhou. Não pode estudar, pois teve que trabalhar desde muito cedo; ele escreve com muita dificuldade. Sempre se esforçou para não faltar “o pão de cada dia”, mas deixou de lado o investimento na educação ou na saúde, pois para ele o essencial era o alimento.

A família é grande. Minha mãe teve nove filhos, sendo que dois faleceram ainda crianças. Os primeiros filhos a nascer foram as mulheres: Valdemarina, Sônia e Maria Francisca, elas são as mais velhas. Atualmente, moram em outros bairros, com suas famílias, mas sempre nos visitam. Depois, nasceram os outros filhos: Horácio, Oscar, eu, Ana Cláudia, e Paulo César, que é portador de síndrome de Down.

Minha mãe tem um papel fundamental na nossa educação, lembro-me de seus muitos esforços para nos matricular, comprar material e uniforme escolar. Papai não se preocupava muito com isso, por isso ela lavava roupa por encomenda para auxiliar na renda familiar. Já a renda de nosso pai no trabalho como pedreiro não era tão alta. Sei que mamãe encontrou nessas encomendas uma estratégia para nos manter na escola e não deixar acontecer com os filhos

mais novos o que ocorrera com as filhas mais velhas. Ainda trago na lembrança a imagem de minha mãe a passar roupas até tarde da noite. Recordo-me também de fazer algumas entregas de roupas com ela. Mamãe levava a trouxa na cabeça, e eu, o restante dobrado nos braços.

Minhas irmãs Valdemarina, Sônia e Maria começaram cedo a trabalhar, não completaram os estudos e logo se uniram a seus companheiros. Para elas, as opções foram poucas, mas me orgulho de dizer que são mulheres muito batalhadoras. Recentemente, Sônia concluiu o ensino médio através do Telecurso 2000. Já Valdemarina e Maria Francisca dedicaram-se mais à criação de seus filhos e colaboração na renda doméstica, trabalhando fora.

Papai decidiu, então, que com os filhos mais novos seria diferente, estudaríamos até o ensino médio e depois trabalharíamos, até mesmo porque, naquela época, exigia-se esse grau de escolaridade. Hoje se vê que o mercado de trabalho mudou, as exigências são outras. Sendo assim, meus irmãos Horácio e Oscar completaram o ensino médio. Horácio cursou o ensino médio próximo de casa e não era tão dedicado. Oscar, ao contrário, era totalmente aplicado. Decidiu cursar o ensino médio no centro da cidade, pois considerava melhor a qualidade do ensino. Por essa escolha, passou por muitas dificuldades e desafios. Sempre trouxe grande orgulho aos meus pais, destacava-se por ser estudioso e responsável. Em sua formatura, lembro-me que não havia recursos para comprar o fardamento escolar exigido, então a mamãe, sem que soubéssemos, vendeu um jogo de peças para cozinha que ganhara de minha tia que vive em Letícia, na Colômbia, possibilitando assim a compra da vestimenta.

Meus irmãos dedicaram-se ao trabalho e à cooperação na renda familiar, já que nosso pai apresentou uma doença respiratória. Por trabalhar muito tempo como pedreiro, acabou desenvolvendo uma alergia ao cimento, não podendo mais trabalhar nesse ofício. Oscar fez várias tentativas de ingressar na universidade, mas não foi aprovado. Horácio decidiu que não queria cursar a universidade, preferia se dedicar ao trabalho.

Iniciando a trajetória escolar

Minha primeira escola chamava-se Nossa Senhora da Divina Providência. Era uma escola administrada por freiras, com o ensino voltado para os valores cristãos, que solidificaram o que aprendi quando criança com minha mãe. Nessa escola, a disciplina, a educação e a preocupação com o próximo eram bastante valorizadas.

Ao iniciar os estudos, estava com sete anos completos. Minha primeira professora chamava-se Miracelle e me fez gostar de estudar porque ensinava com dedicação e paciência. Recordo-me que, ao término do ano (dezembro de 1992), Miracelle inesperadamente aparece em casa, avisando sobre a abertura de inscrições para o ano seguinte e da importância de seguir com os estudos. Foi mais longe, pediu à minha mãe os documentos necessários e ofereceu-se para me matricular. A resposta foi positiva e, assim, cursei a primeira série do ensino fundamental.

Por ouvir de meus pais e de meu irmão Oscar o quanto era importante estudar, esforçava-me nos estudos, pois diziam que era o melhor a fazer. Ao longo das séries, fui sempre esforçada, recebia muitos elogios das professoras, mas isso repercutia nas minhas amizades; alguns colegas se afastavam de mim, fazendo uma idéia errada do meu comportamento, achavam-me “metida”; outros me classificavam de “queridinha da professora”, causando em mim certos bloqueios como a timidez e a insegurança. Apesar de gostar de participar, era calada e comportada. Confesso toda essa situação me incomodava porque, no fundo, queria ser vista como eu pensava ser. Aperfeiçoei-me desde pequena na escrita e na expressão oral com a ajuda de meu irmão Oscar, que me auxiliava a fazer as atividades de casa e me acompanhava na leitura. Fui sempre muito auxiliada por minha mãe e Oscar, que me apoiavam nesses primeiros passos escolares.

A Escola Divina Providência atendia a muitos alunos, inclusive de classe média, e eu percebia desde pequena as diferenças entre os estudantes. Notava que alguns tinham “coisas” que outros não tinham e percebi que me encontrava no grupo dos que não tinham. Cansei de quando pequena pensar nisso e perguntar para meus pais o porquê da diferença.

Lembro-me que minha mãe esforçava-se pela higiene do fardamento e material escolar. Eu, sempre vaidosa, andava bem arrumada, o que levava a alguns colegas pensar que fôssemos bem de vida, aqui se vê claramente a questão do estereótipo do “pobre”. Embora a mamãe até desejasse atender às nossas vontades, sabíamos que às vezes não era possível realizá-los. Algo que sempre me incomodou foi a nossa casa, pois sonhava com uma casa à beira da rua, já que minha casa fica num beco e desejava que fosse bem maior. Via-me a sonhar ao passar pelas ruas no trajeto de volta para casa. Mas, com isso, fui lentamente questionando e percebendo as desigualdades sociais.

Naquela época, o material escolar, incluindo os livros, não era fornecido pelas escolas. Cada um devia comprar o seu. Recordo-me do meu primeiro livro, que era de segunda mão, uma vizinha de minha mãe me dera, já que não tínhamos como comprar.

A escola Dorval Porto – articulação com movimento social

Ingressei nessa escola porque a outra só oferecia até a quarta série. A mudança foi difícil para mim, já que era composta por adolescentes e adultos com comportamentos muito diferentes do que eu estava habituada. Continuei a me dedicar aos estudos e logo se ouvia comentários sobre mim. Apesar de ser calada, estava sempre rodeada de pessoas. Para as reuniões na escola, comparecia minha mãe ou meu irmão Oscar, que sempre me ajudou nos trabalhos escolares. Na infância, minha mãe sempre pedia o caderno para ver as atividades, mas percebi que, ao ingressar nessa escola e mesmo antes (terceira série), já não mais o fazia. No fundo, penso que ela não sabia direito como fazer isso.

Tive que me habituar a uma nova forma de atitudes dos alunos nessa escola, as conversas eram diferentes. Nela, cursei da quinta à oitava série e me lembro, com alegria, de tudo o que passei, dos colegas aos professores, das conquistas e desafios enfrentados.

Nessa época, Oscar já trabalhava e me ajudava no necessário. Ao chegar à oitava série, uma professora, chamada Graça indicou para Oscar (que havia sido aluno dela também) que eu cursasse o ensino médio nas escolas do Centro, pois o ensino era melhor. Dizia ela: – É melhor matriculá-la no centro. Aqui o ensino médio não é bom. Lá ela terá mais futuro.

Senti que era vontade dele, também, mas minha mãe sabia que seria mais difícil. Fizem então um acordo. Como Oscar já trabalhava, me ajudaria no transporte e xerox, meus pais arcariam com as outras despesas. Assim, ingressei no Colégio Amazonense Dom Pedro II, após prestar uma prova e ser aprovada. Nessa época, senti necessidade de contribuir, por isso, ofereci-me para limpar a casa de minha tia pela manhã e estudava à tarde; o que eu ganhava investia no lanche e em outras necessidades pequenas.

Sempre tive grande envolvimento com a igreja católica. Iniciei minha participação em movimentos sociais através dela, inserindo-me na pastoral da criança. Atuei como agente de saúde por cinco anos, contribuindo para melhoria da condição de vida de algumas famílias.

A vizinhança

Meu envolvimento com a vizinhança era restrito, até mesmo porque meus pais não permitiam que andasse com as meninas da redondeza, que eram bem diferentes de mim, desde o falar até o vestir. Percebia a preocupação de meu pai, para ele o contato com elas não me favoreceria.

Lembro-me que despertava o interesse da vizinhança; ao passar, sentia-me observada. Ouvia comentários do tipo:

– Essa aí vai ser freira.

Ou do tipo:

– Essa aí tem futuro.

Havia também aqueles que nos julgavam metidos por não nos misturarmos. Apesar de morar nesse bairro, a grande maioria dos contatos sociais que tinha era com o bairro vizinho, onde sempre quis morar. E isso se faz até hoje. Busquei algum contato com famílias do bairro a partir do trabalho com a pastoral da criança.

O ensino médio

Durante toda a minha trajetória escolar, não repeti nenhuma série. Mas, ao chegar no segundo ano do ensino médio, senti dificuldades na disciplina de matemática, chegando a ficar em recuperação. Tudo isso causou surpresa para os meus pais e mesmo para mim. Decidi então me dedicar mais aos estudos. Nessa época, já planejava ingressar na universidade, por isso buscava aprender o que era lecionado na sala de aula e tinha aulas de reforço oferecidas pela escola, empenhava-me muito. Aproveitava qualquer oferta de cursos, para isso estava sempre atenta. Iniciei-me na informática pela escola, depois minha mãe pagou um curso melhor. Fiz aulas de espanhol e expressão oral também pela escola.

Investi no Processo Seletivo Contínuo – PSC, buscando ser aprovada. Meus pais e meu irmão arcavam com as despesas das taxas exigidas anualmente. Tudo isso gerava em mim um sentimento de retribuição pelos muitos esforços deles. Além disso, sentia dificuldades quanto ao transporte até a escola, às vezes faltava vales-transporte para o final do mês, outras vezes para as cópias. Era um deixar de comprar o que queria ou não fazer o que desejava para compra dos vales. Fomos acostumados a poucos gastos, afinal terminar o ensino médio era mais importante.

Nessa época, decidi dar aulas para as crianças próximas de casa. Em geral, eram crianças com dificuldades na escrita e na leitura. Porém, lecionar tomava muito meu tempo, além de ser cansativo. Achei melhor parar, porque senti que já influenciava no meu desempenho. Dei aulas por dois anos. Minhas tias faziam certas cobranças, dizendo que me dedicava demais aos estudos e não pensava em outra coisa.

Enfim, concluí o ensino médio sendo aprovada logo em seguida no vestibular (PSM). Assim, ingressei na universidade, causando grande alegria aos meus familiares.

Na universidade

Quando receberam a notícia de que passara, meus pais ficaram muito felizes e orgulhosos, afinal eu era a primeira de minha casa a ingressar na universidade. Havia outros casos na família, mas eram pessoas de melhor situação financeira. Fiquei muito feliz, pois foi fruto de muito esforço. E não pretendo ficar por aqui. Tenho sonhos e projetos, é apenas o início de um longo caminhar.

Curso, atualmente, o quarto período de Ciências Sociais, embora o que pretenda seja Serviço Social. Confesso que o espaço acadêmico é bastante diferente do que pensava, é um espaço de intenso aperfeiçoamento do pensamento crítico. De fato, a forma como eu percebia o mundo ao redor de mim sofreu mudanças, inclusive na forma de me relacionar e no comportamento social. Seguir caminhando é o caminho, buscar os sonhos e superar obstáculos.

Ana Cláudia Ferreira da Costa – Ciências Sociais

Parte 4

Germinação

*“Tagarelo em línguas
diferentes*

*E num instante todos
viramos azuis”*



Germinação

*É um tempo que surge na aurora do vento
Grizando-me a mudez furtivamente estrelada
Eu preciso voar, e acelero minhas asas ainda mais
Rumo ao tom esvoaçante das cores aladas*

*Eu sou a cor que sai do teu suor
Da tua palavra, prisioneira da boca
Viajante cosmopolita, cósmico... Eu vou em labaredas
Mil no dorso do cometa risonho*

*Tagarelo em línguas diferentes
E num instante todos viramos azuis
Eu assovio num canto a cantiga da manhã
E corro para ouvi-la por toda a casa*

*Pluma do novo homem, além do bem e do mal
O que sinto em meus sonhos é o avesso dos teus
Eles fizeram-te insensíveis diante dos pesadelos
Vejo a minha voz deslizando
Sonora e infinita no segredo de cada olho*

*Eu sou Verbal! De ação verbalizante concreta do agente!
Modelando palavras pelos caminhos de flores e cidades
E construo dentro de mim um ramo de pessoas que me diz seu si*

*Essa sombra que acima se forma não vai além das nuvens
E podes dissipá-la num sopro intenso que forma no teu peito
Esse mesmo peito, pronto para receber
Inflado de fé para subir com os outros
E ao invés de musgos nas pedras
Viçosas rosas eternas na palma da mão*

*Dê-me sua mão, por esse caminho onde plantas um jardim
Ali naquele broto cresce um punhado de esperança
Aqui pousei mancheia de terra e já é maior que os meus pés
Vai crescendo a cada movimento dos meus passos*

*De repente toco o horizonte e há tantas portas
E basta um sorriso teu para abri-las
Para desbravarmos outros mundos.*

**Ceição Regina Ribeiro da Silveira
Jubison Ferreira Menezes**

Em poucas palavras

Acredito que o ser humano nasce para ser feliz, mesmo que tenha que muitas vezes brigar por isso até conseguir, e que seus caminhos nem sempre sejam os mais fáceis, pois a vida é cheia de altos e baixos e certamente há sentido e valor em cada caminhar...

Minha trajetória até a universidade é uma história de muitos sonhos, labutas e conquistas. Inicialmente, o sonho de milhares de brasileiros, um sonho que na minha concepção deveria ser algo tão comum, o de passar no vestibular. Certamente se houvesse mais vagas... No Amazonas, por exemplo, com toda sua imensidão, só existe uma universidade federal. Tentei por algumas vezes, mas foi difícil no início, pois havia grande concorrência para o curso que escolhi e não tive um ensino médio adequado às exigências do vestibular, que me permitisse ingressar na faculdade logo na primeira tentativa.

Sempre estudei em escolas públicas e, como todos sabem, a educação de uma forma geral não recebe a atenção que merece em termos de investimento, de capacitação dos profissionais e menos ainda quanto ao acervo de livros, por parte das autoridades competentes, comprometendo assim a qualidade do ensino.

Depois de várias tentativas frustradas para ingressar em uma universidade pública, resolvi tentar na rede privada de ensino e, finalmente, passei. Trabalhava durante o dia e estudava à noite; consegui com sacrifício me manter nela por dois semestres. Não cursava todas as disciplinas oferecidas no período e assim ficava menos pesado financeiramente. Por outro lado, demoraria muito mais tempo para concluir o curso, pois eu ficava devendo duas disciplinas por semestre.

No ano de 2004, tomei conhecimento de um processo de ingresso à universidade denominado PSE – Processo Seletivo Extra Macro, oferecido pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Trata-se de uma seleção para preenchimento de vagas residuais, consistindo em análise de currículo e realização de uma prova. Processo esse que pouca gente sabe que existe. Fiquei muito contente por ter passado e, ao mesmo tempo, triste por ter deixado todas as amizades que já havia conquistado. Na rotina de estudante, a gente se apega às pessoas. Em meu caso, convivía mais com os amigos do que com a própria família, devido à correria diária, e deixá-los foi um sofrimento. Mudar de faculdade era começar tudo de novo: conhecer novas pessoas, novos espaços, novas metodologias de ensino. Adaptar-me a esse movimento não foi fácil, porém as preocupações com o pagamento ao final do mês acabaram. Até porque, na faculdade particular, havia algum tipo de aumento a cada período, seja na mensalidade ou em outras taxas, e o mesmo não acontecia com o salário onde eu trabalhava.

Um fato sempre me deixou indignada: o de um jovem concluir o ensino médio cheio de vontade de aprender e desenvolver seu potencial e não poder fazê-lo devido a um sistema que não oferece condições e muito menos incentivo, e ainda impõe barreiras para este jovem. O vestibular é uma dessas barreiras e poucos conseguem ultrapassá-lo. Seguir a marginalidade se tornou muito mais fácil do que conseguir estudar no país. Optei pelo caminho mais difícil, o caminho que penso ser “do bem”, por acreditar que só assim posso,

no futuro, conseguir melhores condições de vida com a tranquilidade dos justos. Também porque desde cedo pretendia cursar uma universidade, e não ficar só no ensino médio.

Na escola

Sempre fui comportada e tímida na escola. Lembro da minha primeira professora, que tinha um carinho todo especial por mim. Não sou muito de guardar o nome de pessoas, mas a única professora que me lembro bem o nome e a fisionomia é ela, chama-se Nazaré. Os anos foram passando e ainda me lembro com saudade de cada detalhe e de cada gesto como se fosse ontem. Essa professora gostava de presentear os alunos e lembro de uma camiseta branca, com corações, que ganhei e, também, de umas miniaturas de sabonetes. Eram tão lindos que eu não queria usar para não gastar. De alguma maneira, ela me incentivou a não parar de estudar, a ir além do ensino médio. Hoje não sei se ela ainda é viva, pois já era uma senhora quando a conheci, mas uma semente foi plantada em meu coração e, apesar do tempo que passou, continua viva uma lembrança boa de uma pessoa que marcou minha infância, e eu nunca disse isso para ela pessoalmente. Quem sabe um dia a gente se encontra ou, quem sabe, alguém possa estar lendo para ela agora. De qualquer forma, fica registrado o meu sentimento sincero de gratidão pela lição que recebi. O carinho, a amizade e o afeto são mais valiosos que qualquer coisa na vida, e que bom que eu aprendi isso logo no meu primeiro ano como estudante.

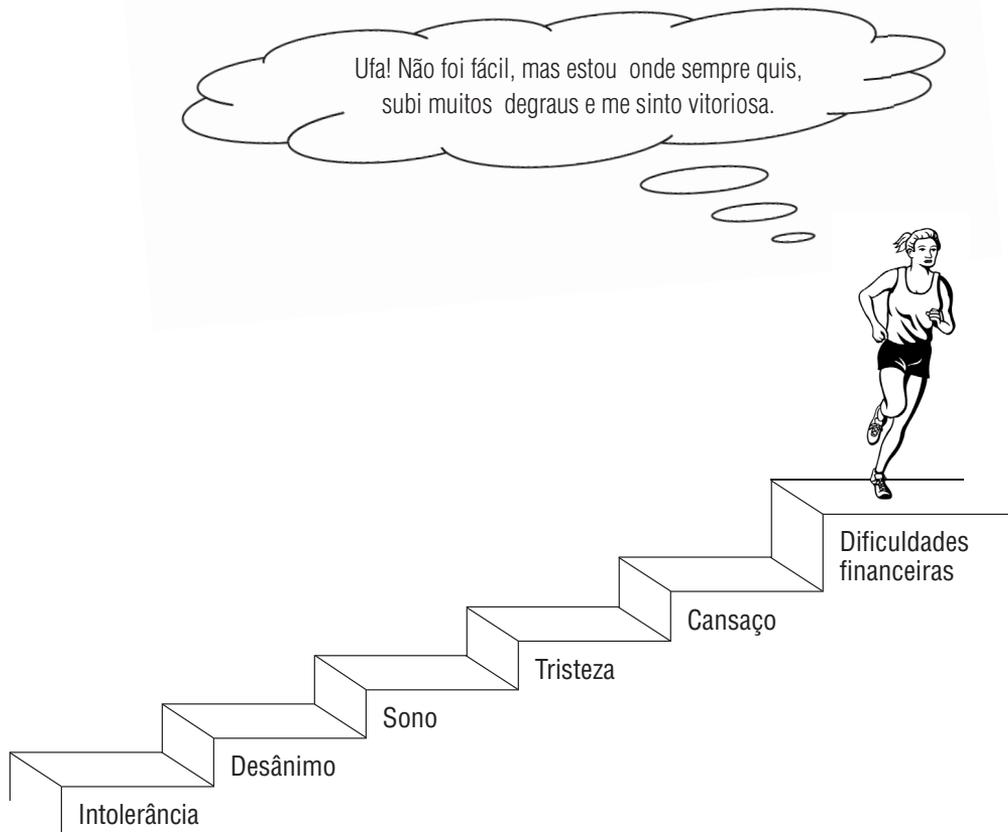
Não fui diferente da maioria dos estudantes. Estudava à tarde e ajudava nos serviços de casa. Da oitava série em diante comecei a trabalhar durante o dia e estudar à noite, como a maioria dos brasileiros. Chegava tarde, pois estudava um pouco longe de casa e, por isso, ficava com sono e dormia em qualquer lugar: dentro do ônibus, na sala de aula, onde houvesse oportunidade.

Há muitos obstáculos a superar para conseguir ingressar na universidade. A gente precisa fazer uma longa caminhada de superação interna e, muitas vezes, uma luta consigo mesma entre a razão e o coração.

O interessante é que a gente pensa que essa escadaria é uma tarefa nossa, só nossa, e que, se somos capazes de escalar, chegamos lá. Ao chegar no topo (vale ressaltar que nessa escalada há muitos picos, concluir o ensino médio, passar no vestibular, concluir a faculdade, e por aí vai), a satisfação é imensa e melhor ainda será quando eu concluir o ensino superior, pois alguns desses degraus são exercícios diários que devem ser executados a vida toda para alcançar qualquer meta desejada. Ser capaz é algo que nos incomoda durante muito tempo. Acreditamos (ou não) em nossa capacidade; tudo fazemos por nossa capacidade. E se não conseguimos, é porque não fomos capazes. Por muito tempo fiquei amarrada nessa idéia e confesso que ainda hoje é preciso fazer um grande exercício e enfrentar o desafio de superar idéias que foram tão bem cultivadas e enxertadas em nossas cabeças.

Nasci em uma família de nove irmãos, meus pais não tiveram oportunidade de estudar, mas sempre trabalharam muito para o sustento dos filhos. Meu pai, por muito tempo, trabalhou na terra e, de lá, tirou o sustento da família. Foi feirante, atravessador e vendedor ambulante, e minha mãe sempre esteve a seu lado.

Em janeiro de 1986, saí da minha terra natal, Santarém-PA. Eu tinha apenas 11 anos de idade, era muito criança, não entendia direito as coisas que aconteciam e por que aquela mudança de cidade com toda a família. Muito tempo depois pude entender a real situação,



o fato é que meus irmãos estavam todos crescidos e com idade para trabalhar. O mais novo tinha 10 anos. Porém a cidade onde vivíamos era pequena e não havia muitas oportunidades de emprego. Viemos e ficamos em uma casa alugada, por indicação de um tio que morava próximo. Meu pai procurou uma casa para comprar e, depois de uns quatro meses, saímos do aluguel e fomos para uma casa própria onde atualmente moro com os dois. Passaram-se mais de 15 anos, meus irmãos já constituíram família e vivem em suas casas com os filhos e cônjuges. Ao final do ano, na época do natal, mantemos o hábito de reunir toda a família, os pais, filhos e netos, e é uma alegria sem igual.

Atualmente, meus pais estão aposentados e passam um tempo aqui em Manaus e outro em Santarém, com meu irmão. Meu pai perdeu a visão há pouco mais de um ano, em decorrência de uma doença chamada glaucoma, perdeu também um pouco a alegria de viver. Minha mãe tornou-se seus olhos, vive para ele mais do que antes. Eles são meu orgulho e mais um motivo para estudar e, um dia, quem sabe, poder retribuir a dedicação. Não lembro mais da cidade em que nasci e um dia espero poder retornar e conhecê-la, pois nunca voltei e depois de tanto tempo gostaria de rever as coisas belas que a cidade oferece.

Amizade

Nunca tive muitos amigos, sempre preferi qualidade à quantidade, acho que sou muito seletiva nesse ponto. Sinto-me bem assim, pois é melhor ter um amigo que possa estar comigo

quando eu precisar, do que diz que se dizem amigos e te abandonam no primeiro momento de dificuldade.

A vida muda seu curso em um segundo, algumas vezes para melhor, outras não, e em muitas ocasiões nos deparamos com surpresas boas, pessoas valiosas com sentimentos nobres, e eu tive a sorte de encontrar uma pessoa assim que sempre esteve a meu lado e me ajudou muito e ainda me ajuda nos trabalhos escolares da faculdade.

No início, quando eu estudava em uma instituição particular à noite, trabalhava o dia todo e já chegava cansada em sala de aula. Como eu trabalhava longe da faculdade, não dava tempo de ir em casa. Foi aí que eu comecei a ver que não seria nada fácil conciliar as duas coisas. Felizmente encontrei uma pessoa que estava sempre disposta a me ajudar e que me incentivou muito. Até porque já era seu segundo curso superior, o sufoco que eu estava passando para ela não era novidade.

Certo dia, essa amiga me disse que havia uma prova que poderíamos fazer para ingressar na universidade pública, e que não seria tão difícil de passar, pois pouca gente conhecia o tal de processo seletivo extra macro. Fiquei muito contente, pois teria que estudar para apenas três disciplinas, consideradas as principais para o início do curso de Educação Física, que eram anatomia, citologia e fisiologia. A data da prova foi se aproximando e logo chegou o grande dia. Eu estava muito confiante na minha aprovação. Saiu o resultado e, ao ver a lista dos aprovados, o nome da minha amiga estava lá, porém ao descer a vista à procura de meu nome não o encontrei. Que chato! Tive uma sensação de abandono, pois agora ia ter que me virar sozinha e foi isso que aconteceu. Acho até que me tornei mais independente e responsável. E por um período me aproximei mais de outras pessoas e fiz outras amizades. Mas não desisti de vir para a UFAM. Tentei novamente no semestre seguinte e passei finalmente. Essa oportunidade veio na hora certa, pois fiquei sem trabalho e não teria mais como manter a faculdade particular.

Para concluir este ensaio, fiquei pensando em deixar um recado. Não quero ser romântica nem dona da verdade, ou dizer o caminho a trilhar, mas alguns ingredientes foram fundamentais para minha aprovação no vestibular e podem valer para outros também. Assim, não poderia finalizar sem deixar uma mensagem de apoio e reforço a quem quer percorrer essa trilha:

1) O apoio dos amigos, mesmo que seja somente um; 2) Força de vontade e determinação, pois nesse momento você está só. É a sua garra, a sua vontade, muitas vezes contra você mesmo. A gente tem que abrir mão de algumas coisas; 3) Alguns livros, apostilas ou revistas; 4) Um local tranquilo para estudar.

Isso me ajudou e pode ajudar você também. Como disse, não há receita, cada um tem seu próprio caminho, mas quem sabe, aqui, nesta coleção, já não estamos sendo esse pequeno apoio amigo.

Verenice Silva de Souza – Educação Física

Ninguém sabe ao certo como tudo começou...

O processo de formação do grupo de vinte e cinco bolsistas que formam o projeto Conexões de Saberes, na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), talvez seja o primeiro sinal de como uma rede de informações se articula para unir pessoas das mais variadas áreas do conhecimento, credo religioso e outros, construindo uma conexão e união de novos amigos. Assim foi que cada membro participante de alguma maneira soube que haveria uma seleção para o projeto de extensão e trataram logo de confirmar sua inscrição.

Os dias passavam e, ansiosos, esperávamos pela lista com os nomes selecionados. Finalmente o dia tinha chegado. Para aqueles que haviam sido aprovados, era motivo de alegria, pois concorreram entre dezenas de candidatos. Isso não queria dizer que fomos os melhores, mas estávamos felizes pela escolha, afinal estar de acordo com o perfil que coordenadores ou projetos exigem nem sempre é porta de acesso fácil a quem vem de origem popular. Além do mais, tratava-se de estar desenvolvendo um trabalho de cunho social junto às comunidades populares de nossa cidade e, desse assunto, entendemos muito bem.

Somos oriundos de espaços populares que também são pouco atendidos por programas sociais. Alguns mais, outros menos, mas sempre com a ausência de políticas públicas voltadas para o lazer, esportes, geração de renda e, até mesmo, educação. É claro que o dinheiro que receberíamos pela bolsa tornava-se um elemento importante, pois, como dissemos anteriormente, viemos de famílias humildes e entrar em uma universidade, mesmo pública, tinha sido muito difícil; pior ainda era manter-se nela com pouco ou nenhum recurso. Mas o fato de estar com aqueles que nem sequer conseguem terminar o ensino fundamental, realizando um programa com a população de baixa renda, dava um sentido desafiador e viria a nos engrandecer, tanto como profissionais da área que escolhemos para estudar, quanto na qualidade de ser humano. Essa humanização foi o toque motivador para a caminhada do projeto: resgatar nossa auto-estima e contribuir para a caminhada dos que almejam diploma universitário.

É fato notório que milhares, até milhões de jovens e adultos adiam o sonho de ingressar em uma universidade e, inúmeras vezes, nunca o realizam. Os fatores que servem de empecilho para o ingresso no ensino superior são muitos, mas vale destacar que a obrigação de ter que trabalhar para se manter ou sustentar a família se sobressai entre os demais. Há os que sequer conseguem terminar o ensino fundamental; outros, por desinformação, acreditam que fazer uma faculdade é algo distante, uma entidade, um objeto impalpável, disponível somente para uma elite.

Passado esse momento e já efetivados os nomes dos bolsistas, aproximava-se o dia da primeira reunião no grupo com os coordenadores.

O primeiro encontro ocorreu na sala de reuniões da Faculdade de Educação. Para alguns, pairava certa familiaridade com o ambiente, pois já haviam participado de outros projetos. Estávamos todos presentes no local: o grupo de vinte e cinco bolsistas mais os coordenadores que nos passariam as informações a respeito do funcionamento do projeto. As apresentações iniciaram um clima de acolhimento e receptividade, o que serviu de prerrogativa para que nós bolsistas ficássemos

menos tensos e mais à vontade. E assim, um por um, fomos dizendo nome, origem, o curso a que estávamos vinculados e o que esperávamos alcançar através do Projeto Conexões de Saberes.

Conforme os cursos de graduação iam sendo revelados, sentíamos estar diante de uma verdadeira miscelânea das mais variadas áreas de conhecimento científico. Como seria travar diálogos com áreas tão distintas? Seria interessante dialogar com alunos de outros setores da academia, pois ficaríamos sabendo a respeito do funcionamento do trabalho de campo de cada curso, a metodologia empregada, as pontes entre os cursos, mas seria (e tem sido) um grande desafio traçar uma teia interativa, onde se possa colaborar, respeitando as diferenças e singularidades existentes, sem cair na lógica meritocrática também existente na relação entre “saberes disciplinares” e “departamentalizados” na academia.

Bem, esse foi só o começo. Terminada a reunião nos cumprimentamos mais pessoalmente, alguns até ensaiaram um diálogo de aproximação, mas outros encontros viriam e novidades também. O grupo foi dividido em dois subgrupos, de forma que as pessoas que estudassem pela manhã freqüentariam as reuniões no horário da tarde e os que estudassem à tarde se reuniriam no horário da manhã, para não interferir nas aulas.

Com os bolsistas divididos em grupos de trabalho, os coordenadores aplicaram algumas dinâmicas com a finalidade de criar um clima de familiaridade entre os participantes. Assim ficaria mais fácil conhecer e aprender o nome das pessoas. Cada um apresentava e narrava um pouco da sua história de vida. E eram histórias de dificuldades, de separação e outras. E até houve instantes em que se percebiam olhos marejados e embargo nas palavras. Porém, como somos pessoas com certa habilidade de transformar o dramático em comicidade, logo estávamos rindo de algumas situações engraçadas desse passado.

O tempo passará. Cada um de nós tomará o seu rumo, o destino que cada um traçou para sua vida, mas vamos sempre lembrar que lá atrás, no fervor de desejo de mudanças, um grupo de jovens estudantes universitários depositou no solo do tempo um sopro de esperança, instrumento primordial para as boas transformações em nossa sociedade. Acreditem, pois sementes outrora lançadas já brotaram, estão em nós e em vocês também.

Dialogando

Ceição. *Sou uma pessoa oriunda de espaço popular, dentre outros fatores, porque sempre utilizei os serviços públicos oferecidos à população, como, por exemplo, educação, saúde, assim como toda minha família. Meus pais são funcionários públicos e sempre vivemos em condições razoáveis, financeiramente falando. Nasci no interior do Amazonas, mais especificamente no município de Manacapuru, onde vivi minha trajetória como estudante.*

Glória. *Desde criança sempre morei em bairro popular. Meus pais também vieram do interior do Amazonas em busca de melhoria de vida na capital. Freqüentei, junto com as minhas irmãs, escolas públicas e outros serviços públicos.*

Joselma. *Sempre vivi em comunidades populares. Quando criança, morava no interior do Amazonas, mais precisamente no município de Benjamim Constant, com meus pais e mais quatro irmãos. Naquela época, o interior era muito atrasado e sem nenhuma infraestrutura. Meu pai, preocupado com o futuro dos filhos, decidiu vir para Manaus com toda a família. Mas a história começa assim: os irmãos dele já moravam aqui em Manaus e queriam ajudá-lo. Então, minha tia alugou uma pequena casa no bairro do Alvorada. A*

casa possuía três cômodos, e havia mais três residências no mesmo terreno com famílias diferentes. Isso era um transtorno para nós, acostumados a morar no interior com quintal grande e casa bem espaçosa, mas, como estávamos ansiosos por conhecer a cidade, tudo era bem vindo. Meu pai conheceu um senhor, que era norte-americano, quando morávamos em Benjamim Constant, e o reencontrou aqui em Manaus. Esse senhor conseguiu emprego para ele, em uma madeireira e, a partir daí, nossa vida na cidade estabilizou um pouco.

Jubison. *Nasci na Colônia Oliveira Machado e me criei no bairro de Petrópolis. Minha relação com as pessoas que moram nesses lugares é muito próxima. Penso até que está enraizada em mim essa identificação. Estudei em escolas públicas, assim como meus irmãos. Fui para a escola um pouco tarde, aos dez anos de idade. Meu pai dizia que estudar era coisa para quem não tinha o que fazer, e que filho homem tinha mesmo era que trabalhar cedo. Anos mais tarde, meus pais se separaram. Éramos seis irmãos vivenciando aquele momento conflituoso. A família se desestruturou completamente. Em consequência disso, fui morar em Rondônia, na casa de um tio, irmão do meu pai, mas minha relação com a esposa dele não era das melhores. Tinha quinze anos e resolvi morar sozinho e alugar um quarto, o que foi mais um impacto na minha vida. Meus pais já separados estavam em outro estado.*

Quando ainda era adolescente, não entendia o que queria dizer faculdade e universidade. Só muito depois é que fui compreender o que aquilo significava e a sua importância. Para vocês terem uma idéia, o grande desejo de todos os pais da rua onde eu morava era que seus filhos fossem fazer um curso técnico no SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial). Isso era motivo de orgulho para a família. E a coisa não mudou muito, não. Ainda hoje não se ouve com tanta frequência o jovem de espaço popular comentar sobre o assunto faculdade. Aqui em Manaus, por exemplo, o jovem de periferia quer concluir o ensino médio e se empregar no Distrito Industrial. Acaba sendo mão-de-obra barata, aquilo não é profissão.

Ceição. *Universidade para mim... Era algo que não tinha conhecimento da sua dimensão, o que realmente significava. Mas a idéia que tinha era a de que somente pessoas muito inteligentes conseguiam ingressar e eu não me via como sendo uma dessas pessoas, talvez pelo fato de não conhecer as devidas informações sobre o assunto universidade, uma vez que o sistema educacional brasileiro nunca orientou o estudante de classe popular a desenvolver conhecimentos mais avançados. Ao contrário, sempre o reprimiu e o condicionou para que se limitasse ao curso técnico, com o objetivo de torná-lo mão-de-obra barata para o mercado de trabalho, ou seja, indivíduos sem consciência política e social. Fator que torna favorável a dominação do indivíduo pelo sistema capitalista vigente.*

Glória. *Antes de ingressar na universidade, eu a imaginava um lugar onde só as pessoas mais capacitadas podiam entrar, principalmente no que diz respeito ao fator financeiro. Mas a vontade de ingressar em uma universidade, eu já a tinha desde criança, porque uma tia havia estudado aqui na UFAM, e isso me serviu como incentivo. Eu dizia para minha mãe que, quando crescesse, descobriria novos conhecimentos que me tornariam importante. Talvez isso fosse coisa de criança, mas era assim que eu imaginava pertencer a uma faculdade.*

Quando conclui o ensino médio, minha tia e uma colega me incentivaram a prestar o vestibular. Fiz as provas, mas não fui aprovada, e atribui o fracasso ao fato de não ter me preparado, não tinha condições financeiras de pagar um curso pré-vestibular. Fiquei um ano sem fazer vestibular, mas no ano seguinte fiz as provas e fui aprovada. Estudei em casa. Meus pais e eu ficamos muito felizes por alguém da família estar ingressando na universidade. Na mente deles, entrar em uma faculdade era considerado *status*.

Joselma. *Passaram-se alguns anos e conclui o ensino médio em 1997. Sempre estudei em escolas públicas, assim como meus irmãos. Fui à escola aos sete anos de idade e senti muita dificuldade, pois nunca tinha entrado em uma sala de aula. Hoje, ainda preciso lutar comigo mesma para romper barreiras erguidas na relação com o aprender, na rede de ensino formal. Universidade para mim era um outro mundo, diferente do meu, onde só as pessoas de classe média alta freqüentavam. Meu incentivador foi o meu marido que dizia: “Você vai ter que entrar numa universidade pública!” Assim, ele me matriculou num cursinho pré-vestibular, onde estudei três meses. Não fiquei por muito tempo, o problema era o velho conhecido: o dinheiro. O gasto com as passagens de ônibus foi decisivo para que eu parasse com as aulas. Na época, eu não tinha carteira de meia passagem (em Manaus, os estudantes têm direito a meia passagem).*

Ceica. *Durante o processo de conclusão do ensino médio, já possuía o interesse em fazer um curso superior. Ouvia alguns colegas conversando a respeito do assunto, falavam em cursinhos preparatórios para o vestibular. Assim, comecei a pensar que um curso superior abriria novas e grandes oportunidades de emprego, além do que me daria maior segurança para enfrentar o mercado de trabalho. Meu pai, por ser alguém que trabalhou muito para concluir seus estudos, principalmente por ser de família pobre que vivia basicamente da agricultura, serviu de exemplo e incentivo para mim; afinal ele enfrentou muitas dificuldades para conseguir o diploma de professor, assim como minha mãe, que também é professora e de família de agricultores.*

Bom, eu já sabia o que queria: ir além do ensino médio. Porém não foi fácil. No primeiro vestibular, não passei. Escolhi o curso de graduação em Serviço Social, e a concorrência era muito grande para apenas quarenta vagas. A partir daquele momento, passei a estudar mais, contudo, a coisa era mais difícil do que havia imaginado e foi outro vestibular frustrado. Então, procurei me dedicar ainda mais e, quando finalmente fui aprovada, a sensação que tive era a de que tinha realizado um objetivo. A gente sempre atribui a si mesmo o sucesso ou o fracasso, e nem percebe que há algo muito maior do que nossa capacidade individual. Naquele momento, era eu e o vestibular e, sendo aprovada, haveria ainda muitas etapas a superar, esse era apenas um primeiro desafio entre muitos a enfrentar.

Posso dizer que todo o processo de preparação para o vestibular foi acompanhado de muitas dificuldades, como, por exemplo, a falta de livros, aulas, tempo disponível para estudar e ainda ter que trabalhar. No entanto, acredito que a maior dificuldade foi enfrentar o vestibular, que havia se tornado algo monstruoso, um processo de exclusão. Além do mais, morava em Manacapuru e lá não havia nenhum centro universitário ou, pelo menos, um pólo da UFAM. A situação era delicada e difícil, pois teria que me mudar para Manaus. Então, com a ajuda dos meus pais, passei a morar com uma amiga. Dividíamos um quarto alugado, popularmente denominado “Kit net”, que não oferecia nenhum conforto, e havia também a

preocupação com o emprego que precisava conseguir. Depois de alguns meses, consegui um estágio na Biblioteca Pública do Estado do Amazonas, o que melhorou um pouco minha situação financeira, mas depois de um ano fiquei desempregada.

Glória. *Mas claro que antes de ingressar na UFAM tive muitas dificuldades, e uma delas foi o preparo para o vestibular, porque fiz curso técnico de turismo no ensino médio. Em momento algum, aquelas aulas direcionavam você para o vestibular. Meus pais não tinham dinheiro para pagar um cursinho. Aí, uma senhora que morava próximo de casa e que pretendia fazer o vestibular me chamou para participar de um grupo de estudos. As disciplinas mais procuradas iam ser trabalhadas para as questões das provas. As provas do vestibular foram difíceis, não passei. Tomei fôlego para passar mais um ano estudando. Fui aprovada para o curso de Letras/Língua Francesa. Uma etapa foi vencida em minha vida. Depois que eu comecei a estudar, apareceu outra dificuldade: a de me manter na faculdade. O gasto com apostilas, passagens de ônibus, alimentação, entre outros, dificulta um bom aproveitamento das aulas.*

Jubison. *Eu trabalhava como garçom, à noite. Pela manhã, fazia o supletivo do ensino médio. Eram duas coisas em uma: ao mesmo tempo em que fazia o supletivo, buscava me aprofundar nas matérias estudando em casa tudo o que tinha sido dado na sala de aula, só que era um trabalho mais detalhado.*

Economizei dinheiro e comprei livros usados em “sebos”, e alguns novos emprestei de colegas, afinal, precisava me preparar. Parei de trabalhar por uns tempos, pois era necessário. A situação ficou ainda mais difícil, com pouco ou nenhum dinheiro, algumas coisas necessárias passaram a faltar. Fazia pequenos trabalhos escolares e recebia por isso. As noites e as madrugadas tornaram-se companheiras na leitura e divagações. Nós que somos desprovidos de recursos financeiros temos que nos sacrificar para alcançar os nossos objetivos. Não tem jeito, eu não conheço outro caminho.

Glória. *Soube do Projeto Conexões de Saberes através da minha irmã, que também estuda na UFAM. Ela me incentivou para que eu fizesse a inscrição para concorrer à vaga de bolsista. Então, fui à Pró-Reitoria para Extensão e Interiorização me informar a respeito. Recebi um folder que continha informações sobre o projeto, seus objetivos e metas. Achei bastante interessante e o que me despertou interesse foi saber que, ao final do projeto, seria publicado um livro com a trajetória dos bolsistas. Isso “me encheu os olhos”, visto que futuramente pretendo fazer o mestrado e um dos requisitos para seleção é ter ao menos alguma participação em publicação. Mas também pensava no valor da bolsa que iríamos receber. Eu estava precisando, pois não tinha nenhuma fonte de renda e somente meu pai me ajudava com recursos de seu trabalho como autônomo.*

Ceição. *Agora, cursando o ensino superior, posso dizer que as dificuldades que encontro não são muito diferentes da maioria dos estudantes. Falta uma estrutura adequada de modo a garantir qualitativamente a permanência do estudante em sala de aula. Faltam livros, atualização do acervo, laboratórios de informática equipados e em número suficiente, faltam estágios remunerados e/ou projetos para bolsistas de modo a suprir as necessidades acadêmicas, dentre outros.*

Sendo assim, participar de um projeto de extensão que desenvolve atividades pertinentes ao curso que fazemos serve como prerrogativa para a carreira profissional do estudante. Daí o interesse em participar do Conexões de Saberes, um projeto direcionado às comunidades populares em que um de seus objetivos é a integração do indivíduo à sua condição de cidadão, como construtor e participante na transformação social. Por isso, a importância dessa troca de conhecimentos, contribuindo para que ambas as partes desenvolvam, de maneira positiva, seu espaço de atuação.

Joselma. *Certo dia caminhava pelo corredor da FACED e vi um cartaz no quadro de anúncios, declarando: **Conexões de Saberes: diálogos entre a universidade e as comunidades populares.** Essas palavras me chamaram a atenção. Procurei informações e soube tratar-se de um projeto de extensão com a finalidade de troca de experiências entre comunidades e universidade.*

Jubison. *Faço Ciências Sociais, com ênfase em Sociologia. Daí já se pode ter uma idéia do meu interesse pelo projeto. Trata-se de uma inter-relação com outras pessoas, dentro e fora da universidade, uma troca de conhecimentos e experiências com o ator social de espaços populares, isso para mim era fantástico. Além do mais, depois de muito teorizar, aquele projeto poderia abrir caminhos para o contato mais apurado com a comunidade. Bom, foi isso que me chamou a atenção e me impulsionou a participar. Valeu!*

Como nossas vidas viraram histórias de literatura, resolvemos misturar sons e cores, numa forma de dizer diferente e que fala de vida e sonhos. Mas, principalmente, de gente. A poesia, assim como nossos sonhos, é necessária.

Esperamos que os ecos dessas palavras ressoem para além das páginas desse livro, para servir de reflexão e apoio para outros brasileiros.

*Que o verbal,
Feito de carne e esperança,
Desça sobre os Brasis dos cantos,
Os Brasis que escorrem
Para dentro dos mares, das florestas e dos sertões.
E que a cor da garra reponha sua essência viçosa na palidez do dia,
Em cada menino e menina, homem e mulher.
Porque, se assim for, teremos a felicidade de afirmar que
esta terá sido a maior e melhor das conexões de nossa vida.*

Um abraço dos quatro integrantes para os quatro cantos do Brasil.

**Coíça Regina Ribeiro da Silveira – Serviço Social
Glória Alegria dos Santos Coelho – Letras/Francês
Joselma Vanessa da Silva – Pedagogia
Jubison Ferreira Menezes – Ciências Sociais**

Educação popular: uma jornada de esperança

*Canta, coração,
Por essa voz que canta em mim,
Esse desejo, sem medida e paciência,
Quase já desesperado de esperar
Todo esse tempo e esse grito
Sufocando a garganta sem sair.
(Candinho)*

Meus pais vieram da região do Alto Solimões, município de Amaturá, estado do Amazonas, para Manaus, em mil novecentos e sessenta e nove. Como outras famílias que vivem no interior, viemos para cidade grande na ânsia de uma vida melhor. Ao todo, somos quatro irmãs, sendo eu a filha mais nova. Embora meus pais tivessem apenas o estudo básico, a garantia da subsistência da família sempre esteve sob sua responsabilidade e não nos faltou apoio para estudar.

Perdi minha mãe aos dois anos de idade. Minha infância e adolescência foram acompanhadas pelo meu pai João e por meus tios Sabá Reis e Irmã Vera Lúcia, OSB, também conselheira e amiga.

Para a nossa sobrevivência, fabricávamos tigelas para seringa, espécie de vasilha feita de alumínio, que servia para afixar no tronco da árvore seringueira para colher o leite, matéria-prima utilizada na produção gomífera. Meu pai construía as ferramentas que eram manuseadas de forma artesanal e administrava o negócio. A família e os parentes, todos trabalhávamos nas etapas do processo de produção das vasilhas e, assim, eu e minhas irmãs íamos aprendendo cada passo da fabricação, sendo esse o nosso convívio do dia-a-dia.

Fui crescendo em um ambiente familiar que desde cedo me estimulou a ser responsável por mim mesma, e que também sempre incentivou a dedicação aos estudos.

Trabalhei no Distrito Industrial de Manaus, a adaptação não foi difícil. Era na área de montagem, e lá percebi o quanto precisava estudar para alcançar uma profissão que realmente gostasse de exercer.

A labuta no cotidiano

Sempre estudei em escola do ensino público. Trabalhando e estudando, consegui concluir o ensino médio em Contabilidade. Foi um grande aprendizado, mas me identifiquei mesmo com a arte de criar peças de roupas, aprendi a montar no “olhômetro”. Era fascinante imaginar, criar e concretizar a idéia. Foi então que comecei a me dedicar ao estudo voltado para essa área.

Tentei o vestibular por três vezes, a minha maior dificuldade era nas questões de matemática e física. No ano de dois mil e um, trabalhei em uma escola, fazia de tudo, desde serviços gerais ao administrativo; havia poucos funcionários e cada um colaborava como podia. Nos intervalos,

concentrava-me na biblioteca, pois lá havia livros e revistas atuais, jornais e enciclopédia e eu aproveitava o horário do intervalo para leitura e revisão dos assuntos para o vestibular.

Moro no bairro de Petrópolis, localizado na Zona Sul dessa cidade. E lá, desde mil novecentos e oitenta e seis, existe uma organização conhecida como “Alternativo de Petrópolis”, que prepara jovens de baixa renda para o vestibular das universidades. Essa iniciativa despertou-me grande interesse e passei a estudar, com eles, em grupo.

Embasados na solidariedade, o grupo de colegas se ajudava, cada um oferecendo informações na área em que possuía maior domínio, contemplando os conteúdos prováveis no processo de seleção para o ensino superior. Foi por participar desse grupo que consegui obter um bom resultado no vestibular no ano de dois mil e dois, passando para o curso de Desenho Industrial – habilitação em Projeto de Produtos.

No caminho se faz o caminhar

Nos anos oitenta, já se tinham implantado na igreja católica as comunidades eclesiais de base, pequenas comunidades por nós conhecidas como diaconias. As atividades de catequese, que antes eram todas realizadas na igreja matriz, aproximavam-se dos problemas da comunidade, vivenciando angústias e sofrimento social, procurando compreender melhor essa dimensão do sofrimento humano, e sensibilizando a comunidade, a partir do debate sobre a realidade cotidiana, para lutar por melhores condições de vida, dimensão que não deixa de ser também política.

Absorvi essa compreensão e aprendi a vislumbrar valores como solidariedade, amor fraterno, abracei a dimensão sócio-transformadora e a sensibilidade para prestar serviços aos menos favorecidos, em uma sociedade tão marginalizadora, excluídos de direitos como cidadãos.

Conforme expresso no Concílio Vaticano II, na abertura da Encíclica *Gaudium et Spes*: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as angústias dos discípulos de Cristo” (Arquidiocese de Manaus – Paróquia São Pedro Apóstolo – Plano de Organização Eclesial e Diretrizes Pastorais – 2002, p. 175).



Luta pela transformação social, promovida pela Paróquia São Pedro Apóstolo.

Apoiada nos grupos dos quais participei, fui construindo uma atitude mais segura até para comigo mesma. Participei de grupo de jovens e, através dele, desenvolvemos atividades culturais e teatrais, com temas voltados para as questões sociais. Também como agente da pastoral da saúde, fazíamos visitas a idosos e enfermos, levando uma palavra amiga ou procurando orientar a família. Chegamos a concorrer em um festival de música cristã; foi empolgante na época, fiz a letra e melodia de uma canção chamada *A conquista*, e o refrão dizia: “Por isso vamos nessa conquista, de comunidade a comunidade, formar igreja viva, envolvidos provocando a conversão...”.

Participamos na articulação da campanha para eleição da nova diretoria da Associação de Moradores do Bairro de Petrópolis. Foi um trabalho de equipe, reunindo forças ligadas ao núcleo político, o Alternativo de Petrópolis, igrejas católica e evangélica e simpatizantes pela causa. A tarefa era organizar os associados, em torno de seiscentos, cada um procurara identificar seus conhecidos, para organizar as atividades da campanha. A gestão anterior dificultava, forneceu a lista errada dos associados. Deu aquele trabalhão, mas valeu a pena. Em maio de dois mil e cinco, conquistamos a eleição. Atualmente, estamos mobilizando o bairro para a realização de um plebiscito para escolha de um local adequado à construção da feira coberta.

Temporada cultural

Foi um anúncio de jornal que me despertou a curiosidade em saber como é uma produção teatral. Minha participação nos movimentos religiosos ligados à juventude também me impulsionava a procurar outras formas para envolver os jovens e melhor interagir com eles. Assim sendo, em mil novecentos e noventa e três, decidi participar de um grupo de teatro. Era uma produção independente, passei dois anos nesse aprendizado, com disciplina e técnica teatral, que exigia muita criatividade. Ao final do curso, apresentamos a peça *A floresta e os bichos X o homem fogo*, dirigida por Jorge Bandeira. Era voltada ao público infantil, com um pouco de suspense, divertida e educativa, tendo como temática a conservação da natureza. O canto de um pássaro encantado era ouvido pelos bichos e, como um encanto, transformava-os em bichos falantes, que, a partir de então, incumbem-se da missão de salvar a natureza do homem fogo. Eu representava o papel do pássaro encantado. A peça teve uma temporada de quase um ano no Teatro Américo Alvarez. O espetáculo também foi apresentado na Casa da Melhor Idade Dr. Thomas. Foi emocionante a experiência de representar para uma platéia acolhedora, as suas experiências de vida já falavam por si, só estavam lembrando, mas assistiam como fosse pela primeira vez.

Um movimento alternativo

Ao longo de minha jornada, penso que a temática dos movimentos populares dos quais participei contribuiu para despertar em mim o desejo de crescer e caminhar junto, de estar presente na vida do outro, para sonhar junto.

Iniciei timidamente, ainda adolescente, minha participação nos movimentos populares partidários. O núcleo do Partido dos Trabalhadores (PT), em nosso bairro, surgiu pela segunda vez, em mil novecentos e oitenta e sete, com o lançamento de um candidato a vereador, o Edmilson Fontes, “o gatinho”. Durante o período entre o final da década de noventa até dois mil e quatro, acompanhei algumas conversas sobre as campanhas eleitorais, realizadas na cara e na coragem, promovendo eventos a partir das contribuições de cada voluntário. Era característico naquele momento o grupo trabalhar, festejar e sofrer coletivamente nas campanhas. Lembro que fazia boca de urna em frente a minha casa, mas com receio da punição da justiça eleitoral, a realizava de uma forma camuflada.

Mas foi só em agosto de dois mil e três que pude atuar pelo núcleo do partido. Naquela ocasião, havia conversas entre amigos da comunidade, da igreja e membros do núcleo, questionando sobre a não-continuidade de uma iniciativa tão importante e que surgiu na própria comunidade: o cursinho pré-vestibular. Decidimos criar uma equipe para pensar nesse assunto e reativamos o cursinho.

Pioneiro em educação popular, o Alternativo de Petrópolis surgiu em dezembro de mil novecentos e oitenta e sete, a partir de um grupo de estudantes e do desejo de ingressar na universidade. Amigos de movimento popular, vizinhos, o grupo era composto por alunos do segundo grau e universitários, com o objetivo de preparar aqueles para o processo vestibular. Em comum a amizade, a atuação nos grupos de base da igreja católica e no núcleo do partido dos trabalhadores. Questionavam por que e como poderiam se ajudar para que todos pudessem ter acesso ao ensino superior. O grupo não possuía maiores pretensões. Era simplesmente para ajudar os amigos.

De um grupo de doze candidatos, oito foram aprovados para cursos da Universidade Federal do Amazonas no ano seguinte (1988). A partir de então, todo o bairro soube da notícia. Muitas pessoas procuravam o tal cursinho, surgindo como idéia estabelecer um grupo de estudos para o próximo vestibular. Com o ingresso de alguns membros desse grupo no curso de Pedagogia, e a proximidade com projetos vinculados à educação popular, constituiu-se um projeto de extensão, da Universidade, objetivando a continuidade dessa experiência popular, através do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Educação Popular (NEPE), parceria que durou até o ano de mil novecentos e noventa e seis, na gestão do Reitor Marcos Barros. Foram inicialmente aprovadas oito bolsas de extensão para estudantes universitários, que seriam os instrutores do pré-vestibular.

O NEPE também promovia palestras ministradas por pesquisadores e educadores de todo o Brasil que discutiam educação popular. Houve visitas e trocas significativas, pessoas que colaboraram e também levaram a experiência do Alternativo para suas cidades. As bolsas recebidas pelos alunos eram voluntariamente repassadas ao curso pré-vestibular Alternativo, que administrava as despesas. O valor das bolsas tinha dois objetivos: uma parte para ajudar a comprar passes estudantis dos instrutores e outra, para o pagamento das despesas com água, energia elétrica, telefone, material de expediente, para melhorar a estrutura física e pagar as dívidas da máquina copiadora.

Durante esse período, houve um grande avanço no projeto, desde infra-estrutura até o nível de conhecimento dos instrutores, alunos dos cursos de graduação da Universidade e, em alguns momentos, até professores da Universidade ministraram aulas. Com a mudança de gestão e a saída de alguns professores da UFAM para aperfeiçoamento, a parceria não foi renovada, interrompendo os contatos.

A proposta de formação do pré-vestibular fundamentava-se numa perspectiva de envolver cada estudante com um projeto transformador da sociedade, propiciando, sobretudo, um espaço para reflexão acerca das questões estruturais e conjunturais da sociedade brasileira e mundial. Tudo isso no dia-a-dia das aulas, fomentando o estudo a partir da troca de experiências e dos pressupostos teórico-práticos da educação popular. Muitos jovens que participaram como alunos do pré-vestibular retornam, depois, como instrutores. Assim também aconteceu comigo.

Esse aprendizado está mais vivo do que nunca, passou por um momento de adormecimento, para acordar com muita disposição e retornar as atividades. Sem o apoio da

Universidade, o grupo foi se desmobilizando, mantendo-se apenas sob a forma de grupos de estudo. Reunimos-nos e conseguimos avançar na idéia de reiniciar as atividades, que estiveram paralisadas até o primeiro semestre de dois mil e três. Havia muitos questionamentos sobre como iniciar essa nova etapa. Se, a priori, o grupo foi se constituindo naturalmente, reiniciar o projeto parecia desafiador e mais difícil, sem recursos financeiros, material didático e com um grande dilema: como distribuir as vagas (que eram poucas) dentro da comunidade, sem esquecer o principal motivo que nos levou a retomar o projeto.

O calor da atividade e a busca de qualidade para os serviços públicos oferecidos na comunidade nos envolvem. O Alternativo tem procurado ser um espaço de valorização do ensino, mas, principalmente, de valorização do morador do bairro, oferecendo ao jovem a possibilidade de pensar que há outros caminhos, que ele também pode ser universitário. Oferece também a perspectiva de valorização do coletivo, do voluntariado, e o estímulo ao empreendedorismo.

As vagas para o cursinho são distribuídas entre os grupos que apoiaram sua reestruturação. Cada membro do projeto, todos voluntários, indica um candidato. As igrejas católica e evangélica, o núcleo do PT e a Associação de Moradores indicam seus candidatos, havendo sido previamente estabelecido um percentual para cada um, pois o local para realização das aulas era pequeno, cabendo no máximo cinquenta pessoas.

Lembro-me de quando fomos identificar os responsáveis pelas instituições e associações existentes no bairro, para distribuição das vagas, algumas pessoas perguntavam, desacreditadas, se realmente existiam pessoas com esse tipo de preocupação. Nosso bairro existe há mais de oitenta anos, mas não há avanços em termos de bens e serviços para a população.

Reiniciou, no dia 11 de setembro de 2003, uma turma preparatória para o vestibular da UFAM, composta por quarenta alunos. A cada etapa vencida, uma nova proposta. Desde então, outras turmas e vários desafios, dentre eles, a construção e manutenção coletiva de uma ONG. Em quatro de julho de 2004, realizamos a Assembléia Geral de Fundação, tornando-se um Alternativo. Se quiser nos visitar, somos o ALTPET, um coletivo de solidariedade e esperança, na luta por uma universidade para todos.

Que a educação popular implica não só a formação consciente do cidadão – sua função conscientizadora – mas também o fortalecimento do controle político, popular e comunitário sobre o Estado – sua função organizadora. Só o controle político da sociedade civil, altamente organizada, sobre o Estado pode garantir as conquistas e o socialismo, o qual também pressupõe as conquistas democráticas como o pluralismo e o Estado de direito (Moacir Gadotti).

Palavras negras passam em brancas nuvens

Ou não havia capacidade poética nos escravos africanos?

Ao ameríndio restou a classificação

“Exótico!”

E sua escritura,

Primitiva, simplória, infantil.

Certamente há riqueza e variedade

Nos elementos e modelos textuais africanos e ameríndios

Que lhes confere espaço em outros espaços

Poéticos, literários...

Mais do que apenas ser assunto de etnografia.

Já dizia Antonio Risério:

“Quando os europeus principiaram a produzir textos no território hoje brasileiro, os indígenas já vinham, há tempos, produzindo os seus”.

Queremos conhecer nossa origem literária
Queremos inserir na academia
O texto ameríndio, o texto negro.
Conexões UFAM

Maria Auxiliadora dos Santos Reis – Desenho Industrial

